



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Educação Física e Desportos

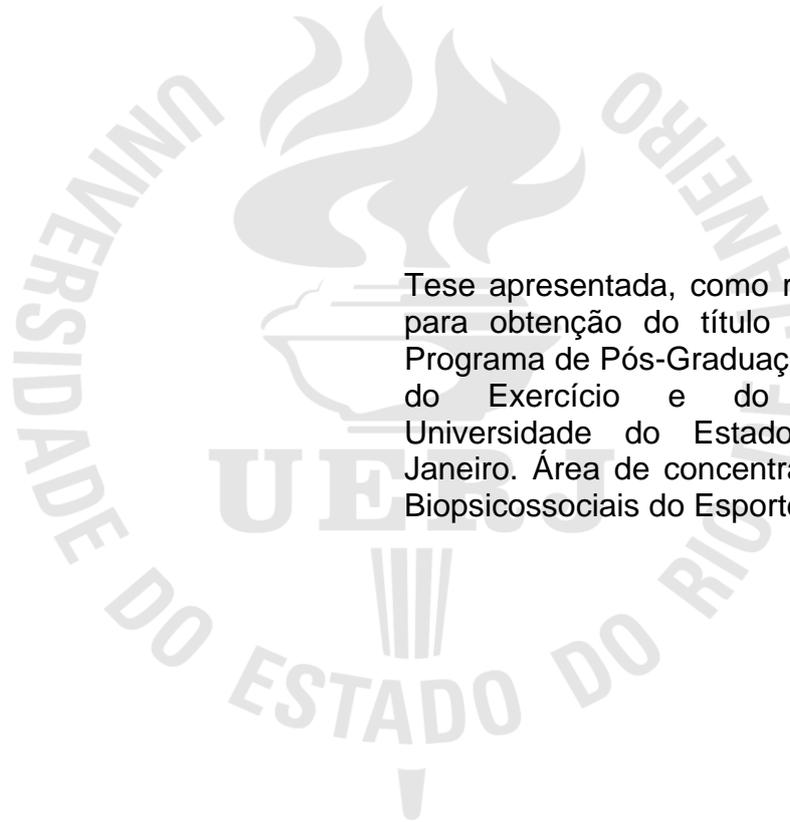
Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

**Estádio do Maracanã:
construção e reconstrução de significados**

Rio de Janeiro
2015

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Estádio do Maracanã: construção e reconstrução de significados



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Josué Votre

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/B

T231 Tavares, Ana Beatriz Correia de Oliveira.
Estádio do Maracanã : construção e reconstrução de
Significados / Ana Beatriz Correia de Oliveira. – 2015.
178 f.: il.

Orientador: Sebastião Josué Votre.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Estádio do Maracanã – Teses. 2. Memória coletiva – Teses.
3. Simbolismo – Teses. 4. Representações sociais - Teses. I. Votre,
Sebastião Josué. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 796.3:725.893(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Estádio do Maracanã: construção e reconstrução de significados

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 10 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sebastião Josué Votre (Orientador)
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof^a. Dra. Monique Ribeiro de Assis
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabiano Pries Deivid
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva
Centro Universitário Augusto Motta

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Bernardino e Angela, base da minha vida.

Aos meus filhos Joana e Theo, que tiveram suprimidas algumas horas de convívio.

Ao meu marido Felipe, frequentador do Maraca, flamenguista, praticamente um 'co-orientador' extraoficial desse estudo.

AGRADECIMENTOS

Ao mestre querido, professor Sebastiao Josué Votre, por mais uma orientação na trajetória da Educação Física e da vida. Pronta para a próxima...

À minha família de ontem e de hoje, presença que me permite estudar e crescer.

A todos os amigos que colaboraram de alguma forma, especialmente Carla Reis pela tradução, Ingrid Fonseca pela leitura e Fernanda Salazar pelo apoio.

Aos companheiros de doutorado, Cláudia, Gabriela e Roberto, presentes da introdução às considerações finais.

Aos informantes, torcedores, amantes do Maraca que participaram da pesquisa, sem eles não teríamos os dados.

Aos professores que aceitaram o convite para fazer parte da banca de qualificação e de defesa.

Aos funcionários e professores do PPGCEE/UGF e PPCEE/UERJ, sempre dispostos a ajudar.

“Se eu errar, corrijam-me”.

J. Paulo II

RESUMO

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira. *Estádio do Maracanã: construção e reconstrução de significados*. 2015. 178f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O objetivo geral desse estudo é analisar as representações do estádio Jornalista Mário Filho, Maracanã, em diferentes momentos de sua história. Corroborando o argumento de Tuan (1983, p. 151) de que o “espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”, a tese central é a de que, o Maracanã se torna um lugar para os torcedores a partir de uma combinação de significados. Estabelecemos objetivos específicos que nortearam quatro artigos com o intuito de contemplar diferentes fases pelas quais o estádio passou nos permitindo verificar a construção de significados sobre o Maracanã. O primeiro deles analisa as reportagens veiculadas pelos jornais sobre o estádio do Maracanã, desde o período do projeto inicial até a sua inauguração (1947 a 1950). O segundo descreve e analisa as formas pelas quais os torcedores experienciaram o Maracanã, possibilitando a construção de significados sobre o estádio. O terceiro artigo tem como objetivo a análise da construção da memória dos torcedores sobre o Maracanã. Por fim, analisam-se as configurações que foram se apresentando na sociedade acarretando a reestruturação do estádio e estabelecendo novas percepções sobre o mesmo. O estudo se justifica pela possibilidade de entendermos como se constrói, a partir das relações entre indivíduo e espaço, um lugar simbólico, principalmente quando o país se prepara para receber grandes eventos sendo obrigado a construir/reconstruir espaços esportivos. Como suporte metodológico, utilizamos a análise do conteúdo (BARDIN, 2011) e o estudo de caso (THOMAS; NELSON, 2002). Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, por meio de análise de documentos e por observação sistemática. Concluímos que fatores como a arquitetura do Maracanã, o decurso do tempo e as experiências vividas no seu interior contribuíram para que o estádio tenha se tornado um lugar afetivo e simbólico para os torcedores cariocas.

Palavras-chave: Espaço. Estádio. Maracanã. Memória. Representações.

ABSTRACT

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira. *Maracanã stadium: construction and reconstruction of meanings*. 2015. 178f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This paper aims to analyze the representations of the stadium Jornalista Mário Filho, Maracanã, in distinct moments of its history. Corroborating Tuan's argument (1983, p. 151) that the "space is transformed in a place as it acquires definition and meaning", the central thesis is that Maracanã becomes a place for the fans based on a combination of meanings. We have established specific objectives which have driven three/four articles, aiming to contemplate the different steps the stadium has passed through and allowing us to verify the construction of meanings about Maracanã. The first of them analyzes the newspaper reports about Maracanã stadium since its opening (1947-1950). The second describes and analyzes the ways the fans have experimented Maracanã, enabling the construction of meanings about the stadium. The third article aims to analyze the construction of the fans' memories about Maracanã. Lastly, we analyzed the configurations introduced in the society, bringing on the stadium's restructuring and establishing new perceptions about it. The study is justified by the possibility to understand how a symbolic place is built, based on the relationships between individuals and space, especially in a moment the country is ready to receive major events and is forced to build/rebuild sport venues. Drawing this path of Maracanã's representation history will allow us to certify, in future papers, to what extent a place interfere in the representations, changing practices and behaviors. As methodological support, we used the content analysis of (BARDIN, 2011) and the case study of (THOMAS; NELSON, 2002). The data was collected through semi-structured interviews, analysis of documents, and systematic observation. We concluded that factors such as Maracanã's architecture, the course of time and the experiences lived within the stadium have contributed to make it an affective and symbolic place for Rio's fans.

Keywords: Space. Stadium. Maracanã. Memory. Representations.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
1	ARTIGO 1 - ESTÁDIO DO MARACANÃ: DOS ALICERCES À OBRA COLOSSAL. (ARTIGO CIENTÍFICO)	13
2	ARTIGO 2 - ESTÁDIO DO MARACANÃ: UM ESPAÇO, UM LUGAR (ARTIGO CIENTÍFICO)	43
3	ARTIGO 3 - ESTÁDIO DO MARACANÃ NA MEMÓRIA DE SEUS FREQUENTADORES (ARTIGO CIENTÍFICO)	73
4	ARTIGO 4 - ESTÁDIO DO MARACANÃ: PERCEPÇÕES A PARTIR DA REESTRUTURAÇÃO ARQUITETÔNICA DE 2010 . (ARTIGO CIENTÍFICO)	146
	CONCLUSÃO.....	177

INTRODUÇÃO

A cidade, exemplo de construção artificial do homem, vai aos poucos surgindo, com vários espaços/lugares, cada qual com suas características e funções que os tornam singulares. A experiência nos locais em que circulamos, sejam locais de trabalho, de lazer, do lar, transforma os *espaços*, escuros, indeterminados, desconhecidos em *lugares* claros, determinados, conhecidos, que se tornam referência de pertencimento, repletos de significados. Cada um desses espaços passa a ser um *lugar* humanizado, provido de valor, de afetividade e de simbolismos (TUAM, 1983).

Os lugares, somatórios de dimensões simbólicas, culturais e emocionais, na relação com os indivíduos estabelecem significados que perpassam gerações, construindo uma memória social. Eles representam a comunidade na qual ele se integra, é o local onde manifestações, práticas, identidades sociais e imagens são criadas e recriadas a todo momento.

Entre os lugares de uma cidade, o estádio de futebol é uma obra arquitetônica que se destaca. É um local de grande importância no mundo esportivo, cenário de inúmeros jogos, que reúne milhares de indivíduos. Um lugar que recebe e gera significados, revelando facetas da nossa sociedade. Menezes (2009) destaca que a organização física e arquitetônica do território, juntamente com as práticas de uso e apropriação de um espaço, são elementos constituintes das imagens culturais e urbanas de uma comunidade.

Neste estudo, nosso objeto será o Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã. Inaugurado em 16 de junho de 1950, foi construído para receber o campeonato mundial de futebol que aconteceria no Brasil naquele mesmo ano. Eurico Gaspar Dutra, presidente da República à época, decidiu encampar um projeto para se construir um grande estádio na então capital federal, o Rio de Janeiro, sendo plenamente apoiado pelo prefeito da cidade, General Ângelo Mendes de Moraes, que escolheu como local para construção do estádio a área do antigo Derby Clube, uma arena para corrida de cavalos no bairro da Tijuca.

A concorrência pública para a construção do estádio ocorreu no ano de 1947 e o projeto vencedor previa um espaço com capacidade para mais de 155.000 pessoas, o que faria dele o maior estádio do mundo. As obras iniciaram-se no ano seguinte e mais de três mil homens trabalharam na construção que, contrariando

todas as previsões da época, ficou pronta a tempo de abrigar os principais jogos da Copa do Mundo no Brasil. Em homenagem ao empenho de Mario Filho em prol da construção, o estádio recebeu, em 1966, o nome oficial de Jornalista Mário Filho, mas é conhecido mundialmente como Estádio do Maracanã (SÉRGIO, 200).

O estádio, que chegou a receber público de 200.000 pessoas no jogo contra o Paraguai, pelas eliminatórias da Copa de 1954 (BUENO,2010), foi durante anos o maior estádio do mundo. Porém, ao longo do tempo, veio sofrendo constantes reformas. Em 2010 iniciou-se a mais profunda em termos estruturais, cujas modificações atendem às configurações da contemporaneidade e também às normas da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), uma vez que o estádio, para receber os jogos da Copa do Mundo de 2014, precisa atender aos inúmeros critérios que vão da segurança ao conforto dos torcedores¹.

Entender questões sobre 'lugar' é importante para o homem. O lugar é um ambiente no qual o homem se estabelece e é a chave para sua existência. No momento em que o país se prepara, construindo lugares públicos, para receber grandes eventos, o estudo torna-se relevante por proporcionar reflexões acerca de um lugar simbólico e das representações construídas sobre o mesmo, que podem estar relacionadas com os comportamentos e práticas dos torcedores.

Corroborando com o argumento de Yi-Fu Tuan (1983, p. 151) de que o "espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado", a tese central é a de que, o Maracanã, se tornou um lugar para os torcedores a partir de uma combinação de significados que foram sendo construídos ao longo dos anos.

Portanto, o objetivo geral do estudo é analisar as representações do estádio do Maracanã, em diferentes momentos de sua história. Para alcançar esse objetivo, construímos objetivos específicos, cada um deles norteando um artigo.

Partimos da ideia de que era necessário conhecer como foi construído esse estádio e quais as discussões travadas acerca do projeto que culminou com a inauguração desse espaço. Para tal, nosso primeiro artigo teve como objetivo:

¹ Os critérios podem ser encontrados no caderno de encargos da FIFA, disponível no site: http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf

² O contato com o Maracanã se iniciou em 1998, quando transitamos pelo local coletando dados para

- Analisar reportagens veiculadas pelos jornais sobre o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã, desde a época das discussões do projeto inicial (1947) até sua inauguração (1950), procurando identificar os significados que lhe foram atribuídos.

Para a análise dos dados utilizamos a metodologia da análise do conteúdo (BARDIN, 2011).

Verificados os significados da construção, no segundo artigo procuramos dialogar com as categorias de ‘espaço’ e ‘lugar’ da Geografia Humanística, buscando resgatar as relações estabelecidas entre o indivíduo e o estádio nos 60 anos de funcionamento do Maracanã. Esse artigo teve como objetivo:

- Descrever e analisar as formas pelas quais os torcedores experienciaram o Maracanã, possibilitando a construção de significados sobre o estádio e contribuindo para a sua transformação de ‘espaço’ a ‘lugar’ (TUAN, 1983).

Seguimos o método do estudo de caso (THOMAS; NELSON, 2002, p. 294).

As alterações estruturais pelas quais o Maracanã passou nesses 60 anos foram, aos poucos, alterando algumas práticas dos torcedores. Com a disputa da Copa do Mundo que em 2014 será realizada no Brasil, o estádio passou por uma nova reforma, dessa vez a mais profunda, na qual somente a parte externa, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi preservada. Analisar os significados do estádio para os torcedores, bem como seus comportamentos e práticas, nos leva ao campo da memória, uma vez que o estádio remodelado nos apresenta um novo cenário. Portanto, o terceiro artigo teve como objetivo:

- Analisar a construção da memória social dos torcedores sobre o Maracanã.

Como metodologia, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

Esses três primeiros artigos nos remetem ao passado e nos auxiliam a entender o presente. Com o encerramento das atividades em 2010, passamos a acompanhar, através da observação de campo, a reestruturação pela qual o Maracanã passou. Reforma que nos proporcionou verificar as novas percepções sobre o estádio que pretende ser moderno, de uma nova era. Essa observação gerou a elaboração de um texto final que teve como objetivo analisar as configurações que contribuíram para a reforma do estádio e as percepções dos funcionários sobre o novo Maracanã.

Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em setembro de 2012 sob o número **CAAE**: 07820112.7.0000.5287.

1 ARTIGO 1 – ESTÁDIO DO MARACANÃ: DOS ALICERCES À OBRA COLOSSAL

RESUMO

As construções esportivas, verdadeiros templos do esporte, são exemplos de lugares com significados simbólicos, culturais e emocionais. Lugares que com o tempo vão formando uma consciência que perpassa gerações, construindo uma memória social repleta de significados. O presente artigo teve como objetivo analisar reportagens veiculadas pelo Jornal dos Sports, jornal O Globo e Jornal do Brasil dos anos de 1947, período em que se iniciaram as discussões acerca da necessidade de o Brasil ter um estádio digno de receber os jogos de uma Copa do Mundo, até 1950, ano da inauguração do Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã, buscando verificar até que ponto essas notícias colaboraram para que o estádio tenha se tornado um símbolo nacional, um espaço pleno de representações sociais que contribuem para determinados comportamentos e práticas dos torcedores. A metodologia utilizada foi a análise do conteúdo (BARDIN, 2011), onde estabelecemos como unidade de registro o tema presente nas manchetes e reportagens da primeira capa dos periódicos sobre o Maracanã e como unidade de contexto as continuções das reportagens nas páginas internas. A partir das leituras percebemos que os periódicos trataram de maneira diferenciada o assunto. O Jornal dos Sports foi o que efetivamente contribuiu para a construção de representações sobre o estádio do Maracanã. As notícias permitiram inferir, num primeiro momento a necessidade de participação de toda a sociedade em prol da construção, pois o estádio seria do povo, de toda uma nação e, num segundo momento, perceber que as ideias que circulavam eram voltadas para a grandiosidade da obra, para a magnitude do feito.

Palavras-chave: História. Futebol. Estádio. Representação.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos um lugar, pensamos não só no espaço ou na arquitetura, mas também nas pessoas que utilizam esses espaços, seja enquanto trabalham ou se divertem, estabelecendo de alguma forma uma relação com o mesmo. Relação consolidada através das vivências e experiências travadas com esse lugar, onde as representações vão sendo construídas, contribuindo para que se torne um lugar simbólico repleto de significados para uma sociedade. Essas representações, segundo Moscovici (1978, p. 41), se constroem no dia-a-dia, “na tensão entre o individual e o social”, através de falas, gestos e comunicações de diferentes tipos.

A cidade nos mostra que, à medida que avançamos no tempo, as sociedades vão se modificando, as paisagens naturais vão perdendo espaço para as obras construídas e, conseqüentemente, representações vão sendo geradas e consolidadas. De acordo com Santos (2008, p. 62): “Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada”. Nessas cidades humanizadas em que dinâmicas sociais vão surgindo e se alterando buscamos entender as relações entre as pessoas e os lugares, assim como a história dos mesmos, analisando seus significados para a sociedade.

Os vários locais de uma cidade nos proporcionam experiências diversificadas. As vivências nos locais em que circulamos vão transformando espaços desconhecidos em lugares afetivos e repletos de simbolismos (TUAM, 1983).

Dentre esses espaços singulares temos os lugares públicos, elementos importantes na consolidação de uma cidade e que, segundo Arantes (1995), são duradouros, ao contrário do que se sucede com os edifícios particulares. São eles que representam a comunidade na qual se integram; e onde manifestações, comportamentos e imagens são criados e recriados a todo o momento.

Hannah Arendt (2007) conceitua como público tudo aquilo que pode ser visto e ouvido por todos e por nós mesmos. Essa aparência constitui a realidade e a visibilidade proporcionada por essa aparência garante a nossa própria realidade e a realidade do mundo. Essa esfera pública, que é o próprio mundo, reúne os indivíduos estabelecendo uma relação entre eles, mas ao mesmo tempo evita uma

colisão. A esfera pública não deve ser vista como um espaço limitado onde os indivíduos apenas habitam, mas sim como um espaço de interposição entre os homens que constroem e habitam o mundo. Arendt, fala ainda que esse mundo, com seus espaços, deve transcender a duração da vida dos homens para que gerações futuras possam usufruir dele, constituindo-se, assim, na memória de uma sociedade. Sem essa transcendência a esfera pública, com seus espaços e suas histórias, se torna inviável.

A convivência com esses espaços cria nos indivíduos um sentimento de pertencimento ao lugar, que é solidificado não só pelo projeto inicial de construção, mas também pelos eventos que ocorrem no interior do mesmo. Ter uma compreensão do projeto inicial, das discussões em torno de uma construção, de como eram veiculadas as informações para a população é fundamental para o entendimento do próprio espaço, dos significados atribuídos a ele e, conseqüentemente, de nossa sociedade.

O estádio de futebol é um lugar que se destaca em uma cidade. Reúne milhares de indivíduos a cada evento realizado. É uma construção com linguagem específica e com discurso próprio, marco visual na paisagem urbana onde a vista exterior é uma forma de experiência em que se estabelece um diálogo com o estádio. Para a arquitetura, não existe dúvidas quanto aos 'lugares' constituírem conjuntos analisáveis de signos.

Para entender os significados do lugar que queremos abordar, devemos primeiro contextualizá-lo no tempo. Analisar como uma construção foi idealizada e realizada, ajuda na compreensão do valor e da singularidade da mesma. Tudo começa no evento da construção e também na sua forma e função. Através destas análises, podemos entender como os indivíduos se relacionam com esse lugar e como ele se torna um símbolo para uma sociedade (GAFFNEY e BALE, 2004).

Para alcançarmos nosso objetivo, escolhemos como fonte três periódicos de circulação nacional e diária. O Jornal dos Sports (JS), específico da área esportiva, foi fundado em 13 de março de 1931 por Argemiro Bulcão e somente em 1936 foi comprado por Mário Filho, que o dirigiu até 1966. As edições diárias só não eram publicadas em algumas segundas-feiras, quando os trabalhadores da gráfica eram impedidos de trabalhar no domingo pelo sindicato (COUTO, 2011). O jornal encerrou suas atividades no ano de 2010 passando para o formato online. O jornal O Globo, fundado em 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho, sediado no Rio de Janeiro,

ainda circula na forma impressa. E o Jornal do Brasil, fundado em 1891 por Rodolfo Dantas, circulou na forma impressa até julho de 2010. Em setembro do mesmo ano passou para o formato online.

O estudo com periódicos nos mostra como os jornais constroem, através de suas notícias, as representações sobre um acontecimento, no nosso caso, a construção de um estádio esportivo. Segundo Pinsky (2011), “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de se chegar até o público” (p. 139). Logo, através da manipulação das notícias, a imprensa acaba sendo um instrumento de intervenção social.

Ainda sobre a fonte utilizada, Bauer e Gaskell (2008) ressaltam que as pesquisas sociais apoiam-se em dados sociais que são construídos nos processos de comunicação. Esses processos podem utilizar modelos informais e formais. No nosso caso, optamos pelas comunicações formais construídas através dos textos de jornais.

Para análise dos dados a metodologia utilizada foi a análise do conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011, p. 48), que, a define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativo às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Seguindo essa metodologia, definimos o tema como unidade de registro, pois segundo Bardin (2011, p. 135), “fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa”. Analisamos as manchetes e notícias veiculadas na primeira página por atingir um maior número de pessoas, pois mesmo os que não compravam os jornais tinham a possibilidade de acompanhar às notícias ao passar pelos locais de vendas. As reportagens internas foram definidas como unidades de contexto, analisadas como suporte para uma melhor compreensão do tema estudado. Selecionamos o período compreendido entre 1947, ano em que se iniciam as discussões sobre a necessidade da construção de um estádio para receber os jogos da Copa do Mundo, e 1950, ano da sua inauguração.

Importante destacar a diferença na forma como as reportagens sobre o Maracanã aparecem nos três periódicos selecionados. O primeiro a ser analisado foi o Jornal dos Sports, de maio de 1947, primeiro mês em que foi veiculada uma notícia sobre o estádio, até o dia 17 de junho de 1950, dia da inauguração para a população, o assunto - Estádio Municipal - era praticamente diário, as notícias vinham na capa ocupando uma área significativa e as páginas internas complementavam as reportagens além de, no período de construção até a inauguração, as imagens do estádio serem bastante utilizadas pelo jornal.

No jornal O Globo, as notícias já não apareciam diariamente e as reportagens se concentravam nas páginas internas, embora certas notícias mostrassem o jornal como um grande incentivador e fiscalizador das obras, contribuindo assim para que o Brasil conseguisse construir um grande estádio.

O Jornal do Brasil seguiu um caminho oposto. As notícias sobre o estádio, durante o período selecionado, praticamente não eram veiculadas na capa, eram reportagens internas na parte destinada aos esportes. Quando veiculadas, as notícias apenas davam informes sobre o andamento da questão - estádio. As manchetes não eram enfáticas nem frequentes não contribuindo com a construção de representações sobre o estádio.

Essa questão das diferentes abordagens dadas pelos periódicos nos fez estabelecer categorias de consenso a partir sobretudo das manchetes e reportagens veiculadas pelo Jornal dos Sports tornando-o o principal responsável por construir representações acerca do estádio. Como veremos, num primeiro momento, as notícias traziam ideias de nacionalismo, pátria e povo. E, num segundo momento, as referências eram magnitude, grandiosidade, beleza e até mesmo força e poder em se realizar uma obra de tamanha proporção.

ANÁLISE

O estádio é então um espaço singular de uma cidade que traz e mantém a memória de uma comunidade, e segue padrões que acompanham nossa história. Sobre essas fases históricas, Cereto (2004) afirma que no Brasil, num primeiro momento, as construções de estádios acompanharam o início das discussões sobre

a necessidade de cidades brasileiras construírem esses espaços, ideia atrelada à divulgação do esporte no Brasil.

Posteriormente, o país passa pelo momento de afirmação do nacionalismo. É promovida uma avalanche de estádios em todos os cantos do país, com dimensões grandiosas que contribuíam para uma imagem do maior e melhor país do mundo.

Mas é somente numa terceira fase que a excelência chega às produções brasileiras, servindo de referência internacional. O exemplo mais importante dessa fase é o Maracanã que aparece com um espaço exclusivo para o futebol e mostra preocupação em estabelecer uma ligação entre estádio e cidade, propondo um espaço que ultrapasse o esporte servindo também para o entretenimento e lazer dos indivíduos.

A história da construção de um estádio nacional se inicia em 1938 com a ida, do jornalista Célio de Barros, como delegado brasileiro, ao XXIV Congresso da FIFA, realizado durante a Copa do Mundo em Paris. A ideia era apresentar a candidatura do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 1942; nesse momento a questão do estádio já se configurava um problema a ser pensado pelos dirigentes, pois nenhum dos estádios brasileiros apresentava condições de receber os jogos. O estádio do Vasco da Gama era o que possuía maior capacidade, 40 mil pessoas, e o estádio do Pacaembu, na época, era só um projeto, ele ainda seria construído e por isso a candidatura do Brasil não era nada promissora.

Com a interrupção das Copas de 1942 e 1946 em virtude das guerras, a candidatura do Brasil só seria relançada, pelo mesmo Célio de Barros, em 1946, no XXV Congresso da FIFA, em Luxemburgo. Com a Europa destruída, o Brasil levou vantagem e teve sua candidatura aprovada (BUENO et al., 2010). A partir desse momento, outros dirigentes chamaram atenção para o fato de que era necessário o Brasil possuir um grande estádio, à altura de receber um evento internacional.

As discussões se iniciam e os meios de comunicação acompanham e informam a população através de seus noticiários. Estampadas nas primeiras páginas do Jornal dos Sports, as notícias ganham espaço com a proximidade da Copa do Mundo de 1950, quando o Presidente Eurico Gaspar Dutra decide encampar um projeto para se construir um estádio nacional na capital federal, Rio de Janeiro, que até então tinha como principal palco esportivo o Estádio de São Januário.

Nesse primeiro momento, retratado pelos jornais publicados no ano de 1947, o assunto era polêmico, não se sabia se a empreitada para os jogos mundiais seria construir um novo estádio ou reformar o de São Januário, aumentando sua capacidade e urbanizando as áreas do entorno. O Jornal dos Sports inicia essa discussão, no dia 14 de maio de 1947 noticiando a impossibilidade da construção pela falta de tempo e uma certeza na reforma, o que gerava outra polêmica sobre quem arcaria com os gastos, se a Confederação Brasileira de Desportos ou o Clube Vasco da Gama.

Exemplo dessa incerteza acompanhada pela população era o jornal do dia seguinte, 15 de maio, que ao contrário do dia anterior, anunciava a possibilidade da construção com o projeto do então presidente Gaspar Dutra defendendo a ideia de que o Brasil deveria ser dotado de praças esportivas espalhadas por diferentes regiões do território brasileiro.

Volta o assunto à ordem do dia, agora com ampla intensidade, dado a aproximação da época assentada para o magno certame internacional. E todas as vozes apontam como de inadiável realização, clamando para que se não negue à nossa Pátria o direito de demonstrar a todos os povos do mundo o alto grau de cultura que devotamos às coisas do esporte, inegavelmente o maior fator para a difusão dos princípios cívicos e eugênicos da nossa gente (Estádio..., 1947, p. 1).

De acordo com as leituras dos referidos periódicos, inferimos que a construção do estádio era um assunto que tinha como motor principal os jogos da Copa, mas atrelado a isso vinham todas as questões de interesses políticos da época como sermos o maior, termos uma sociedade saudável e obediente à pátria através do esporte.

A partir dessa ideia o Conselho Brasileiro Desportivo teve a prerrogativa de constituir comissões para tratar da construção de praças esportivas e do estádio nacional. Inicia-se a campanha para o estádio nacional, necessária devido às inúmeras contradições e oposições que o tema levantava. Apesar da calma com que o assunto vinha sendo tratado, a proximidade dos jogos obrigou a que os parlamentares da Câmara Federal discutissem o tema.

No mesmo período, os jornais mostravam que, no âmbito municipal, as discussões também versavam sobre a reforma de São Januário ou a construção de um novo estádio municipal, ideia que continuava em cogitação, apesar do tempo

para a construção a fim de receber os jogos da Copa do Mundo ser cada vez mais exíguo.

Em 1947, no *Jornal dos Sports*, as notícias eram quase que diárias e com isso a sociedade acompanhava todo esse processo inicial podendo formular suas opiniões e representações sobre o assunto. O jornal *O Globo*, apesar das reportagens não serem tão frequentes e muitas ocuparem apenas as páginas internas dedicadas às notícias esportivas, também lançou uma campanha cujo título era “E o estádio para a Copa do Mundo?”. Dentro do debate traçado por essa coluna, personagens ilustres do meio esportivo e político davam seus depoimentos acompanhando as discussões em torno da construção do estádio, iniciativa que mostrava o apoio dado à empreitada. A ideia central veiculada na mídia era a de que o Brasil precisava de um estádio à altura de um país forte para abrigar os jogos internacionais, mas isso demandaria tempo e dinheiro, além de toda uma logística como casas desapropriadas, urbanização etc. Os defensores da construção lembravam os benefícios que o estádio traria para a população, tanto no campo da saúde pública como na área da prática desportiva. A opinião contrária, por sua vez, defendia a utilização de verbas públicas para a construção de hospitais e escolas. Essas discussões apareceram por todo período inicial até a votação final que definiria se seria ou não construído um novo estádio.

O trabalho das comissões instituídas pela Confederação se intensifica em prol da construção de um novo estádio. Com a apresentação de uma maquete, em uma reunião no Ministério da Educação, o *Jornal dos Sports* publica na capa de 21 de maio “Será o maior do mundo!” e ainda no texto registra: “iniciadas as atividades para a construção do estádio nacional – lotação para 160.000 pessoas – a concepção que supera o Coliseu, contém o que há de mais moderno em superestrutura de concreto” (Será..., 1947, p. 1).

De acordo com as notícias veiculadas pelo jornal, no final de maio a comissão se reúne com o prefeito do Distrito Federal para averiguar com este sobre o interesse na construção do estádio. Hildebrando Góes, então prefeito, se mostra bastante simpático à ideia de uma praça esportiva na capital, pois julga estar satisfazendo um interesse da coletividade. Fica resolvido, a partir das considerações feitas nessa reunião, que o prefeito enviará à Câmara Municipal uma mensagem solicitando a votação do crédito já devidamente calculado para o início imediato das

obras. Restaria o impasse da cessão de um terreno pela prefeitura para a realização da obra, ponto que dependeria de aprovação do legislativo.

Questões administrativas sendo resolvidas, as notícias publicadas eram sempre a de que o Brasil precisava de um lugar à altura para receber a competição internacional. Como exemplo a manchete do Jornal dos Sports do dia 1º de junho: “Que o campeonato do mundo encontre um cenário condigno” (Que..., 1947, p. 1). Mas as questões financeiras também poderiam se tornar um impasse para a realização de tal empreitada e, atrelado a isso, surgiu a discussão quanto à natureza municipal ou federal do estádio, o que evidentemente iria determinar o órgão responsável pelo seu financiamento. Interessante é que o debate sobre as esferas federal e municipal foi o estopim para que se iniciassem posicionamentos nacionalistas, e conseqüentemente, notícias de que esse ponto deveria ser superado, pois o estádio, necessário para receber a Copa do Mundo, seria do povo, seria do Brasil, era um compromisso internacional que deveria ser honrado pela nação. Esses eram discursos importantes que os jornais mostravam em suas notícias a partir desse momento. O jornal O Globo, no dia 09 de junho publica “O estádio deve ser brasileiro (...) devem se unir os poderes federais e municipais e, com a ajuda e trabalho comum, apressar a solução do problema” (Estádio..., 1947, p. 9). Na posse do novo prefeito, General Ângelo Mendes de Moraes, após a exoneração de Hildebrando Góes, o texto publicado no dia 7 de junho pelo Jornal dos Sports exemplifica essa fase:

Não há como, pois, fugir do dilema que não é de ninguém, mas de todos os brasileiros: construa-se já o estádio, ou confesse-se a falência da nossa capacidade organizadora transferindo a outrem a oportunidade de aparecer como país sede do evento que concentrará as atenções do mundo (Entusiasta..., 1947, p. 1).

O projeto foi plenamente apoiado pelo então prefeito da cidade, o General Ângelo Mendes de Moraes, que escolheu como local para construção a área do antigo Derby Clube, uma arena para corrida de cavalos, no bairro da Tijuca. O apoio do prefeito rendeu alguns meses e as notícias do Jornal dos Sports eram sempre otimistas. As manchetes anunciavam a grandiosidade da obra esperada por todos após as discussões iniciais acompanhadas de perto pela população. “Capacidade para 200 mil torcedores - iniciado o estudo dos planos para a construção do estádio no Derby Club” (Capacidade..., 1947, p. 1). O projeto ainda previa solução de

problemas urbanísticos, como inundações na região, o que fazia da população uma massa de admiradores em prol do empreendimento. Talvez esse tenha sido um importante momento na construção de representações sobre o estádio.

Quando finalmente chegou-se à conclusão de que o mesmo seria municipal, com a esfera federal auxiliando no que preciso fosse, as notícias versavam sobre o estádio como um monumento, “perfeito e melhor condizente com as últimas conquistas da moderna arte de construção e os grandes adiantamentos feitos na armação de estruturas monumentais” (Reuniu-se, 1947, p. 1); “O mais perfeito da atualidade” (O mais..., 1947, p. 4).

No dia 16 de julho do mesmo ano, o Jornal dos Sports publica os quesitos que os arquitetos interessados na obra deveriam cumprir: estádio fechado, curva perfeita em forma de elipse, movimento do público por meio de rampas; perfil das arquibancadas em parábola para balancear a visão; lotação mínima para 120.000 espectadores sentados e 30.000 em pé, entre outras considerações que seriam apresentadas pelo projeto final.

Um grupo de quatro arquitetos uniu-se para a feitura do projeto. Segundo o Jornal dos Sports, eles deixariam de ser concorrentes para tratarem do assunto “de forma mais patriótica possível” (Nacional..., 1947, p. 1). Enquanto as notícias continuavam a circular com as ideias de patriotismo, estádio do povo, grandiosidade, monumentalidade, a fase era de decisões finais como financiamento da obra, urbanização da área, permuta de terrenos e outros assuntos para que finalmente fosse o projeto aprovado e se iniciasse a construção.

O prefeito, na carta enviada à Câmara com o projeto do estádio, expõe os objetivos da construção, e mais uma vez, podemos perceber a ligação entre estádio, esporte e povo. Alguns trechos da carta publicada no dia 9 de agosto pelo Jornal dos Sports demonstram a relação que se pretendia com a construção:

O povo carioca realiza no desporto o saudável derivativo que afugenta ou amortece a fadiga do trabalho [...] a atividade esportiva favorece o clima de comunhão necessário a vida dos povos [...] a juventude que frequenta o estádio faz a cultura da vida, o estádio é escola antes de ser teatro (Não haveria..., 1947, p. 4).

E ao final da carta, aparece o convite à população para que se mobilize, se solidarize e junte forças na empreitada que só traria orgulho para a nação. O jornal

O Globo também retrata esse momento, veiculando notícias com textos que chamam a população para contribuir com a construção, fortalecendo o espírito nacionalista.

A possibilidade de construção e reforma só é possível com a colaboração irrestrita do povo brasileiro (...) ajuda do povo uma vez que o estádio é para diversão do povo. Todos devem trabalhar desprendidamente, olhando o Brasil. O estádio deve ser brasileiro (Devemos... 1947, p. 16).

Este projeto de Mendes de Moraes foi duramente questionado pelo seu principal inimigo político, o vereador Carlos Lacerda, que reclamava não só dos gastos necessários para mobilizar a construção do estádio como também do local escolhido pelo prefeito, alegando que seria melhor para a cidade se a construção fosse feita na Zona Oeste, mais especificamente no bairro de Jacarepaguá. Quanto ao local, todos sabiam dos inevitáveis impasses que a construção traria para os moradores da zona norte, como ocorreria em qualquer outra parte da cidade.

Os debates separavam as pessoas em grupos contra e a favor da obra e principalmente construíam representações sobre o estádio. Para os defensores, o gasto com esporte não interferiria em outros gastos, o estádio seria autônomo, como os clubes, e os gastos seriam posteriormente ressarcidos ao Poder Público, logo, não haveria prejuízos no âmbito social.

Exemplos desses posicionamentos antagônicos são as entrevistas concedidas ao Jornal dos Sports que, durante alguns meses, publicou uma enquete com os vereadores sobre o tema. No dia 5 de setembro o jornal publicava em sua capa: “Que venha um e mais estádios, mas que as crianças e os humildes possam também desfrutar os seus benefícios” (Que venha..., 1947, p. 1), essa declaração da vereadora Sagramor de Scuvero mostra a clara preocupação de que aquele espaço também atendesse às grandes massas. Esse posicionamento atrelava o voto a favor da construção com a finalidade que teria esse estádio, pós Copa do Mundo. A vereadora queria um grande plano que entrosasse, dentro das finalidades públicas que teria o empreendimento, benefícios não só para os que pudessem comprar o ingresso de entrada para um jogo de futebol, “mas também para que as crianças, jovens e velhos dos subúrbios, morros, favelas e casas de cômodos tivessem seu lugar ao sol no concerto esportivo e social da metrópole” (Que venha..., 1947, pg.1).

Esse discurso colaborava para a ideia de que seria um estádio do povo e para o povo. O assunto era tão conturbado que essa mesma vereadora, que era a favor da construção, no momento de discussão na câmara, votou contra.

Também participou da referida enquete o vereador Leite de Castro, esse que se achava a primeira voz na aprovação das obras e que não poderia se posicionar contra por ser uma espécie de representante dos esportistas do Rio de Janeiro e de todo o Brasil. Para ele a construção era uma questão da cidade e não de grupos políticos ou de grupos da população e, no dia 6 de setembro, o *Jornal dos Sports*, publicava a entrevista com a opinião do vereador:

A questão é da cidade e não foi criada por ninguém, pois como impõem o crescimento da urbi nas obras públicas de vulto tais que abertura e alargamento de ruas, empreendimentos de assistência social, etc., assim também urge como corolário desse determinismo urbanístico, a instalação de praças esportivas para o cumprimento da inapelável necessidade mental e corporal que o esporte significa para o povo (*O pensamento...*, 1947, p. 4).

Esse debate, mostrado pelo *Jornal dos Sports*, era praticamente diário e exaustivo e de acordo com o relato de alguns políticos, acabava ocupando um tempo e um espaço que deveria servir para discussões de outras questões mais importantes da sociedade. Porém, com a proximidade da Copa do Mundo de 1950, era imprescindível que se ultrapassasse essa fase para que o estádio pudesse ser erguido. O jornal acabava servindo para expor as reflexões e posicionamentos dos vereadores para a sociedade e assim contribuía para a formação de um imaginário sobre as polêmicas e sobre o próprio estádio.

O *Jornal dos Sports*, que tinha como seu diretor um grande defensor da obra, o jornalista Mario Rodrigues Filho, acabava não ficando neutro nessa disputa. Tamanhas eram as discussões sobre o tema que o jornal criou uma coluna chamada 'Batalha do Estádio', que no dia 9 de setembro publicava na capa: "Obstruem os trabalhos os inimigos do esporte" (*Batalha...*, 1947, pg. 4). Manchete que mostra também que as disputas iam além da simples construção, eram embates no campo político, que refletiam interesses diferentes nesse cenário e onde a obstrução à obra era também uma forma de oposição política.

Notamos nas matérias publicadas que a vinculação da construção não era somente com a questão dos jogos do campeonato mundial de 1950, mas estava atrelada também às questões políticas, financeiras, sociais e turísticas que

apareceriam com a Copa e que se perpetuariam para a sociedade em geral. No dia 11 de setembro do mesmo ano o Jornal dos Sports publicava que a Câmara de Vereadores tinha aprovado, em primeira discussão, o projeto Iguatemy Ramos que autorizaria a Prefeitura a construir um grande estádio e outras praças esportivas nos subúrbios. No dia 2 de outubro, a notícia de aprovação em segunda e terceira discussões foi dada pelo jornal como a vitória de uma batalha e o início de uma nova etapa, a etapa da obra.

Mesmo com uma forte oposição, Mendes de Moraes conseguiu realizar o projeto, principalmente devido ao apoio do jornalista Mario Rodrigues Filho. Foi um início marcante para o que se tornaria posteriormente um símbolo de grandiosidade, de vitórias, de fracassos, de alegrias e outros sentimentos que cada um nutre, pelo que foi um dia o maior estádio do mundo.

De acordo com as notícias, a concorrência pública para a construção do estádio ocorreu nesse mesmo ano de 1947 e o projeto vencedor previa um estádio com capacidade para mais de 155.000 pessoas, o que faria deste o maior estádio do mundo. As obras iniciaram-se no ano seguinte. O Jornal dos Sports, durante os anos de 1948 e 1949, continuou cobrindo, passo-a-passo, a construção, informando à população sobre cada acontecimento.

Durante esses dois anos as publicações versavam sobre a impressionante capacidade de se construir tal empreendimento, sempre enaltecendo os brasileiros por essa conquista. As fotos da obra do estádio eram frequentes nas capas das publicações e serviam para os indivíduos acompanharem cada degrau da arquibancada que ia surgindo e cada etapa que se finalizava.

Em 1950 a construção entrou na reta final, a grandiosidade, a magnitude e a beleza eram tão visíveis que autoridades do país e do exterior que visitavam o estádio parabenizavam a nação pelo feito. Os jornais estampavam em suas capas notícias sobre o grande feito. O jornal O Globo do dia 15 de junho, véspera da inauguração, coloca as seguintes frases na capa: “A maior praça de esportes do mundo. Justo orgulho para os brasileiros. Tempo recorde para obras de tanto vulto. Espírito empreendedor que desafia os pessimistas. Capacidade do Brasil e seu povo foi mostrada para o mundo” (Afinal..., 1950, p. 1).

A fama de Colosso do Derby era internacional e a inauguração, prevista inicialmente para maio, foi marcada para 16 de junho de 1950, com uma cerimônia para autoridades e no dia 17 para a população, essa que acabou tendo um papel

importante nessa batalha em prol da vitória, colaborando desde o apoio à construção até a ajuda financeira com a compra de cadeiras cativas. Dia 16 de junho o Jornal dos Sports teve sua capa quase inteiramente dedicada à entrega do estádio. Manchetes e reportagens retratam o momento.

Entrega do maior estádio do mundo ao povo! – o Colosso! (...), inaugura-se o monumento do Derby – O nosso Estádio! Enorme. Majestoso. Imponente. Ali está ele plantado nos terrenos do antigo Derby Club, como um símbolo de fé nos homens do Brasil. Em sua magnificência de concreto armado, assombrando os filhos de outras terras quando informados do tempo em que foi erguido, só ele será bastante para consagrar na memória da posteridade a lembrança de uma administração (Entrega..., 1950, p. 1).

No dia 17 de junho de 1950, finalmente a população pôde estar presente no estádio municipal. O jogo festivo entre Rio X São Paulo recebeu um público em torno de 150.000 espectadores, pessoas de todos os cantos que acompanharam, nesses quase quatro anos, todas as discussões, polêmicas, ideias em torno desse monumento. E o Jornal dos Sports ao noticiar a inauguração conseguiu captar toda a atmosfera do dia, talvez a mesma atmosfera presente nesses 60 anos em dias de jogos dentro desse templo do esporte.

[...] Com verdadeiras multidões se deslocando de todos os bairros da cidade [...] confundidos alegremente, homens, mulheres e crianças utilizando-se de todos os meios de transportes e ao seu alcance tomando rumo ao estádio, rumo da maravilha arquitetônica que simbolizará eternamente a vontade e a energia dos brasileiros. Seguiam satisfeitos, sem lamentar as dificuldades surgidas, certos de que todos os sacrifícios seriam recompensados pelo espetáculo [...] cada um como entrando em sua casa - o bom humor e a satisfação diziam bem da importância da obra e quanta alegria veio ela causar no seio da massa esportiva [...] o homem do povo, o operário, o estudante, o grã-fino, enfim todos os setores da vida social de uma grande metrópole demonstravam que tudo estava perfeito, que não havia reclamações (Aos esportes..., 1950, p. 8).

A obra, que contou, em média, com 3.000 operários e na sua reta final com mais de 10 mil, trabalhando manhã, tarde e noite na construção do estádio, contrariou muitas previsões pessimistas da época, ficando pronto em 665 dias, a tempo de abrigar os principais jogos da Copa do Mundo no Brasil. Ressalte-se, entretanto, que o fim definitivo das obras só se deu quase quinze anos depois, no ano de 1965. Em homenagem ao empenho de Mario Filho, o Estádio recebeu o

nome oficial de Jornalista Mário Filho, mas é conhecido mundialmente como Estádio do Maracanã (SERGIO, 2000).

O termo Maracanã vem do Tupi e significa *maracá* (chocalho) com *nã* (semelhante). É um papagaio grande conhecido no norte do país como Maracanã-guaçu. O som emitido pela ave é semelhante ao de um chocalho, daí o nome dado pelos indígenas. Habitavam em grandes bandos, a região do Derby, antes da construção do estádio. É também o nome do rio que passa em frente ao estádio e que dá nome ao bairro onde está localizado.

O estádio, que chegou a receber públicos com mais de 180.000 pessoas, foi durante muito tempo o maior do mundo, mas vem sofrendo constantes reformas. Uma delas ocorreu em 1999/2000, quando as arquibancadas foram setorizadas e cobertas por assentos, reduzindo sua capacidade quase à metade. Essas modificações visavam atender às normas da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), como por exemplo segurança dos torcedores. Mas, para alguns pesquisadores, tais como Holzmeister (2005), essas alterações também podem estar a serviço de uma lógica econômica que transforma o jeito dos torcedores se comportarem no estádio.

Recentemente ele passou por uma significativa reestruturação, como nunca fora feito anteriormente. Para sediar eventos internacionais como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 a modernização foi uma imposição para que o estádio pudesse receber os jogos desses eventos. O projeto mostra que ele entrará para o rol dos estádios mais modernos do mundo, cumprindo cada uma das exigências da FIFA, da segurança à modernidade passando pelo conforto dos torcedores.

Com essa reestruturação, possivelmente ele pode gerar novas representações, continuando ou não com sua atmosfera especial. Porém, as experiências vivenciadas pelos indivíduos nesses 60 anos, certamente fazem dele um lugar de memória para nossa sociedade.

Segundo GAFFNEY e BALE (2004, p. 37) “a experiência do estádio é uma combinação de senso e de pensamento. Estádios, e eventos que ocorrem dentro deles, não podem ser plenamente compreendidos a menos que alguém os experimente”. A experiência vem dos diferentes modos através dos quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção arquitetônica, que cria linguagens, representações com diversos sentidos para os indivíduos, é considerada por Coelho Neto (2009, p. 14) “como a grande (e talvez realmente a única) forma de expressão artística que se não é conscientemente dedicada às grandes massas é, pelo menos, aquela a que estas têm acesso do modo mais imediato possível”. E, essa acessibilidade imediata pode facilitar a criação de símbolos significativos para uma sociedade, como é o caso de estádios esportivos onde, mesmo aqueles que não os frequentam, podem usufruir do mesmo através da visibilidade.

Vimos que o Maracanã é uma possibilidade de espaço onde a memória de uma sociedade se perpetua. Desde o projeto polêmico no aspecto político, passando pela construção, com a grandiosidade dos números envolvidos de funcionários e materiais necessários até os eventos que ali acontecem como a histórica derrota para o Uruguai na Copa de 1950, são momentos que foram relatados pela mídia, que ficam registrados e que são lembrados com certa frequência e vão construindo, além da memória, um imaginário, uma representação sobre esse espaço.

O modo como os indivíduos sentem e representam o ‘lugar’ tem relação direta com o tipo de espaço e de construção, mas também é estabelecida através das informações passadas pelos meios de comunicação. A tabela abaixo mostra as ideias que foram trabalhadas ao longo desse processo de construção pelos periódicos analisados, formando núcleos de sentido que contribuíram para a formação de representações sobre o Maracanã.

<p align="center">Período: discussões sobre o projeto</p>	<p align="center">Período: obra do estádio</p>
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Construir ou reformar ✓ Estádio nacional x municipal ✓ Gastos financeiros (particular x público) ✓ Honrar compromisso internacional ✓ Obra do povo - nacional ✓ Interesse da população/ área de lazer 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Magnitude da obra – números e dificuldades ✓ Tempo para a execução – mostra força/ proeza da nação brasileira ✓ Grandiosidade - o maior do mundo ✓ O mais moderno / o mais belo

Através da análise do conteúdo (BARDIN, 2011) inferimos que, em um primeiro momento, o objetivo era fazer aparecer um espírito nacionalista. Palavras como ‘do povo’, ‘nacional’, ‘nossa nação’ bombardeavam as capas dos jornais. A população deveria contribuir para tal empreitada, seja acompanhando as discussões, seja financiando através da compra de cadeiras cativas. Após a vitória desse primeiro momento, com a definitiva permissão para o início das obras, surgem as expressões de grandiosidade e magnitude. ‘Colosso do Derby’, ‘vias colossais’, ‘obra majestosa’ e ‘o maior do mundo’ são manchetes largamente utilizadas pelos jornais, que além de contribuírem para a construção de uma representação positiva sobre o estádio, também mostram a força do Brasil e do povo brasileiro.

Segundo Augé (1994), pode-se destruir ou construir um espírito comunitário, um sentimento de identificação e pertencimento a partir de um espaço fornecido. Os significados atribuídos pelos periódicos ao Maracanã auxiliaram na construção de sentimentos, como alegria, identidade, união, força e poder, elementos importantes da relação entre o torcedor e o estádio que contribuem para o surgimento de um lugar afetivo, símbolo de uma comunidade. As pessoas se mostram satisfeitas quando se movimentam por determinados espaços. Segundo Coelho Neto (2009, p. 50) “não há como negar: o espaço livre é o lugar de libertação do homem, um espaço de festa”.

A partir desses significados iniciais procuraremos, a seguir, analisar como se deram as formas pelas quais os torcedores experienciaram o Maracanã, contribuindo para sua transformação em lugar afetivo.

Entender os significados do Maracanã para os torcedores, num momento de reestruturação onde um novo estádio surge, será objetivo de um estudo posterior que nos auxiliará no entendimento das relações entre espaço e indivíduo, relação essa que reflete nossa própria sociedade.

REFERÊNCIAS

- AFINAL o estádio! **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, pg. 1, 15 de jun 1950.
- AOS ESPORTES do Brasil o colosso da cidade. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 8. 17 jun. 1950.
- ARANTES, O. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Edusp, 1995.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 10ª edição, 2007.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papiurus, 1994.
- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATALHA do Estádio. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 4. 9 set 1947.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com textos, imagens e sons: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BUENO, E *et al.* **Maracanã 60 anos: 1950-2010**. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2010.
- CAPACIDADE para 200mil torcedores. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 1 jul. 1947.
- CERETO, M. P. **Arquitetura de massas: o caso dos estádios brasileiros**. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- COUTO, A. A. G. **Uma arena de notícias: a fundação do Jornal dos Sports e os seus primeiros editoriais**. In: Encontro regional da Anphur-Rio, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276705454_ARQUIVO_TextoAnpuh2010.pdf> Acesso em: 29 mar. 2012.
- COELHO NETO, J. T. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DEVEMOS cuidar da construção do estádio. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, pg.16, 5 jun, 1947.
- ENTREGA do maior estádio do mundo ao povo. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 16 jun 1950.
- ENTUSIASTA da construção do estádio: o novo prefeito. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 7 jun 1947.

ESTÁDIO Nacional. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 15 de mai 1947.

ESTÁDIO para a Copa. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, pg. 9. 9 de jun 1947.

GAFFNEY, C.; BALE, J. Sensing the stadium. In: VERTINSKY, P; BALE, J. (orgs.) **Sites of sports, place, experience**. London and New York: Routledge, 2004. p. 25-38.

HOLZMEISTER, A. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. 114f. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun, 2002.

MENEZES, M. **A praça do Martim Moniz**: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol.15, n.32, jul./dec, 2009.

MOSCOVICI, S. **Representação Social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

NACIONAL de arquitetos para o estádio. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 6 ago, 1947.

NÃO HAVERIA harmonia na política social que aumentasse o número de hospitais e reduzisse o das praças desportivas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 4. 9 ago, 1947.

O MAIS perfeito da atualidade. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 4. 17 jul 1947.

O PENSAMENTO do vereador Leite de castro sobre a praça esportiva para o campeonato mundial. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 4. 6 set 1947.

PINSKY, C.B. (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

QUE O campeonato do mundo encontre um cenário condigno. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 1 jun. 1947.

QUE VENHA um e mais estádios. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 5 set 1947.

REUNIU-SE a comissão especial do projeto. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 11 jul 1947.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008. 4 edição.

SERÁ o maior do mundo. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 21 mai 1947.

SERGIO, R. **Maracanã, 50 anos de glória**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

ANEXO – Ilustração dos periódicos

Jornal dos Sports, 16 de junho de 1950, p.1 (capa).

ENTREGA DO MAIOR ESTADIO DO MUNDO AO POVO!

O COLOSSO!

UMA PERGUNTA FOI FEITA: "E O ESTADIO PARA A COPA DO MUNDO?"

MÁRIO FILHO FOI O PRIMEIRO SOLDADO DA BATALHA DO ESTADIO!

O OPERÁRIO BRASILEIRO DEMONSTRÓU TODO O VALOR DA SUA COOPERAZÃO.

O GENERAL DA BATALHA DECLARÓ: "O ESTADIO NÃO É UMA PROMESSA E UM COMPROMISSO."

O CORONEL HERCULANO GOMES FOI O GRUPO CO FORTE

JORNAL DOS SPORTS

NESTE ESTADIO HAVEREMOS DE SER CAMPEÕES DO MUNDO!

INAUGURA-SE O MONUMENTO DO DERBY

Significação Do Magno Acontecimento

Rememorando O Que Foi A "Batalha Do Estadio", Que Se Venceu Grandemente — Hoje As Cerimonias Officiais — Os Júbilos De JORNAL DOS SPORTS — O Antecurso Da A. D. E. M. E Sua Consequencia

HOJE A VOZ DA REPUBLICA HELVETICA

FALA O SR. ENCARREGADO DOS NEGOCIOS DA SUICA

Como O Dr. Fernando Bernoulli Ve A "Copa Do Mundo"

Embalxada Da Amizade Acima — De Tudo —

NUMERO AVULSO Cr\$ 0,50

Prontos Os Cariocas Para Amanhã

ALOISIO NA PONTA DIREITA, UNICA ALTERAÇÃO PROCEDIDA O QUADRO PARA ENERENTAR OS PAULISTAS

DUAS SEDES

APROVEITE AGORA! Compre na grande venda de FIM DE SERIE as famosas casimiras "Imperial".

R. Monteiro S. A.

Rua Uruguaiana - 106 - Esq. Rosario Av. Rio Branco - 151 - Esq. Assembleia Senador Dantas, 7.

Fonte: Biblioteca Nacional

Jornal dos Sports, 18 de junho de 1950, p.1 (capa).

Sem Precedentes, Na Vida Esportiva Do País, A Abertura Dos Portões Do Gigante Do Maracanã

A CIDADE INVADIU O ESTADIO!



JORNAL DOS SPORTS

O Gigante, Repleto!
 Apesar de estar lotado, o estádio não apresenta qualquer sinal de fadiga. O clima é maravilhoso e a festa continua até tarde da noite. O show de luzes e som é muito interessante e incom-

de fazer esquecer, integrando-se com a música das bandas que tocam. A festa continua até tarde da noite. O show de luzes e som é muito interessante e incom-

mente, de modo que não se pode esquecer o espetáculo que se realizou no Maracanã. O clima é maravilhoso e a festa continua até tarde da noite. O show de luzes e som é muito interessante e incom-

GENTE DE TODAS AS CLASSES AFLUIU À MAIOR PRAÇA DE ESPORTES DO MUNDO
 Calculado Em 150.000, O Número De Espectadores Um Espetáculo Indescritível Para Quem Esteve Ausente!

No Estádio E Fora Dele — Romarias Intermináveis — As Solenidades Cívicas E A Revolução De Pombos

Desde cedo a rua da população que circunda o Maracanã Municipal, apresenta a animação própria desta ocasião. De longe se ouvem os gritos de entusiasmo dos milhares de espectadores que se aglomeram em volta do estádio.

“MONUMENTO DA GRATIDÃO”!
 Como Os Esportes Distinguiram A Benevolência Do General Angelo Mendes De Moraes — A Inauguração De Ontem — Magníficas Expressões Do Sr. João Lyra Filho E Um Hino Do Prefeito Carioca A Dedicção Dos Trabalhadores Do Estádio Municipal — Outros Detalhes

Na tarde de ontem, após a inauguração do Estádio Municipal, realizou-se uma grande festa de agradecimento aos funcionários e colaboradores do estádio.

Willy Meisl:
 Os Jogadores Foram Melhores Que O Jogo
 Ler Na Página De Colaborações Palpitantes Impressões De Famoso Cronista Inglês Sobre Caricocas E Paul Nélis

WILLY MEISL

DUAS SÉCULAS
 Edição de Hoje 16 PÁGS.
 R\$ 1,00 (incluindo o frete)

O espaço de um repouso completo no banheiro, com o melhor preço.

BRYLCREEM
 O melhor para o cabelo.

Já No Sábado Não Haverá Vestígios Da Obra-Record!
 Todo O Madeiramento Estará Retirado E O Estádio Com A Fisionomia Definitiva — O Espanto De Monsieur Jules Rimet

Um detalhe digno de nota é a retirada do madeiramento do estádio, o que permitirá a construção de um novo estádio, mais moderno e adequado para os jogos internacionais.

OUTRA VÍDEO SENSACIONAL DA GLORIOSA TARDE DE ONTEM — Este outro espetáculo, realizado pela Rádio Nacional, oferece a oportunidade de que seja feita uma retrospectiva da obra do Maracanã. Longo tempo da população gosta de assistir ao espetáculo, e muitos terão a oportunidade de vê-lo.

APROVEITE AGORA! Compre na grande venda de FIM DE SÉRIE as famosas casimiras "Imperial" **R. Monteiro S. A.** Rua Uruguiana - 106 - Esq. Rosário Av. Rio Branco - 151 - Esq. Assembléia Senador Dantas, 7

Fonte: Biblioteca Nacional

COMEMORAÇÃO GIGANTESCA DO 9 DE JULHO COMO PROTESTO À CANDIDATURA VARGAS

URGÊNCIA PARA O CÓDIGO DOS MILITARES



A TOCHA HUMANA — Na mesa central do adorno em Alameda, a coroa de Herberth...

PROTESTO CONTRA O APOIO OFICIAL DE SÃO PAULO AO EX-DITADOR

O Clube Piratininga, depois de uma reunião de várias horas, resolveu lançar um manifesto, conciliando os partidos, o povo, os estudantes e a imprensa a uma frente única...

VARGAS INSTALARÁ SEU Q. G. EM SÃO PAULO

Um grupo de militares, liderados por Getúlio Vargas, anunciou que se preparava para instalar seu quartel-general em São Paulo...

NÃO PODEM AUMENTAR O PREÇO

Estão abusando certas farmácias e lojas de artigos de higiene e limpeza...

SITUAÇÃO enredada

As negociações de paz entre os grupos militares e civis continuam sem avanços significativos...

O LÍDER DA MAIORIA, SENHOR AGUIRRE TORRES, DECLARA A 'O GLOBO' QUE DETERMINARÁ ESSA MEDIDA, LOGO CHEGUE A PLENÁRIO DO PROJETO, QUE SERÁ DEBATIDO, NA PRÓXIMA SEMANA, NA COMISSÃO DE FINANÇAS DA CÂMARA

MUITO se tem afirmado sobre a Câmara de Vereadores e Vereadores dos Militares, inclusive que ele estaria sendo 'conquistado' no Parlamento...

EDIÇÃO FINAL

DEFENDAM-SE CONTRA OS TURISTAS INDESEJÁVEIS DA COPA DO MUNDO

A Polícia faz novas recomendações aos visitantes à própria população...

CONCLUI NA 2.ª PAGINA

EMPRESTIMO imobiliário e auxílio para casamento

ASSIGNADA A REGULAMENTAÇÃO NA PREFEITURA — AS INAUGURAÇÕES DE HOJE

CONCLUI NA 2.ª PAGINA

VIAGEM PARA O ALTO SÃO FRANCISCO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

CHEGOU A PRIMEIRA PARTE DA DELEGAÇÃO ITALIANA

NOVO O SUBSTITUTO DE FOZZO, ALEM DO VICE-PRESIDENTE NAUJO ENTRE OS VIAJANTES DE HOJE

CONCLUI NA 2.ª PAGINA

DESTA VEZ, O MORRO VIRÁ MESMO ABAIXO



Desta vez, o morro de Santa Antônia vem mesmo abaixo. As obras de terraplenagem...



As praças ganham vida e a rua dos Marquês é movimentada. As praças ganham vida...

TODOS ATIRAVAM CONTRA O OFICIAL!

Caçado a tiros, da redação às oficinas do jornal — O impressionante depoimento do Cap. Humberto Vasconcelos

Caçado a tiros, da redação às oficinas do jornal — O impressionante depoimento do Cap. Humberto Vasconcelos...

O SENADO ENALTECE A OBRA DO PREFEITO

A administração do prefeito de São Paulo...

CONCLUI NA 2.ª PAGINA

IMPETRA 'HABEAS-CORPUS' O EX-CAPITÃO AGLIBERTO VIEIRA

O ex-capitão Agliberto Vieira...

AFETA MORALMENTE O BRASIL

O roubo de dinheiro...

CONCLUI NA 2.ª PAGINA

CHEGOU A PRIMEIRA PARTE DA DELEGAÇÃO ITALIANA

Novo o substituto de Fozzo, alem do vice-presidente Naujo...

ANO XXV - N. 139 - Rio - Sábado, 17 de Junho de 1950

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE JERONIMO MARINHO

DIRETOR-GERENTE: ROBERTO MARINHO

VICE-DIRETOR: RICARDO MARINHO

MAU COMEÇO DE VIDA...

As duas irmãs, Jeronima e Maria...

IMPETRA 'HABEAS-CORPUS' O EX-CAPITÃO AGLIBERTO VIEIRA

O ex-capitão Agliberto Vieira...

AFETA MORALMENTE O BRASIL

O roubo de dinheiro...

CONCLUI NA 2.ª PAGINA

CHEGOU A PRIMEIRA PARTE DA DELEGAÇÃO ITALIANA

Novo o substituto de Fozzo, alem do vice-presidente Naujo...

Jornal do Brasil, 16 de junho de 1950, p.1 (capa).

P. PEREIRA CARNEIRO
Diretor-Presidente

F. PIRES DO RIO
Diretor-Tesoureiro

Edo A. Macedo
Diretor-Secretário

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 16 de Junho de 1950

ANO LX — Nº 129

VENDELA AVULSA

Dax 5000 Cr\$ 0,53

Domingos Cr\$ 1,00

Atacadas Cr\$ 1,00

ASSINATURAS

Ano Cr\$ 120,00

Semestral Cr\$ 70,00

AVISOS

CONDOMÍNIO — Condomínio de 12 apartamentos em prédio de 12 andares, situado no bairro de Botafogo, com todas as comodidades. Preço de venda de Cr\$ 1.200.000. Interessados, dirigir-se ao proprietário, Rua da Assembleia, 123, Botafogo, Rio de Janeiro.

ACHADOS E PERDIDOS

CACHORRO PERDIDO — Cachorro de raça Bull Terrier, preto e branco, com uma mancha branca no peito, perdido no bairro de Botafogo, próximo ao nº 123 da Rua da Assembleia. Quem achar, favor trazer para o endereço acima mencionado. Recompensa de Cr\$ 50.000. Botafogo, 15/6/50. J. A. M. S.

A declaração trabalhista sobre o Plano Schuman não representa política do governo britânico

— ao Conselho da Europa —

PROTESTO CONTRA AS ACUSAÇÕES DO RELATÓRIO GILLETTE

Temáticas e Artigos

A PUBLICAÇÃO DA ALE- Alemanha e Superintendente de Adquirir Cambiadas
NDA BRASILEIRA Indiferença e política dos escritórios
NOS MASTROTES DO MINISTÉRIO Remoção de um líder de Direção
Atos do Governo do Presidente da República via-
Ns 2º página. cando, a Alta São
Franco

Guerra aérea "total" contra os comunistas chineses — 1ª página

PROTESTO CONTRA AS ACUSAÇÕES DO RELATÓRIO GILLETTE — 2ª página

REVOGAÇÃO DO PERMÍSSIVO — 3ª página

ERROS DE INTERPRETAÇÃO — 4ª página

A FLECHA DE MURBROS — 5ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 6ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 7ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 8ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 9ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 10ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 11ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 12ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 13ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 14ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 15ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 16ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 17ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 18ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 19ª página

OS CRIMES MEXICANOS — 20ª página

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Jornal do Brasil, 16 de junho de 1950, p. 11.

ESPORTES

Basket-ball em marcha

Deve ser modificado o critério na escolha dos árbitros — Deve-se, também, firmar, definitivamente, jurisdição em torno da intervenção ou não do presidente da F. M. B. nas partidas

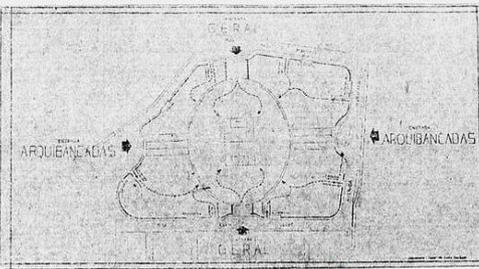
Comissão de Seleção de Atletas para o Campeonato Mundial de Futebol em Londres, Inglaterra, em 1954, já está trabalhando para a escolha dos jogadores brasileiros. A comissão, formada por membros da Federação Brasileira de Futebol (F. B. F.), está reunindo informações sobre os jogadores que podem representar o Brasil no torneio mundial.

Entre os jogadores que estão sendo considerados para a seleção brasileira estão: Ademir, Zito, Amaral, Coutinho, Nair, e outros. A comissão também está avaliando o nível técnico dos jogadores e a possibilidade de convocá-los para o torneio.

Campeonato Mundial de Foot-ball

HOJE, A INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL

Não é exato que a C. B. D. se comprometera a disputar no Belo Horizonte, todos os jogos da série da Inglaterra — Estão chegando as delegações estrangeiras



A planta mostra o modo claro e preciso ao Estádio Municipal de Belo Horizonte, com o campo de futebol centralizado e as arquibancadas distribuídas ao redor. O mapa também indica a localização do estádio em relação às ruas e outros pontos de referência da cidade.

Comércio e Finanças

Notas de 100 mil Réis em circulação

Resumo das operações comerciais e financeiras realizadas no dia 16 de junho de 1950. O mercado financeiro permaneceu estável, com o índice de preços mantendo-se firme. As operações comerciais foram realizadas normalmente, sem grandes alterações em relação ao dia anterior.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

ESPORTES

TURF
JOCKEY CLUB BRASILEIRO
AS CORRIDAS DE HOJE E AMANHÃ
PRÊMIO "VIEIRA SOUTO" — UM "RETTING" DUPLO
ACUMULADO DE CR\$ 305.112,99

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

As corridas de hoje e amanhã serão disputadas no Hipódromo de São Paulo. O prêmio "Vieira Souto" é um retting duplo acumulado de Cr\$ 305.112,99. As corridas de hoje começam às 14h30 e as de amanhã às 15h30.

Campeonato Mundial de Foot-ball

A inauguração do Estádio Municipal — O jogo de hoje entre os "novos" cariocas e paulistas — Chegada da delegação russa e embarca a representação espanhola



O Presidente da República criando a fila simbólica na inauguração do monumento.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

As equipes de futebol se preparam para o início do campeonato mundial. O jogo de hoje será entre os cariocas e paulistas. A delegação russa chegou e a espanhola embarca.

Comércio e Finanças

Table with financial data including exchange rates, stock prices, and market indicators. Columns include various financial metrics and their corresponding values.

Tram de Tijuca descolado

O conserto de português no Colégio Pedro II

Aviso á Colônia Espanhola

Partida de Madrid, hoje, dia 17, a embaixada esportiva da "FEDERACION ESPAÑOLA DE FUBOL", devendo chegar ao aeroporto de Galeão no domingo, dia 18, a fim de disputar o "Copa do Mundo", no Brasil. Ao chegar a esta Cidade Maravilhosa e hospitalares, necessitam eles do teu estímulos, do teu entusiasmo e do teu presença. Para tanto ficam convidados todos os espanhóis a se reunirem as 8.30 horas da manhã de domingo, no praça Mauá, onde encantarão a sua disposição, para viagem de ida e volta, ônibus especiais até o referido aeroporto. Espanhóis! A COMISSÃO DE RECEPCAO espera a tua presença!

Basket-ball em marcha

AS VANTAGENS DO SORTEIO DE JUIZES BRASILEIROS NÃO É PERMITIDA A ESCOLHA DE COMUM ACORDO

O sorteio dos juizes brasileiros para o campeonato mundial de basket-ball foi realizado no dia 15 de junho. As vantagens do sorteio brasileiro não permitem a escolha de comum acordo.



Dr. João Manoel, presidente da "FIFA", em companhia de...

Dr. João Manoel, presidente da "FIFA", em companhia de...

AÇÃO SOCIAL ARQUI-DIOCESANA

A ação social arqui-diocesana tem como objetivo promover o bem-estar da população através de diversas iniciativas sociais.

TÊNIS DE MESA

O campeonato estadual de tênis de mesa será disputado no próximo mês de julho.

TÊNIS

O torneio de tênis de campo será disputado no próximo mês de julho.

SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO, S.A.

COMPANHIA ANÔNIMA DE CAPITALIZAÇÃO
CAPITAL AUTORIZADO: CR\$ 100.000.000,00
PIG DE JANEIRO

FORAM CONTEMPLADOS EM TODO O BRASIL, PELO SORTEIO DE 31 DE MAIO DE 1950
244 Títulos por Cr\$ 4.460.000,00
COM AS SÉRIES COMBINADAS:

Table listing various financial titles and their corresponding values, including ZHR, ZKK, ROX, KAG, CBN, and CLS.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
TÍTULO DE CR\$ 100.000,00
TÍTULO DE CR\$ 50.000,00
TÍTULO DE CR\$ 25.000,00

15 de Maio de 1950, foram contemplados títulos no valor total de Cr\$ 407.920.000,00

LISTA NOMINAL COMPLETA DOS FUNDADORES QUANTO ÀS SÉRIES E A SENSIBILIDADE DO PERÍODO NA SEDE SOCIAL, RECURSOS DE CAPITALIZAÇÃO, DE COM O AGENTE LOCAL.

2. ARTIGO 2 – ESTÁDIO DO MARACANÃ: UM ESPAÇO, UM LUGAR

RESUMO

À luz das ideias de Yi-Fu Tuan (1983) sobre 'espaço' e 'lugar', este estudo tem por objetivo analisar as formas pelas quais os torcedores experienciaram o Maracanã, possibilitando a construção de significados sobre o estádio. A pesquisa de caráter descritivo seguiu o método do estudo de caso. Utilizamos como fontes de dados documentos do arquivo da SUDERJ, literatura referente ao tema, observação do campo e depoimentos de informantes sobre o Maracanã. As análises possibilitaram resgatar e preservar experiências vividas pelos torcedores que contribuíram para a construção de um estádio simbólico.

Palavras-chave: Futebol. Espaço. Maracanã.

INTRODUÇÃO

A importância do futebol na cultura brasileira pode ser traduzida pelos seus imensos estádios, espaços de festa, repletos de simbolismos e responsáveis por aglutinar milhares de torcedores em busca do entretenimento oferecido. Tais equipamentos, que se disseminaram pelas cidades, acompanham as diferentes fases do futebol proporcionando experiências diversificadas, que podem ser alteradas em função dos diferentes cenários apresentados aos torcedores.

A fim de analisarmos as formas de experiências possibilitadas pelo Maracanã com seus espetáculos, recorreremos ao geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1982, p. 143) que busca o entendimento do “mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza [...] bem como dos seus sentimentos e ideias”.

O autor trabalha com conceitos-chave de ‘espaço’ e ‘lugar’, onde ‘espaços’ são escuros, desconhecidos e estranhos; ‘lugares’ são claros, conhecidos e repletos de símbolos, com significados tanto para os indivíduos quanto para os grupos sociais que estabelecem afeição por eles. Entretanto, espaços e lugares se constroem e se ressemantizam a partir das experiências vivenciadas pelos indivíduos, possibilitando que um espaço se torne lugar ao adquirir definição e significado, podendo retornar à condição de espaço caso venha a perder o sentido para determinado grupo. As experiências, intensificadas pelas emoções, possibilitam aos indivíduos conhecerem a realidade através dos sentidos corporais, percepções visuais e pelos simbolismos presentes. “A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 1983, p. 9).

Pesquisar sobre os lugares de uma cidade, no caso um estádio de futebol, é uma oportunidade para dialogar sobre as experiências vivenciadas pelos indivíduos, que auxiliam para a atribuição de significados, responsáveis pela construção de um lugar afetivo, principalmente, quando o país se prepara para receber megaeventos e tem o poder público investindo em obras de locais destinados às práticas esportivas. Trabalhar com a relação entre lugar e indivíduos é também uma forma de analisar a cultura, presente nos comportamentos e valores humanos (TUAN, 1983).

Elencamos para nossa pesquisa o estádio Jornalista Mário Filho - Maracanã. Estudá-lo neste momento em que reabre as portas, após passar por reformas estruturais, é situar-se na interseção entre o passado e o futuro. As reflexões

trazidas pela pesquisa acerca do estádio permitem resgatar e preservar as experiências vivenciadas pelos torcedores, importantes na transformação de um espaço em lugar-estádio simbólico.

Portanto, buscaremos à luz das ideias de Yi-Fu Tuan (1983) sobre 'espaço' e 'lugar', analisar as formas pelas quais os torcedores experienciaram o Maracanã, possibilitando a construção de significados sobre o estádio. Elegemos, para guiar nosso estudo, três perspectivas trabalhadas pelo autor: a estrutura físico/arquitetônica; as vivências no seu interior e o decurso do tempo.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Para alcançarmos nosso objetivo, faremos uma pesquisa descritiva, utilizando o método do estudo de caso (THOMAS; NELSON, 2002, p. 294), que possibilita uma análise de uma única situação ou fenômeno.

Os dados foram coletados nos documentos dos arquivos da Superintendência de Desporto do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ) e na literatura sobre o estádio do Maracanã. Essas fontes foram complementadas pelos discursos de dois informantes que vivenciaram o estádio, desde a sua inauguração até o encerramento dos jogos em 2010 e pela observação direta dos pesquisadores². Um desses informantes é jornalista esportivo que, após a vivência como torcedor, passou a trabalhar com a transmissão dos jogos de futebol realizados no estádio, e o outro é filho de um dos arquitetos responsáveis pelo projeto do estádio. Para Goellner (2006, p. 200),

Ainda que a memória seja guardada por um indivíduo e tenha como referência suas experiências e vivências, essa memória está marcada pelo grupo social com o qual conviveu e se socializou.

² O contato com o Maracanã se iniciou em 1998, quando transitamos pelo local coletando dados para a dissertação de mestrado que versou sobre torcedores e heróis. Após esse período as observações continuaram, embora não sistematicamente, até o ano de 2012, quando retornamos a campo com o objetivo de analisar o estádio.

A busca de fontes históricas e a consulta aos informantes nos forneceram novos conhecimentos sobre a estrutura do estádio, bem como sobre as relações entre os torcedores e o Maracanã. As memórias sociais (SÁ, 2005, 2007) consideradas construções do presente sobre as lembranças do passado, nos possibilitaram acesso às diferentes formas do uso do estádio pelos torcedores.

Segundo Goellner (2006), podemos recorrer a vários tipos de dados (textos, imagens, documentos e depoimentos), com o objetivo de resgatar e/ou preservar vestígios e testemunhos de práticas, comportamentos e significados de uma época, no nosso caso de um lugar, que muitos não conheceram.

ANÁLISE

Do desconhecido ao familiar: arquitetura, vivências e tempo

O local escolhido para a construção do Maracanã³ foi o terreno do Derby Club, importante clube de turfe, atividade destinada à elite, fundado em 1885 (MELO, 2001). Para dar início às obras, foi preciso que o 3º Batalhão de Carros de Combates desocupasse a área e o depósito de material remanescente da última guerra fosse transferido para outros terrenos do Exército.

Nesse contexto, o estádio do Maracanã possivelmente nasce como um ‘espaço’, construído em um local sem referência com o futebol. Ainda hoje, o Maracanã pode ser ‘espaço’ para algumas pessoas, que não têm familiaridade nem afeição por ele. Mas, torcedores que estabeleceram, em algum momento e de alguma forma, algum tipo de experiência com o estádio, estes o transformaram em um lugar simbólico.

Ao ser definido o local de construção do estádio levou-se em conta, entre outros fatores, a sua centralidade. A região onde se situava o terreno do Derby era servida de ramais ferroviários, facilitando o acesso de quase dois terços da população carioca (SERGIO, 2000). Para geógrafos humanistas, a centralidade pode ser definida como um ponto de concentração, uma área de influência que oferece bens e serviços à população. “Lugares centrais atraem usuários e irradiam ideias e significados” (MELLO, 1995, p. 23).

³ À época estádio municipal da cidade do Rio de Janeiro.

O processo inicial de uma construção envolve a gestação da proposta, as discussões, o detalhamento do projeto para, enfim, chegar-se à obra arquitetônica. Lugares, antes de se tornarem símbolos são edificações construídas pelo homem, que acabam trazendo modificações na dinâmica da cidade em função do novo objeto construído. Alterações espaciais, de fluxo de pessoas e da história, criam um novo lugar. Para Tuan (1983, p. 114),

Terminado um edifício ou complexo arquitetônico, este se torna, então, um meio ambiente capaz de afetar as pessoas que nele vivem [...]; o meio ambiente construído define as funções e as relações [...]; a arquitetura é a chave para compreender a realidade.

Em dezesseis de junho de 1950, a solenidade oficial de abertura mostrou ao mundo esse novo estádio de futebol, a cerimônia foi reservada a personagens ilustres. No dia seguinte era a vez da população, pelo caminho já se avistava a obra que, embora inacabada, ainda com andaimes e entulhos, era motivo de orgulho.

1 - Imagem do Maracanã, dia 17 de junho de 1950, no jogo de inauguração



Fonte: site SUDERJ

A construção do Maracanã foi além dos critérios⁴ estipulados para seu projeto inicial, resultando em uma edificação monumental, um marco na arquitetura⁵.

O sistema de rampas, de entrada e saída foi revolucionário, o sistema da marquise sem pilar, foi uma obra de arquitetura revolucionária. Para fazer um estádio desses tem que estar muito inspirado [...] meu pai gostava muito da arquitetura romana, então eu faço uma analogia, com a conquista de Massada porque com 100 mil, 200 mil pessoas como é que você pode entrar e sair? E o Maracanã ficava vazio, num Fla Flu, em 15 minutos ficava vazio, o que era isso? Não eram só as rampas, eram os túneis, aqueles acessos você via no Coliseu, aquele fosso que meu pai também concebeu, também tinha no Coliseu, era pra ter água e não deixar que os torcedores invadissem, como no Coliseu (informante GF)

O relato acima confirma o argumento de Tuan (1983) de que o espaço arquitetônico é a materialização das ideias, sentimentos e pensamentos do arquiteto, concretizados publicamente.

Segundo Tuan (1983), “o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana” (p. 114). Aspectos como interior/exterior; fechado/aberto; público/privado do espaço arquitetônico são experiências sentidas pelas pessoas, tornando-se mais intensas e claras quando se trata de uma obra monumental. Além de definir sensações também estabelece relações sociais, proporcionando aos indivíduos conhecimento sobre comportamentos e valores. Tais experiências auxiliam na construção de significados sobre o lugar.

O Maracanã, sempre se mostrou uma obra grandiosa. A apreciação dessa dimensão vertical/horizontal foi herdada de antigas construções, como as pirâmides do Egito, onde a simples apreciação era a monumentalidade independente da estética da obra. Para Tuan (1983), são construções que auxiliaram o conhecimento sobre massa/volume e horizontal/vertical, mostrando um jogo de força e repouso.

O estádio, ao ser inaugurado, recebia público em seus três lances⁶. O primeiro lance, destinado aos espectadores que assistiam ao jogo em pé,

⁴ Ele deveria ser fechado, com curva perfeita em forma de elipse; movimento do público por meio de rampas; perfil das arquibancadas em parábola para balancear a visão; lotação mínima para 120.000 espectadores sentados e 30.000 em pé, entre outras considerações que seriam apresentadas posteriormente pela comissão responsável pela obra (Arquivo SUDERJ).

⁵ Sobre as fases da arquitetura dos estádios que mostra que o Maracanã é exemplo da excelência da arquitetura, consultar Cereto (2004).

⁶ A Revista do Maracanã, em 1959, divulgou os preços de acordo com os setores: camarote lateral (5 lugares) – Cr\$ 700,00; camarote de curva (5 lugares) – Cr\$ 350,00; cadeira numerada – Cr\$ 150,00;

denominado de Geral, comportava 35.000 pessoas e o acesso a essa área era feito por quatro túneis que passavam embaixo do segundo lance, o qual era composto de cadeiras para 30.000 pessoas e de 300 camarotes que comportavam até cinco pessoas cada; esse setor era atendido por oito rampas. O terceiro lance, a arquibancada, acima das cadeiras, comportava 88.500 pessoas. Na parte central desse lance, lado da sombra em seu eixo menor, encontrava-se a tribuna de honra, com 101 lugares; a tribuna da imprensa, com 438 lugares; a tribuna desportiva, com 200 lugares; e a tribuna especial, com 3.284, onde ficavam localizadas as cadeiras perpétuas – essas, adquiridas por torcedores mediante o pagamento de um valor que contribuiu para financiar as obras. Abaixo dessa área ficavam 20 cabines de rádio e TV. O acesso a este setor central era feito por três elevadores e uma escada (arquivo SUDERJ).

Todos os setores possuíam sanitários e bares. Abaixo do piso da arquibancada, o estádio contava com alojamento para 130 atletas, com restaurantes e instalações para médicos. Quatro túneis davam acesso ao campo: um para os juízes, dois para os times e um para polícia e jornalistas. A obra, inacabada, previa ainda estacionamento, fabricação própria para gelo e sorvete e instalação de placares, entre outros acabamentos necessários (arquivo SUDERJj).

A Revista do Maracanã, publicação gratuita lançada pela administração do estádio no final dos anos 1950 e distribuída aos torcedores em dias de jogos, confirma que a obra só terminou, efetivamente, alguns anos depois. Ao veicular uma reportagem com a seguinte chamada: “Vamos terminar o estádio? Vamos dar ao Maracanã os trajes de gala que ele merece” (VAMOS TERMINAR... 1960, p. 1), mostra que, dez anos após a sua inauguração, o Estádio ainda precisava de acabamentos na sua parte estrutural.

Essa revista, criada a partir de um modelo europeu, foi a pioneira na América do Sul e teve como objetivo orientar, esclarecer e divulgar fatos ligados ao estádio e a eventos esportivos. A ideia era convocar os torcedores para que fossem parceiros e preservassem um patrimônio da sociedade, o que nos mostra o objetivo de construir uma relação afetiva e de pertencimento entre o público e o estádio através da própria construção arquitetônica.

Torcedores guardem essa publicação, enviem-na para seus amigos em qualquer canto do Brasil ou do mundo, mostrem o estádio do Maracanã ou façam dessa ideia um 'souvenir' agradável de um dia de grande jogo. Mas, acima de tudo, iniciem conosco a conservação e a guarda do seu, do nosso estádio. (Revista do Maracanã, 12 jul. 1959, p. 5).

Entretanto, as experiências responsáveis pela construção de significados, que possibilitam o estabelecimento de lugares afetivos, não deve se restringir ao contato com a arquitetura. O interior de um lugar, segundo Tuan (1983), tem sua importância por ser o local onde os indivíduos são afastados das distrações externas, onde sentimentos também são estabelecidos e consolidados, exercendo forte impacto sobre os indivíduos. O Maracanã oportunizou aos torcedores experiências, seja através do contato com sua estrutura monumental, seja no seu interior, através da vivência de cada jogo.

Quatro pontos serviam de referências para os torcedores acessarem o interior do estádio. Dois acessos às arquibancadas, um acesso às cadeiras azuis e ao setor da tribuna, cadeiras especiais e cabines de rádio e TV, e outro acesso para a Geral. As entradas para as arquibancadas eram pelas rampas situadas em pontos diametralmente opostos, o que garantia intensa circulação no entorno do estádio.

A primeira entrada para a arquibancada ficava na Avenida Maracanã, conhecida popularmente por 'Entrada do Bellini' – assim denominada pelos torcedores em razão da presença, bem em frente a essa entrada, de uma estátua representando o momento em que o zagueiro Hilderaldo Luiz Bellini, capitão da seleção brasileira na Copa de 1958, ergueu a Taça Jules Rimet. O monumento era um importante ponto de referência como local de encontro para os torcedores, onde as pessoas aguardavam a chegada de seus amigos e familiares. Tuan (1983) aborda a importância da presença de pessoas na significação dos lugares. Os laços afetivos entre os torcedores marcam o estádio contribuindo para que o Maracanã se torne um símbolo.

A outra entrada para as arquibancadas, até então denominada 'Rampa do Esqueleto' passou a ser conhecida por 'Entrada da UERJ', em razão de sua proximidade com o *campus* da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Essa entrada ficava exatamente em frente à rampa de acesso à estação Maracanã do metrô, e apenas a alguns metros da estação de trem da região. Era comum os

torcedores se espalharem pela rampa, aguardando o momento de ingressar no estádio.

Uma vez que as torcidas ficavam nas arquibancadas, essas duas entradas eram utilizadas como concentração de seus membros, que ali começavam a preparar o seu 'arsenal', com instrumentos musicais e bandeiras. Em dias de clássicos estaduais, os torcedores que ficavam nas arquibancadas utilizavam entradas previamente determinadas, por questões de segurança. Essa delimitação do espaço foi reflexo da violência que se instaurou no interior de torcidas organizadas.

A terceira entrada servia de acesso para os setores especiais (tribunas, cadeiras e cabines de rádio e TV) e para as cadeiras azuis. Era denominada de 'Entrada do Portão 18', o número do portão deste acesso. Localizava-se na Rua Professor Eurico Rabello, uma das ruas laterais do estádio. Tal entrada não era segmentada por torcidas, sendo utilizada por torcedores dos dois times, uniformizados ou não. Também não era um espaço muito amplo, se comparado aos outros dois, funcionando menos como espaço de reunião de torcedores e mais como acesso ao interior do estádio. Por fim, a quarta entrada dava acesso à Geral pela Avenida Radial Oeste, setor mais popular, com ingressos de menor custo.

Passando pelas roletas, as rampas e pilastras revelavam a grandiosidade do espaço. No anel interno do estádio os torcedores circulavam, as torcidas organizadas em suas Salas das Bandeiras se preparavam para a entrada triunfal e deveriam mostrar poder perante a torcida rival.

A criação da Sala das Bandeiras foi importante para as torcidas organizadas, pois era complicado carregar aquela quantidade de bandeiras, que não eram pequenas, nos trens e ônibus" (informante WR)

Tais salas possibilitaram a construção de um sentimento de pertencimento das torcidas organizadas, pois cada time possuía um lugar no estádio. No interior, a divisão dos lugares para assistir aos jogos seguia a disponibilidade financeira do torcedor. Os melhores lugares situavam-se nos espaços centrais da arquibancada, em relação ao campo. Na parte inferior, ficava o setor das cadeiras de preços mais em conta. Logo atrás estavam localizados os camarotes, que já não possuíam os mesmos significados de épocas iniciais, ou seja, perderam a prerrogativa de serem

os lugares mais caros e teoricamente os mais bem localizados, pois as práticas dentro do estádio mostraram que:

Era um setor onde não se conseguia ver a festa da arquibancada por completo, além de ficarem distantes. Por muito tempo, eles serviram para as pessoas urinarem, por serem separados das cadeiras por uma pequena mureta de concreto” (informante WR)

Ainda no anel inferior, na frente das cadeiras, um nível abaixo destas, ficava o setor da Geral, onde as pessoas assistiam à partida em pé, tendo uma maior facilidade em se locomover livremente, embora com uma visão prejudicada do campo.

As pessoas que frequentavam a geral eram conhecidas como ‘geraldinos’, setor folclórico, onde alguns torcedores assistiam aos jogos fantasiados. Alguns se tornam lendas. Tinha um senhor que entrava e assim que começava o jogo ele corria ao lado do time, atacava e defendia de um lado para o outro, reclamava com o juiz e dava orientações técnicas ao time... (informante WR)

O espetáculo começava com a entrada dos jogadores em campo, momento em que a torcida iniciava o ritual de recepção do time, que incluía, entre outras coisas, o tremular de suas enormes bandeiras, balões espalhados pelo ar e, em jogos noturnos, sinalizadores que davam um colorido todo especial à festa. Muitos torcedores ficavam de pé, cantando o hino do clube e demais canções. Enquanto os jogadores realizavam o aquecimento no gramado, as torcidas organizadas gritavam seus nomes; estes, por sua vez, retribuíaam o carinho acenando para os torcedores. Durante todo o jogo, eles torciam, incentivavam, comemoravam, mas também reivindicavam, hostilizavam atos dos rivais e, às vezes, do seu próprio time. Na hora do gol, todos se abraçavam para comemorar. Havia muita alegria nesse espetáculo, principalmente para o time vitorioso. O barulho ensurdecador transmitia a dimensão do tamanho e da força dos torcedores, colocando-os próximos da ação.

No fim do jogo os torcedores deixavam o local rapidamente. Se felizes, saíam cantando; se frustrados, saíam calados. As torcidas organizadas, entretanto, seguiam o mesmo padrão de demonstração de força, cantando músicas cujas letras enfatizavam o poder por elas exercido. Além das músicas, a forma como saíam

empurrando, pulando, unidos como um bloco revelava o embate simbólico que existia dentro do estádio.

A experiência íntima que se estabelece com o lugar é algo individual que, de acordo com Tuan (1983, p. 151), “não estamos sequer conscientes delas [...] e são difíceis de expressar”, porém ao tomarmos consciência elas evidenciam uma forte emoção. Essas experiências proporcionam aconchego e afetividade duradoura e, mesmo os simples acontecimentos cotidianos, geram sentimentos profundos pelo lugar. Os torcedores estreitam suas relações com o Maracanã, seja acompanhando seus times a cada jogo, seja vivenciando jogos clássicos e decisões que imprimem emoções intensas. Cada vez mais, aquele espaço que até então era destinado a corridas de cavalo, vai se transformando em um lugar afetivo ligado ao futebol. O futebol, o jogo com seus lances, gols e comemorações proporciona uma experiência que marca os torcedores e seria uma pausa no movimento do dia-a-dia, fazendo com que o estádio se torne para os torcedores um centro de reconhecido valor onde podem atender a algumas necessidades como lazer, socialização e catarse. A afeição duradoura pelo Maracanã pode ser em parte explicada pelas experiências íntimas que tornaram o espaço um lugar aconchegante, e também pelos acontecimentos simples que possibilitam estabelecer, com o tempo, um sentimento profundo pelo lugar.

Logo, além da arquitetura e das vivências, o tempo também é pontuado (Tuan, 1983) como uma das maneiras de adquirir experiências por um lugar.

As formas de uso do Maracanã pelos torcedores foram se alterando com o passar do tempo, consequências tanto dos padrões sociais de cada época quanto das modificações na estrutura física do estádio, reflexo das configurações sociais. Para Elias (1990), a relação de interdependência entre as pessoas cria um movimento, instituindo uma ordem social que estabelece mudanças históricas, alterações nos usos e costumes de uma sociedade, denominado pelo autor de processo civilizador. Esse processo, que altera os padrões sociais e institui diferentes práticas e comportamentos dos indivíduos, necessita do passar dos anos, responsável por proporcionar experiências diversificadas.

As vestimentas utilizadas em épocas iniciais perderam espaço para as roupas despojadas, reflexos das alterações nos padrões sociais. No jogo da inauguração, o informante descreve:

Homens de terno e gravata, mulheres e crianças, juntos na expectativa de presenciar a estreia do gramado com o jogo amistoso entre as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo (informante WR).

Além das vestimentas, algumas dinâmicas também desapareceram nas formas de uso do estádio. Torcedores que antes levavam uma almofadinha para não sentar diretamente no concreto da arquibancada, hoje sentam em cadeiras; o radinho de pilha na mão é exemplo de outro costume que perde espaço.

As práticas se alteram em função do tempo, reflexo das configurações sociais e também da própria estrutura espacial do estádio que estabelece um determinado comportamento. As torcidas organizadas passaram por fases como consequências desses fatores.

Como praticamente cada time carioca possuía uma única torcida organizada eu conseguia como locutor incentivar práticas que alimentavam a festa dentro do estádio. Eu fazia a premiação para a melhor torcida, a mais animada, a mais bonita e através da locução, eu conseguia fazer uma torcida dar a volta no estádio por dentro do anel e entregar para a torcida adversária uma Corbélia, mostrando união e respeito entre os torcedores (informante WR).

A topofilia (TUAN, 1980), nos mostra que os sentimentos, a afeição por um lugar, vicejam e os tornam símbolos. Nesses lugares, ocorrem acontecimentos que marcam os indivíduos e geram significados importantes para os mesmos. Para Mello (2008b, p. 167) “são laços emocionais tecidos ao longo dos anos” e por isso esses lugares se tornam ‘entes’ queridos e especiais. Ao mesmo tempo, na sua falta ou na sua remodelação, surge o descontentamento, como se nós tivéssemos perdido uma parte de nossa história.

Alterando o familiar

Após 50 anos, os desgastes na estrutura física eram visíveis, e a modernidade cobrava adequações que geravam discussões sobre demolir ou reformar, privatizar ou não. Os estádios que receberiam eventos mundiais precisavam se adequar às normas da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*).

Para o 1º Campeonato Mundial de Clubes, organizado pela FIFA, no ano de 2000, o estádio foi obrigado a oferecer mais conforto e segurança aos torcedores. Pode-se considerar essa reforma a primeira grande alteração, mais visível no setor das arquibancadas, que recebeu assentos em toda sua extensão. A arquibancada passou a ser setorizada, grades impediam que os torcedores circulassem dentro do anel, impossibilitando que algumas práticas continuassem a ocorrer, como no exemplo relatado acima das torcidas organizadas que incentivadas pelo locutor podiam ir até o outro lado da arquibancada onde ficava a torcida rival.

Os preços dos ingressos para a arquibancada também passaram a ser diferenciados, e o que definia os valores continuava sendo a visibilidade. As cadeiras brancas, mais caras, estavam na posição central em relação ao gramado, de frente para as tribunas e para as cadeiras especiais. Nesse setor, as torcidas adversárias conviviam de forma harmônica. O restante da arquibancada foi dividido em assentos amarelos e verdes, embora o preço fosse o mesmo. Essa alteração não permitia mais que os torcedores trocassem de lado passando pela arquibancada e nem que as torcidas organizadas desfilassem com suas bandeiras por toda a extensão destinada ao seu time, prática até então utilizada no momento em que elas entravam no estádio. Outra mudança significativa foi a alteração do local dos camarotes, passando para o anel superior do estádio, acima da arquibancada; separados por vidro, ofereciam conforto nunca experimentado por torcedores. Nessa nova era, as empresas privadas começaram a entrar no estádio, locando esses espaços para seus convidados *vips*; o estádio teve sua capacidade reduzida para 103.000 lugares.

2 - Maracanã, após a reforma para o Campeonato Mundial de Clubes em 2000



Fonte: site SUDERJ

Quando o Rio de Janeiro conquistou o direito de sediar os jogos Pan Americanos em 2007, outra reestruturação se fez necessária. O estádio ficou fechado de 2005 a 2007 e as alterações estruturais atingiram inclusive o gramado, que foi rebaixado 1,60m para melhorar a visibilidade. Nessa reforma, a alteração mais sentida foi a extinção do setor popular, a Geral, para dar lugar ao setor de cadeiras azuis. A capacidade foi ainda mais reduzida, passando a comportar em torno de 87.000 torcedores. Vestiários, banheiros, bares e cabines de imprensa também foram modernizados para o evento (VIEIRA, 2000; BUENO *et al*, 2010).

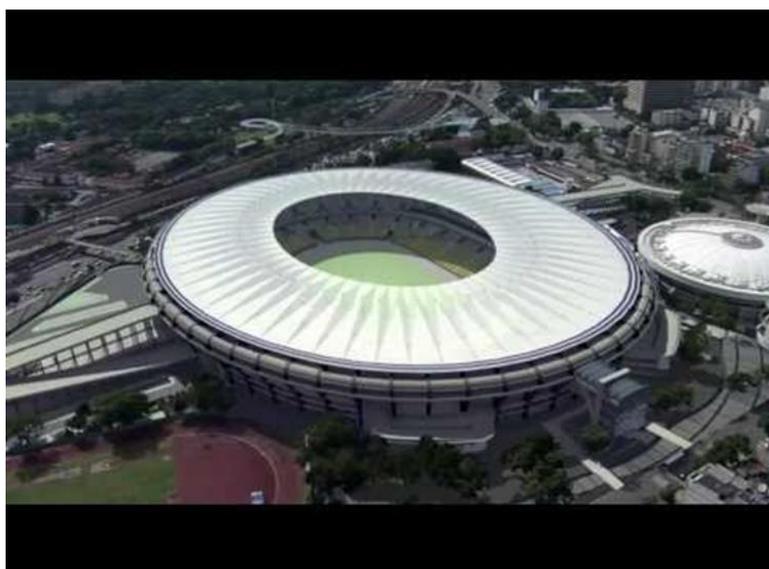
3 - Maracanã, em 2007, sem o setor da 'Geral'



Fonte: site SUDERJ

Em 2010, o estádio passou por uma nova reestruturação como nunca feita anteriormente. Para sediar a Copa do Mundo de 2014, a modernização seguiu padrões internacionais. O projeto mostra que o estádio entrará para o rol dos mais modernos do mundo, cumprindo as exigências da FIFA.

4 - Projeto do Novo Maracanã, 2014



Fonte: site consórcio Maracanã 2014

Com esse novo projeto, já se iniciam ressemantizações sobre o lugar. As novas configurações trazem sentimentos de melancolia e de saudade pelo passado

glorioso do estádio e de incertezas quanto ao novo estádio, mais moderno e confortável.

Agora vai ser uma outra coisa, um outro estádio, com uma outra cultura. Acho que vai perder muito do romantismo (informante WR);

As próximas gerações não vão ter o prazer em conhecer [...] tiraram o Maracanã do povo (informante GF)

Perder esse lugar experienciado ao longo do tempo, que traz marcas de identidade e de afetividade, para algumas pessoas, é como perder – mesmo que momentaneamente – um pouco de si mesmas.

Em um estádio como o Maracanã, onde a sacralização de lugares para torcidas era demarcada não só pela entrada por portões específicos, como também pelos locais já previamente estipulados das arquibancadas e pelos hinos e gritos de guerra, a simples mudança do local do espetáculo para outro estádio já possibilita o rompimento dos laços de identidade e pertencimento. Para Mello (2008a, p. 174), “símbolos afloram na experiência direta, transmitidos por outras pessoas ou apenas cultuados nos sonhos. Alguns são transitórios, outros imorredouros”.

Com essa reestruturação, possivelmente o Maracanã possibilitará novas práticas e novas representações, já que “o caráter simbólico dos lugares estabelece conexões, decodificando e traduzindo um passado e o conectando ao presente” (MELLO, 2008a, p. 184). As experiências vivenciadas e também as futuras relações que serão estabelecidas desempenharão um importante papel para que o Maracanã continue sendo um símbolo dos cariocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das categorias analisadas, verificamos que o Maracanã é um exemplo prototípico de lugar, de divertimento, lazer e alegria⁷; estar lá representa uma pausa no movimento do dia-a-dia, o que constitui e demarca um lugar, transformando-o em

⁷ Na dissertação de mestrado sobre torcidas e heróis, inferimos, a partir das análises feitas com os torcedores da Raça Rubro-negra, que o futebol é um espaço de festa, de fruição e de alegria (OLIVEIRA, 2000).

“um centro de reconhecido valor”, em lugar aconchegante e mesmo sagrado, que propiciam experiência, sensações e sentimentos singulares. Através da arquitetura do estádio; das vivências no seu interior e do decurso de 60 anos, as pessoas estabelecem experiências com o lugar e, a partir dessas experiências, se entendem os significados do “estar em” e do “estar com” (TUAN, 1983, p. 153).

Inúmeros momentos foram vivenciados pelos torcedores que frequentaram o Maracanã. Eles vão de derrotas a vitórias simbólicas de seus times e até da seleção brasileira⁸, que proporcionaram emoções intensas, auxiliando para a construção desse estádio simbólico.

Considerando as transformações que estão acontecendo no estádio do Maracanã, tendo em vista o megaevento esportivo da Copa do Mundo de 2014, no Rio de Janeiro, podemos prever que alterações relevantes acontecerão na relação indivíduo-espço, em função das diferentes experiências e vivências devido ao novo espaço. Porém, segundo Connerton (1999), isso não significa um desaparecimento dos antigos hábitos, mas sim uma passagem para o campo da memória.

Em setembro de 2010, o estádio fechou seus portões, deixando de receber o Campeonato Carioca, o Brasileiro, e outros shows e eventos para dar início à obra. Em 2013 encerrou-se a profunda reestruturação⁹ permitindo que o estádio recebesse de volta o seu público.

O passado é necessário para que se possa entender o mundo presente, pois o presente e o futuro, no caso as relações que surgirão com o novo Maracanã, serão construídos a partir dos diferentes passados vivenciados pelos indivíduos (CONNERTON, 1999). Cenários de determinadas épocas, descritos neste estudo, mostram que as relações entre torcedor e estádio sofrem alterações com o tempo, e também contribuem para as novas teias de relacionamento que estão por vir – e que, espera-se, façam do Maracanã, um novo lugar, alinhado com as tendências atuais do lazer e do esporte.

Toda cidade possui lugares, como o Maracanã, que se imortalizam na memória da sociedade, onde a reconstituição e a restauração são também responsáveis pelo acesso a suas almas (MELLO, 1995). A compreensão do fascínio

⁸ Caso da Copa do Mundo de 1950, derrota para a seleção do Uruguai que ficou conhecida como maracanazzo.

⁹ A reestruturação, embora profunda, como podemos acompanhar pela mídia, deve respeitar as normas estabelecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por se tratar do Maracanã, de um bem tombado no ano de 2000 (IPHAN, 2011).

exercido pelo Maracanã passa por todas as formas de conhecimento, rituais e práticas que lá aconteceram.

Em síntese, concebemos o 'antigo' Maracanã como um lugar de memória; cabe-nos simular que paramos o tempo, para fazermos com que as experiências até então vivenciadas naquele estádio não sejam esquecidas, já que segundo Nora (1993, p. 22), a razão fundamental desses lugares seria "imortalizar a morte, materializar o imaterial".

REFERÊNCIAS

- BUENO, E *et al.* **Maracanã 60 anos: 1950-2010**. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2010.
- CERETO, M. P. **Arquitetura de massas: o caso dos estádios brasileiros**. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Trad. Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- CONSÓRCIO MARACANÃ 2014. **Projeto Novo Maracanã, 2014** . Fotografia, color. Disponível em: <<http://www.maracanario2014.com.br/o-projeto>>. Acesso em: 25 de set.2012.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990, v.1.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).15/04/2011. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15951&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em: 01 mai. 2012.
- GOELLNER, S. V. Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do centro de memória do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v.25, n. 1, 2006, p. 199-207.
- MELLO, J.B. O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 173-186, 2008a.
- _____. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. In: ROSENDAHL, Z. (org.) **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, p. 167-174, 2008b.
- _____. Explosões e centralidades no Rio de Janeiro. In: ROSENDAHL, Z. (org.) **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, p. 23-44, out., 1995.
- MELO, V. A. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Ynmara AumKhory In: **Projeto história: revista de projetos de estudos pós-graduados em história do Departamento de História**. São Paulo: PUC-SP, n.10, p. 7-29, dez. 1993.
- REVISTA DO MARACANÃ. Rio de Janeiro, p.5, 12 jul. 1959.
- SERGIO, R. **Maracanã, 50 anos de glória**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SÁ, C.P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 289-294, 2007.

SUDERJ. **Imagem do Maracanã.** Fotografia, p&b. Disponível em: <<http://www.maracanario2014.com.br/historia-do-maracana>>. Acesso em: 25 set. 2012.

SUDERJ. **Maracanã, após a reforma para o Campeonato Mundial de Clubes em 2000.** Fotografia, color. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>>. Acesso em: 13 ago. 2012.

SUDERJ. **Maracanã, em 2007, sem o setor da 'Geral'.** Fotografia, color. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>>. Acesso em: 13 ago. 2012.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982, p. 143-163.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VAMOS TERMINAR O ESTÁDIO? **Revista do Maracanã.** Rio de Janeiro, p. 1, 7 ago. 1960.

VIEIRA, C. **Maracanã:** templo dos deuses brasileiros. Rio de Janeiro: C.Vieira, 2000.

APÊNDICE A - TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, convidado a participar como informante voluntário da pesquisa ESTÁDIO DO MARACANÃ: memórias e representações de um lugar, sob a responsabilidade do pesquisador Dr Sebastião Josué Votre, fui informado sobre o objetivo, o procedimento metodológico, os benefícios da presente pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as representações sociais dos torcedores sobre o Maracanã.

O procedimento metodológico será o da abordagem qualitativa, com a realização de entrevista, que será gravada, transcrita e retornará para minha leitura, além do caráter etnográfico onde será observado o campo, com registro das informações no Diário de Campo.

Para participar deste estudo não terei nenhum custo, nem receberei qualquer vantagem financeira. Serei esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e estarei livre para participar ou recusar-me a participar. Poderei retirar meu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Minha participação é voluntária e minha recusa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a minha identidade com padrões profissionais de sigilo e não serei identificado em nenhuma publicação que possa resultar desta pesquisa. Trata-se de um estudo com **risco mínimo**, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler e caminhar.

Os resultados da pesquisa estarão à minha disposição quando finalizada. Meu nome ou o material que indique minha participação não será liberado sem a devida permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este termo de consentimento se encontra impresso em duas vias: uma para o pesquisador e outra para o entrevistado.

Diante do todo acima exposto, declaro que concordo em participar da pesquisa.

Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

Assinatura da participante

Assinatura do Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, consultar:

Pesquisador Responsável: Sebastião Josué Votre – cel. 76068743

E-mail: sebastianovotre@yahoo.com

Endereço: **Universidade Gama Filho**, Rua Manoel Vitorino, 553 - Piedade - CEP: 20740-900 - RJ.

APÊNDICE B - ENTREVISTAS**WASHINGTON RODRIGUES - 08/10/2012**

AB: Você pode falar um pouco mais dessa sua relação com o Maracanã?

WR: Bom, eu estou no Maracanã desde o lançamento da pedra fundamental, quer dizer, quando começaram a construir o Maracanã eu estudava no Instituto Lafayette, que é na Rua Haddock Lobo, eu matava aula pra ver a conclusão das obras, passeava nas arquibancadas, vinha o segurança e botava a gente pra fora...então no dia do lançamento da pedra fundamental eu fui ver, e dali pra cá passou a ser o meu escritório...na verdade, não, eu passei a trabalhar com rádio em 1962, mas aí quando abriu, a Copa do Mundo eu assisti a um único jogo, Brasil x Iugoslávia, o Brasil ganhou de 2 x 0...a final, meu pai não me deixou ir, com medo da superlotação, eu tinha na época, quatorze anos, e tive que ouvir pelo rádio. Mas a partir dali os campeonatos dos anos 50, o tricampeonato do Flamengo de 53, 54 e 55, eu era Arquibaldo, estava sempre na arquibancada, com a mesma camisa.

AB: Então você já pode me ajudar com uma informação. Nesse momento inaugural, as pessoas subiam pelas rampas inacabadas?

WR: Sim, as duas rampas já funcionaram desde o início. Só que funcionavam até em cima... Posteriormente passaram só a usar a de baixo, e só abriam a parte de cima em grandes eventos. O grande problema na época foi descobrir a exata capacidade dele, falavam que era duzentas mil pessoas, mas não era isso... Nunca foi... Nunca teve esse público...

AB: Mas e na final da Copa, no jogo do Paraguai?

WR: Antigamente não havia esse controle de qualidade que é feito pelo Corpo de Bombeiros que faz a medição exata do número de lugares, não pode ultrapassar disso... Aí o que acontece, eles vendiam, e iam vendendo... Quem entrar, entrou, quem não entrar, não entrou... Por exemplo, no jogo Brasil x Paraguai, eliminatória da Copa de 58, eu era repórter e fiz essa matéria. Venderam cento e noventa e oito mil e qualquer coisa lugares, só que tem o seguinte... tem o anel externo, por onde você anda para entrar nos vomitórios que saem na arquibancada... as pessoas não passaram dali... ficaram todas sentadas no chão, com rádio de pilha, em grupos, ouvindo o jogo. Compraram ingresso, subiram a rampa, mas não viram o jogo. Os tais cento e noventa e oito mil estavam lá, mas nem todos viram o jogo. Então o que aconteceu...de lá pra cá, ele veio diminuindo, você vê que hoje, quando as obras encerrarem, a capacidade será de setenta e cinco mil lugares. E antes, não era cadeira, era arquibancada...então nos grandes jogos, Flamengo x Vasco, o público era de cento e cinquenta, cento e sessenta mil, as pessoas sentavam umas nas arquibancadas de cima, outras nas de baixo, e outras pessoas ficavam deitadas no meio. As pessoas passavam no colo das outras, como se fosse saco de feijão, até achar lugar. E assim a gente ia pros jogos. Naquela época você não tinha as dificuldades que tem hoje, a população era menor, tinha bonde, trem...o bonde, quando parava no Maracanã, era aquele monte de gente...o bonde passava pela Avenida Maracanã, esquina com a São Francisco Xavier.

AB: A entrada para as cadeiras já era por esses portões que existem até hoje?

WR: Bom, não posso garantir que na abertura foi assim, eu fui já nos jogos finais.

AB: Nessa época ainda tinha até andaime...

WR: É o Maracanã nunca acabou, né...ele terminou a fase dele sem acabar e agora já é um outro. A obra do Maracanã começou em 1947, 1948 e não acabou nunca. Ele está sempre um estádio em obra. Pra você ter uma ideia, os refletores do Maracanã nunca foram concebidos para serem estendidos ao longo da marquise. Você não vê em estádio nenhum do mundo aquilo. Sempre são garras, e os refletores ali. Só que tem que na época que construíram o Maracanã, provisoriamente colocaram aquilo ali. Aí depois, bom, eu sou muito ruim para datas, mas depois veio o Doutor Sérgio Rodrigues assumir a Superintendência, hoje a SUDERJ, e aí ele contratou a Siemens, uma empresa para trocar a iluminação do estádio e botar em garra, porque era fácil. Mas aí vieram engenheiros holandeses e descobriram que as garras eram ocas, e não aguentariam o peso dos refletores. Aí ficou do jeito que estava antes. E criou um problema. Como o Maracanã tem esse formato meio abaulado, os refletores dos cantos insidiam na vista dos goleiros, que jogam olhando pra cima, enfim, o Maracanã não acabou nunca e terminou sem acabar, agora não é o mesmo.

AB: E nesse início já tinha banheiro, bar?

WR: Tinha bar, tinha banheiro, tinha tudo,

AB: Eu li em uma reportagem que pelos anos de 63, 65 foi que o Carlos Lacerda deu um último...

WR: Não, o Maracanã de 50 acabou com o Chiquinho. O Lacerda ia remendando. Por exemplo, tinha dez banheiros, vamos botar quatorze...o que acontecia, o povo era muito mal-educado...quando começou o Maracanã, eles precisavam de dinheiro, eles criaram cadeiras perpétuas e cadeiras cativas. As cativas valiam por cinco anos, as perpétuas eram vitalícias. As cadeiras cativas terminavam naquilo que era pra ser os camarotes, que era a pior visão do estádio. Porque o que é bonito no Maracanã? A festa das torcidas. E no camarote a gente vê o campo, mas não vê a torcida. Ele fica bem embaixo da arquibancada...

AB: Efetivamente, alguém ia nesse camarote?

WR: Só louco, porque você ia comprar um ingresso mais caro no pior lugar do estádio. Então só comprava quando era superlotação, aí o camarada comprava, mas não ficava ali, saía dali e ia sentar no chão, lá na beirada...O camarote era usado pra fazer xixi. Era uma porcariada só. O povo é muito mal-educado. E o engenheiro não foi feliz. Outra coisa que eles fizeram errado, os engenheiros fizeram o cálculo e se esqueceram do nível do Rio Maracanã, que fica um pouco acima do gramado do estádio. E quando vinha a chuva do Maciço da Tijuca, o rio crescia e tinha o refluxo da água. Então às vezes, não chovia no Maracanã, mas chovia no Maciço da Tijuca, uma tempestade lá em cima, o nível do rio subia, quando você via já tinha água pra todo lado...a água ia no teto do vestiário. Tem registro de jogos, que eles tiveram que botar uma tábua em cima do fosso, pros jogadores poderem entrar em campo... Os túneis de acesso tinham água até o teto... Nessa reforma do Chiquinho, que foi a melhor que foi feita...

AB: Essa reforma que você fala é a do Pan, em 2005/2007?

WR: É, O Chiquinho era o Superintendente, ele comprou uma série de bombas pra poder dar vazão à água. Parece que agora vão suspender um pouquinho o campo, pode ser que acabe esse problema.

AB: Isso porque na época o discurso era que o Maracanã iria melhorar todo o entorno. Porque era isso que diziam os jornais...

WR: Como dizem do Engenhão hoje... Então esses primeiros anos do Maracanã era uma coisa muito improvisada...por isso que é difícil hoje, a FIFA quer que você compre a cadeira 08 na fila D e sente ali. Não há como você reeducar o povo em pouco tempo. Tanto que eles estão tentando reabrir o Maracanã antecipadamente, agora em Fevereiro, para fazer o Campeonato Carioca ser um laboratório para as pessoas... Como é que você vai convencer a Raça Rubro-Negra de sentar um aqui, outro ali, se eles estão acostumados a chegarem juntos, sentarem juntos, cantarem juntos...

AB: Essa é uma questão que não sabemos, né?

WR: O que eles vão ter que fazer? Vão acabar com o ingresso grátis e elitizar, o que a televisão vai adorar, porque vai vender mais pacotes.

AB: É algumas reportagens com arquitetos, engenheiros, mostram exatamente isso, o setor oeste / leste vai ser para negócios, empresas, não vai ser pra lazer...

WR: E o próprio lazer vai ser caro, pra você poder criar um público novo. Já educado praquilo.

AB: Você consegue lembrar da Geral? Entrava por baixo da arquibancada? Era na Radial Oeste?

WR: A entrada da Geral era diferente da entrada da arquibancada, que era uma rampa. A Geral você ia por baixo. Ela tinha entradas próprias.

AB: E quando o Maracanã começou não tinham ainda esses portões de hoje, como era?

WR: É, o Maracanã não podia ter começado a funcionar na Copa do Mundo... Daí que nasceu depois o tal caderno de encargos da FIFA, com todas aquelas exigências, porque cada um fazia do jeito que queria, as medidas do campo na Copa do Mundo são 105 por 68 metros, o Maracanã era 110 por 75, então quando você jogava a Copa do Mundo no Brasil, o Maracanã tinha uma medida, o Pacaembu tinha outra, então era desigual.

AB: Bom, você tem essa experiência pessoal misturada com a profissional, como é isso, o que muda?

WR: Muda porque antes eu ia quando queria, depois eu passei a ter que ir a todos. Mas eu não era um crítico, eu era repórter, eu reportava... Depois, nos anos 80 é que eu passei a ser comentarista, aí o olhar é totalmente diferente daquele. Mas o aprendizado veio daquela época.

AB: Aqueles radinhos de pilha, qual a sua lembrança?

WR: É, eu chegava a comandar no campo cem mil pessoas. Eu falava no rádio e as pessoas respondiam. Era muito bacana.

AB: Hoje não tem mais isso, né...

WR: Hoje as pessoas têm medo de sair... Além disso, você ouve no celular.

AB: E o que você lembra das práticas e comportamentos da torcida?

WR: Catedrático, o general e o geraldino. E os três xingavam o juiz da mesma maneira, quando o time perdia queriam briga do mesmo jeito, e quando voltavam pra casa eram de classes sociais totalmente diferentes. Mas o comportamento era igual, na hora em que estava no campo.

AB: Algo que não assistimos em lugar nenhum. Nem no metrô, nem em uma festa...

WR: É verdade, eu já vi na arquibancada o namorado e a namorada, e a namorada aflita, aí daqui a pouco o cara olha e ela tá agarrando a perna do negão do lado, gritando, torcendo, e o cara fala, 'pô, agarra a minha'... Já vi uma mulher dar luz a um neném na arquibancada e não querer sair...e ainda botou o nome do filho de Adílio...

AB: Mas você vê alguma diferença entre o torcedor da arquibancada e de outros setores?

WR: Olha, o futebol nivela. Xingam, brigam, cantam. Até porque a cadeira perpétua, por exemplo, ficava aqui e logo depois da grade já era a arquibancada, então ficavam muito próximos...

AB: Tenho uma sensação que quando o torcedor entra e sobe aquela rampa, alguma coisa acontece...

WR: Então, a coisa mais linda do mundo é você pegar o elevador até o sexto andar e na hora que abre a porta está lá, o Maracanã lotado. Os turistas querem voltar para o elevador para tirar fotografia.

AB: E a divisão dos locais das torcidas, foi logo no início?

WR: Não, no início não havia torcida organizada. A primeira torcida organizada foi a Charanga Rubro-Negra, que fazia uma bandinha e ficava ali tocando. Depois é que veio essa história de criar a Fla-isso, a Fla-aquilo...Vas-isso, Vas-aquilo...Era uma do Vasco, uma do Flamengo, uma do Fluminense e uma do Botafogo. Não existiam setores, isso é coisa recente, essa coisa de cadeira verde, cadeira amarela... Não tinha cadeira, era só cimento.

AB: Quais são os seus sentimentos e expectativas para este novo Maracanã?

WR: Eu acho que acabou o Maracanã, agora é um outro estádio. A gente vai chamar de Maracanã, tal, mas aquela magia, aquela coisa eu acho que acabou. Agora vai ser uma outra coisa, um outro estádio, com uma outra cultura. Acho que vai perder muito do romantismo. Por exemplo, eu criei estes termos de geraldinos e arquibaldos, então tem geraldinos incríveis, né...tinha um senhor que no jogo do São Cristóvão, ele se posicionava em frente à linha de centro, na Geral. Jornzinho embaixo do braço e radinho de pilha. E ficava ali, olhando o jogo. Ele ficava na porta do Estádio pra ser o primeiro. Não tinha ninguém no Estádio, mas ele corria pra ficar ali. Um lugar para um lado ou para o outro ele não queria, arrumava confusão. Aí quando começava o jogo, ele virava de costas para o campo e ficava olhando pra cima, para as cabines. Ficava conversando com a gente. Tinha outro, o Gerdau, que eu apelidei de 'o grito da Geral', ele achava que dirigia o time. Então ele ficava no meio, quando o time dava a saída, o Flamengo atacava, ele ia acompanhando o ataque, mandando fazer isso, fazer aquilo...aí a defesa rebatia ele voltava correndo

pra defender...E no América, tinha um ator da TV Globo, Paulo Celestino, irmão do cantor Vicente Celestino, era um comediante famoso, fazia programas como esse Zorra Total, a mesma coisa, ele ia na arquibancada e ficava correndo junto com o time. Então esses tipos, tinham muitos no Maracanã. Eu me especializei em cobrir essas pessoas.

AB: Mas as mudanças feitas em 2000 e 2007 já foram uma ruptura com esta realidade?

WR: Eles tentaram, mas a única coisa que conseguiram foi que verde sentasse no verde e amarelo no amarelo. Tinha número nas cadeiras, mas eles acabaram tirando. Porque ninguém sentava. Você já viu futebol na Inglaterra, por exemplo? O campo não tem alambrado, quando faz gol o torcedor bate palma...aqui não é assim...ou muda completamente, ou seja vai ter que elitizar de tal forma...ou então a galera vai invadir, vai ter tumulto. Acho pouco provável que eles consigam disciplinar o cara a sentar na fileira H, número 184. E tem um outro problema, o Maracanã vai abrir terceirizado. E tem os novos camarotes, que ficavam na parte de cima da arquibancada...um monte de gente comprou... mas o Estádio foi demolido. E quem tem a cadeira perpétua? As cativas tinham duração de cinco anos. O que o sujeito fazia era ir comprando, de cinco em cinco anos. Mas depois acabou. Só ficaram as perpétuas.

AB: Naquele setor, né?

WR: É, eles pegaram as cadeiras perpétuas, separaram um quadrado...isso é outra coisa que não tem em estádio nenhum do mundo...o melhor lugar do estádio é de graça... É tribuna desportiva, para os dirigentes, tribuna de imprensa, para nós, e tribuna de honra para os visitantes.

AB: Era bem separado?

WR: Sim, tinha uma gradezinha, um porteiro... Eu tenho direito, por lei, a uma cadeira a vida inteira... Agora, quem vai me dizer se eu entro? Porque onde é que está escrito? Bom, é uma Lei Estadual, se não deixarem entrar vou ter que ir à Justiça pra garantir o direito.

AB: Você pode falar um pouquinho sobre o Engenhão?

WR: Eu gosto de trabalhar lá...não gosto de ir.

AB: Mas falam que é tão bom de proximidade, trem na porta...

WR: Pra quem vai de trem é ótimo. Pra quem vai de automóvel é um horror. Não tem estacionamento, as ruas são muito estreitas... Quer dizer, você que é uma pessoa pública, tem dificuldade pra sair... aparece um bêbado lá... agora mesmo, pegaram um carro da TV Globo e quebraram... eu espero o pessoal sair...

AB: Mas em relação ao sentimento, por que não teve aderência da população?

WR: Primeiro, a falta do Maracanã, as pessoas não digeriram isso. Segundo, a televisão prefere que você fique em casa comprando o pacote dela. Então, marca jogo para dez horas da noite. Ali é uma dificuldade enorme de condução, com exceção do trem. Quem tá indo, é quem vai de trem. Quem vai de automóvel, acaba não indo. Quantidade de assalto é enorme. Você para no Norte-Shopping, vai andar meia-noite até lá? Se estiver chovendo vai sair debaixo de chuva até lá. Então, o sujeito prefere ficar em casa.

AB: Mas comparando com o Maracanã...ele cumpre os encargos da FIFA...

WR: Sim... ele como estádio é perfeito.

AB: Mas e a relação da torcida com o estádio?

WR: Não, lá não tem... É norte, sul, leste, oeste... as torcidas se separam...

Obrigada.

GREGÓRIO FELDMAM – 17/11/2012

AB: Frequência com que ia ao estádio?

GF: Duas a três vezes por semana.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

GF: Eu frequentava as cadeiras perpétuas porque meu pai possuía cadeira perpétua, porque ele foi o arquiteto do Maracanã.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

GF: Desde os meus quatro, cinco anos de idade. Meu pai me levou.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

GF: Como meu pai foi o arquiteto do Maracanã, bom, deixa eu te falar uma coisa pra vc entender... o estádio foi concebido, porque foi uma concorrência pública, só poderia construir um estádio como o Maracanã alguém que entendesse muito de futebol. Se fosse um cara especialista em baseball, ou qualquer outro esporte, nunca faria um estádio deste. E meu pai era um apaixonado por futebol. Ele frequentava, não tinha dinheiro, era muito pobre, ele frequentava Figueira de Mello, ele torcia para o São Cristóvão, ele não tinha dinheiro pra entrar, então ele subia nas árvores, nos muros, nas coisas para ver os jogos, então como ele tinha uma ideia de como era sofrer para ver um jogo, quando ele teve a possibilidade de fazer o maior estádio do mundo, ele sabia tudo de futebol, além de ser um arquiteto brilhante. Então, na verdade, tem uma coisa muito inusitada, que vc vai entender, é a relação apaixonada do futebol e do arquiteto que o construiu, é que ele construiu este estádio, ele não tinha nem se formado, ele tinha 24 anos nessa data. O projeto foi concebido em 1947, ele nasceu em 24, ele tinha 23 anos. Ele era estagiário do escritório. Por essa foto você vê quem fez o projeto, quem tá olhando assombrado e quem tá olhando já sabendo o que queria. O projeto ficou realmente como ele concebeu, com as rampas...esse sistema de rampas, de entrada e saída é revolucionário, o sistema da marquise foi revolucionário, sem pilar, foi uma obra de arquitetura assim, revolucionária. O fosso... Então como ele era São Cristóvão, apaixonado por futebol, e tinha uma criatividade enorme, eu até já escrevi um artigo sobre isso, como foi concebido o croqui, ele fez em um ônibus, ele teve uma inspiração, pra fazer um estádio desse tem que estar muito inspirado

AB: Eu já coletei muita informação com torcedor, e todos falam da emoção, mas por que é diferente'?...

GF: A emoção é diferente porque esse estádio foi construído para duzentas mil pessoas, então quando você chegava no Maracanã em um jogo marcante que é a cara do Maracanã, o Fla-Flu, pode fazer dez mil Fla-Flus em qualquer outro estádio, no Engenhão, não é a mesma coisa. Então quando você entrava no Maracanã, num dia de Fla-Flu, com quase duzentas mil pessoas, aquele colorido, de um lado a torcida do Flamengo, do outro lado a torcida do Fluminense, a Geral completamente lotada, tudo lotado, era uma emoção assim... mesmo para quem perdesse ou ganhasse a emoção era grande. Eu fui criado no Maracanã. Como eu era filho do arquiteto, às vezes tinha jogo quarta, sábado e domingo, eu ia independente do time. São Cristóvão e Bonsucesso, São Cristóvão e Flamengo, São Cristóvão e Olaria, Fluminense e Canto do Rio... Qualquer jogo...óbvio que teve jogos maravilhosos que eu pude ver, final do mundial de clubes entre Santos e Milan, a classificação do Brasil para a Copa de 1970, a final Brasil e Paraguai, que dizem que foi o recorde de público, e o Flamengo perder do Bangu na final do Campeonato Carioca de 3 a 0, sair uma briga desgraçada, um negócio...e outros episódios que...

AB: O que você acha da rampa, tem alguma coisa especial?

GF: A rampa graças a Deus não sei por que eles a rampa eles não destruíram, a inspiração do meu pai acho que veio do Coliseu de Roma, meu pai que bolou a ideia da rampa, a ideia era dar segurança para a entrada e para a saída, então onde é que você consegue ver isso, é histórico é bíblico, da conquista da Massada (ele conta a história), uma fortaleza que ficava no alto de uma colina, fica lá em Israel e os romanos tentavam conquistar e não conseguiam, quando os soldados subiam um a um essa colina, eles eram presas fáceis, os caras jogavam óleo quente e eles não conseguiam subir, mas aí o general romano bolou, vamos fazer uma rampa que nessa rampa a gente vai entrar com 10.000 soldados ao mesmo tempo e aí não tem como eles resistirem. Então eles construíram durante 10 anos essa rampa, existe até hoje, foi um achado arqueológico, e essa rampa mostrou como é que um exército com 10.000 pessoas sobe no alto de um lugar, só construindo uma grande rampa, e aí chegando lá, como eles sabiam que iam morrer, eles se mataram antes, foi um suicídio coletivo, foi a forma que eles encontraram para não se entregarem aos romanos, eu quis te falar esse episódio porque eu acho, eu acho, não tenho certeza, que meu pai morreu muito cedo, que ele se baseou em algumas coisas romanas, porque meu pai gostava muito da arquitetura romana, então eu faço uma analogia, como a conquista de Massada porque com 100 mil, 200 mil pessoas como é que você pode entrar e sair, e o Maracanã ficava vazio, num Fla Flu, em 15 minutos ficava vazio, o que que era isso aí, não eram só as rampas, eram os túneis, aqueles acessos você via no Coliseu, aquele fosso que meu pai também concebeu, também tinha no Coliseu, era pra ter água e não deixasse que os torcedores invadissem, como no Coliseu, você tinha que afastar a plateia, arquitetonicamente você vê a foto do Coliseu você vai ver que tem muitas semelhanças, os túneis são muito parecidos, as arquibancadas são parecidas. Com relação à rampa, eu acho que meu pai concebeu essa saída e entrada estratégica, pra 100 mil pessoas, sem tumulto, não é uma obra de arte, e felizmente os grandes políticos e reinado da Fifa sobre, entendeu... (fala da questão da Fifa com a França e o estádio que foi preservado)

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

GF: Ah, o dia de Maracanã era uma festa, primeiro porque eu morava em Copacabana, naquela não tinha túnel Rebouças, não tinha nada, meu pai não

dirigia, então a gente tinha... Íamos ao Maracanã, era uma festa, saíamos de Copacabana íamos até a Central, pegávamos um trem e íamos até São Cristóvão, então era uma festa pra ir e uma festa para voltar e eu adorava, ia com meu pai, e podia ser dia de semana e era sempre assim, era um programa maravilhoso, eu adorava, chegava cedinho, fazia mais nada, e eu sonhava pô que pena tá acabando, amanhã tem aula.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

GF: Era sempre emocionante, pra mim não mudou, a emoção que eu tive na primeira vez, eu não me lembro direito porque eu era muito pequeno, mas entrar no Maracanã e ver aquele estádio cheio, como uma cor, uma vibração, e não era só isso não, eu via nas pessoas, nas pessoas que eu levava, tinha muitos amigos que vinha de fora, de outros lugares do Brasil que eu levava, era muito lindo ver a emoção das pessoas que viam isso pela primeira vez, eles ficavam sem palavras, porque pra mim já era o cotidiano, qualquer entrada, mesmo a geral, isso porque o Maracanã foi muito democrático, meu pai era uma pessoa muito socialista entendeu, veio de origem muito pobre então já que ele teve tanta dificuldade, ele deu acesso ao Maracanã à todas as classes, então o cara que pagava 1 real podia ver o jogo da mesma forma que o Presidente da República, só que obviamente os lugares eram diferentes, os geraldinos pagavam 1 real pra ver o jogo, militar não pagava nada. Agora não vai haver, agora vai tá elitizado, acabaram com a democratização do futebol, isso aí foi o que eles fizeram com o carnaval, é uma pena, porque em nome das regras da Fifa, acabaram com uma magia, eles não pensaram em outras coisas a não ser o lucro, eles estragaram um monumento, o pobre não vai ver nunca mais futebol. Como eu ia muito nas cadeiras perpétuas, meu pai não pagava ingresso, tinha entrada livre lá, muitas vezes, meu pai gostava tanto que às vezes ele falava: vamos ver da arquibancada, e às vezes a gente ia, acho que ele gostava mesmo da arquibancada. Tinha diferença, óbvio, a emoção da arquibancada, meu filho com 10 anos já falava, pai vamos na arquibancada para sentir mais emoção, igual a música. Você beija, abraça quem tá do lado, é muito bom... Ele é democrático no sentido de que todo mundo pode entrar, cansei de ir e meu pai levava porteiro para ir na perpétua, eu acho que é um espaço democrático que vai ser difícil ter de volta... A cadeira perpétua ela não dividia por torcidas, por que? Eram cadeiras numeradas então você tinha um mix de torcedores, que iam de camisa, bandeira, você sabia porque conhecia quem frequentava lá, mesmo de arquibancada você gosta de ir naquele local, meu comportamento era igual de torcedor, eu xingava, eu gritava, até pra ver briga.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

GF: No intervalo era mais um cafezinho e quem fumava... Às vezes era tão cheio, não tinha roleta eletrônica, era um papelzinho então você não podia muito sair do lugar não porque perdia a cadeira, mesmo a perpétua à vezes sentava no concreto.

AB: Como você acompanhava o jogo?

GF: Meu pai levava o radinho de pilha. Tenho uma foto que a rainha Elizabete tava no jogo e meu pai saiu numa foto com o radinho de pilha, as pessoas gostavam, o radinho era engraçado porque o cara levava era um tijolão e ficavam escutando juntos, só no Maracanã mesmo... O radialista é que tinha a palavra final, melhor lugar, não tinha televisão, telão...

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

GF: A mesma emoção desde criança, não importa. Meu pai chegava muito cedo, então a gente via as pessoas chegarem, aquela emoção do cheio eu não tinha muito, depois que ele faleceu que eu chegava em cima da hora que era aquela emoção... Depois foi reduzindo muito... a ideia de destruir o Maracanã vem de muito tempo, Copa de 98, dizendo que não era seguro, eu fui um dos que fizeram campanha para o tombamento, eu morava nos Estados Unidos mas participei.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

GF: Se era meu time, Fluminense, era uma emoção grande, principalmente ganhar dos grandes times. A imagem que me chama mais atenção era o Fla Flu, a emoção era indescritível, o colorido, o pó de arroz, a torcida do Flamengo...

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais?

GF: Me recuso a ir no Engenhão, hoje eu tô mais recatado, fui umas duas vezes ver o Fluminense. Mas outros estádios... Futebol, emoção tá mito ligado ao Maracanã pra mim.

AB: O que foi o Maracanã para você?

GF: Foi toda uma infância feliz, os grandes momentos com meu pai, acho que passei maior parte do meu tempo com meu pai no Maracanã, foi 25 anos de parceria.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã?

GF: Eu comparo o novo Maracanã com o sambódromo, acabaram com o futebol da mesma forma que fizeram com o samba, tiraram o Maracanã do povo e entregaram de mãos beijadas para os turistas. Vai ser uma grande arena para grandes shows, MMA, que vai dar dinheiro. Eles querem acabar com um estádio de futebol, maravilhoso pra fazer... Óbvio que foi visando outras coisas, então pra mim é com grande tristeza que vejo essa reforma e para outros times jogarem a final. E as próximas gerações não vão ter o prazer em conhecer.

Obrigada.

3 ARTIGO 3 – ESTÁDIO DO MARACANÃ NA MEMÓRIA DE SEUS FREQUENTADORES

RESUMO

O Estádio do Maracanã, na relação com seus frequentadores, é tema deste estudo. Nosso objetivo é identificar as memórias de torcedores sobre o Maracanã e analisar os significados dessas memórias. A análise privilegia aspectos, que contribuíram para a construção desse estádio-símbolo. O referencial teórico é da abordagem psicossocial da memória, formulada por Sá (2005, 2007). Pautamo-nos pela análise do conteúdo (BARDIN, 2011). Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com frequentadores assíduos do Maracanã, torcedores de Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo. Os resultados apontam para singularidades construídas na relação entre os frequentadores do Maracanã, que transitam pela arquitetura do estádio, pelas emoções vivenciadas a cada dia de jogo e pelo sentimento de pertencimento, estabelecido no decurso do tempo.

Palavras-chave: Memória. Futebol. Maracanã. Frequentadores.

INTRODUÇÃO

A inauguração do estádio Jornalista Mário Filho, Maracanã, em 1950, está associada com a Copa do Mundo, realizada nesse mesmo ano no Brasil. Para receber os jogos da copa, cabia construir um estádio monumental. Segundo Curi (2012, p. 59),

A Copa do Mundo seria o palco para que o país se apresentasse como um novo poder. Isso explica a escolha por um estádio nas dimensões do Maracanã, cuja lotação máxima era definida para 150.000 espectadores, o que o faria, na época, o maior estádio do mundo. O Maracanã deveria ser um monumento do qual brasileiros deveriam se orgulhar.

As memórias aqui consideradas começaram a construir-se na Copa do Mundo de 1950, quando a seleção brasileira foi derrotada pelo Uruguai. Desde lá, seis décadas se passaram, e muitos campeonatos nacionais e internacionais foram disputados no estádio.

Em 2010, teve início uma reforma estrutural, com o objetivo de modernizar o estádio para a Copa de Mundo de 2014. No contexto dessa reforma, optamos por estudar as memórias dos frequentadores do estádio.

A memória, estudada por várias áreas do conhecimento, é uma zona complexa de interseção de saberes, representações e percepções. Seguiremos a abordagem psicossocial formulada por Sá (2005, 2007), que se pauta, principalmente, nas ideias do psicólogo social F. C. Bartlett (1995) e do sociólogo M. Halbwachs (2006), que focalizam o lado social na construção da memória.

Bartlett (1995) trabalha com o conceito de convencionalização, segundo o qual as lembranças do indivíduo são marcadas pelas convenções culturais e ideológicas do grupo ao qual pertence. A atividade construtiva da rememoração envolve uma remodelação, é um processo que relaciona cenários e transforma o objeto novo em algo mais próximo, convencional. Segundo Middleton e Brown (2006, p. 77), “o que o conceito tenta capturar é a integração essencial entre a mentalidade individual e a cultura, a interdependência entre cognição, afeto e símbolos culturais”. Com Halbwachs (2006), os estudos ganham um tratamento de fenômeno social, pautado na ideia dos “quadros sociais da memória”, que são

construídos a partir de nexos interpessoais, de relações das pessoas com as instituições sociais. Voltar ao passado não seria reviver, mas refazer, reconstruir as experiências do passado, com imagens e ideias de hoje.

Bosi (1979, p. 17) estabelece relação entre memória e diferentes contextos sociais:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com seus grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

A partir de diferentes abordagens sobre esse campo de estudo, Sá (2005, 2007), nos seus trabalhos que dizem respeito diretamente a memória, destaca dois pontos que merecem ser considerados. Um deles é a própria denominação ‘memória social’, em que o termo ‘social’ seria utilizado com caráter mais abrangente, designando o “conjunto inteiro dos fenômenos ou instâncias sociais da memória” na sociedade (2005, p. 71).

No outro ponto o autor se refere a cinco princípios que unificariam o campo da memória e que servem como norteadores das pesquisas que abordam esse tema. O primeiro estabelece que a memória é uma construção do presente e não uma reprodução do passado. A construção se faz a partir das experiências anteriores e da “realidade do presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura” (SÁ, 2007, p. 290).

O segundo princípio aponta que quem se lembra de algo é o indivíduo, retirando o peso das abordagens sociológicas, embora a forma e os conteúdos sejam parcialmente determinados pelas várias instâncias sociais.

O terceiro postula uma relação intrínseca entre memória e as comunicações, que contribuem para sua construção, manutenção e transmissão.

O quarto princípio vincula a memória ao pensamento social. Conforme Sá (2007, p. 290), “o conteúdo que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre o mesmo”.

Por fim, o quinto princípio estabelece que o interesse e o sentimento que o indivíduo nutre pelo objeto em questão têm relação direta com a construção da memória. Esses princípios estão ligados ao contexto e ajudam a compreender o conteúdo exibido pela memória, variando de acordo com o lugar e com o momento.

Memória equivale a representação social, na abordagem das Representações Sociais, de Serge Moscovici. Ao conceituar a memória social como o “conjunto de representações relativas ao passado que cada grupo produz, institucionaliza, cuida e transmite por meio da interação de seus membros”, Jedlowski (2005, p. 87) mostra a possibilidade de estudar o conteúdo da memória e o processo de construção e transmissão de tal conteúdo, articulados com as práticas de comunicação de um grupo.

Essa articulação se torna mais evidente quando Valencia (2005), a partir da teoria de Moscovici, comprova que o estudo da memória social também se baseia em crenças, significados e práticas, marcados pela interferência do tempo. O tempo teria a função de orientar cada indivíduo no mundo e possibilitar a interação desse indivíduo com o grupo, ajudando a construir significados e classificações do ambiente e da história individual e social.

Segundo Moscovici (1978, p. 49), a representação é uma “preparação para a ação (...) ela consegue inculcar um sentido ao comportamento (...)”. Portanto, o estudo dos significados construídos com base nas lembranças sobre o Maracanã, a partir de falas, práticas e interações, revela-nos indícios das relações dos torcedores com o estádio.

Partimos da tese, refinada por Connerton (1999, p. 2), de que “nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado”. No espírito dessa tese, a memória construída pelos torcedores sobre o estádio preserva a história e influencia novas representações.

O objetivo deste estudo é identificar a memória dos torcedores sobre o Maracanã, e analisar os significados dessas memórias. A expectativa é que a análise permita identificar significados que contribuíram para a construção de um estádio com valor simbólico e político.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Nesse estudo de caráter qualitativo, utilizamos como recurso a análise do conteúdo (BARDIN, 2011, p. 48), definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (...) dessas mensagens.

Para alcançarmos nosso objetivo, estabelecemos como sujeitos da pesquisa um grupo de torcedores que frequentaram o Maracanã até o encerramento dos jogos no ano de 2010. A escolha obedeceu ao seguinte critério de inclusão: ter frequentado com regularidade, no mínimo, os últimos quinze anos de funcionamento do estádio (de 1995 a 2010). Esse critério nos assegura que os informantes vivenciaram, além dos últimos 10 anos, pelo menos, os cinco anos anteriores à primeira reforma significativa do estádio, em 2000. A amostra foi de trinta e dois torcedores, oito de cada um dos quatro times com as maiores torcidas do Rio de Janeiro (Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo). Em relação ao número de informantes, seguimos o critério de saturação, em que a coleta finaliza quando dados novos não são mais acrescentados (BAUER; AARTS, 2011, p. 59).

Os dados foram coletados no segundo semestre de 2012, através de entrevistas semiestruturadas realizadas no Estádio Olímpico João Havelange, conhecido popularmente como Engenhão, em dias de jogos do campeonato brasileiro; na sede do Clube do Vasco da Gama; em evento comemorativo da torcida organizada Young-Flu; na sede da torcida Raça Rubro-Negra e em outros locais públicos onde se encontravam alguns dos entrevistados.

Seguindo a metodologia da análise categorial, estabelecemos como unidade de registro o tema, buscando nessas comunicações os núcleos de sentido aparentes, que proporcionam entendimento sobre o fenômeno estudado.

A partir de várias releituras das respostas dos informantes, as categorias de consenso foram aparecendo. As memórias construídas pelos torcedores mostram, além do vínculo afetivo que eles foram estabelecendo ao longo do tempo com o Maracanã, aspectos que auxiliaram na construção desse lugar.

ANÁLISE

Identificamos as memórias dos torcedores de ambos os sexos, de diferentes idades, que assistiram aos jogos nos vários setores do estádio, pertencentes ou não

às torcidas organizadas de seus times, e que conviveram no Maracanã de forma frequente. Como não encontramos diferenças associadas a variáveis sociais, como sexo e idade, nos discursos desses informantes, as análises de cada item de memória foram estabelecidas a partir de falas desse grupo de torcedores, sem separação pelas referidas variáveis.

Trabalhamos no campo da interseção de duas categorias da memória (SÁ, 2007): a primeira, memórias comuns, lembranças que não são discutidas ou elaboradas pelo grupo, definidas como “coleções de muitas memórias pessoais acerca de um mesmo objeto, construídas independentemente umas das outras” (p. 292); a segunda, memórias coletivas, construídas por grupos bem definidos, que interagem e discutem sobre o conteúdo da memória. Como as classificações não são excludentes, podemos encontrar, na análise, memórias comuns e outras que se construíram coletivamente, uma vez que os sujeitos são torcedores que frequentaram regularmente o estádio e podem ter interagido sobre o tema Maracanã no momento das entrevistas, quando o estádio era assunto recorrente na mídia.

O quadro seguinte sintetiza as principais manifestações da memória dos torcedores do grupo amostral, distribuídas em três categorias temáticas.

LUGAR DO JOGO	DIA DO JOGO	RESONÂNCIAS DO LUGAR
<ul style="list-style-type: none"> - Localização e acesso - Arquitetura - Acústica - Democrático - Território de todos 	<ul style="list-style-type: none"> - Lazer - Sentimentos variados 	<ul style="list-style-type: none"> - História de vida - Família / amizades - Casa - Saudosismo / perda

A seguir vamos analisar cada uma das categorias temáticas.

Quanto ao lugar do jogo

Os debates sobre o local de construção do Maracanã indicam que o estádio deveria ser central e de fácil acesso em virtude dos transportes públicos. Hoje, a localização do Maracanã é apresentada pelos torcedores como facilitadora de acesso, o que singulariza o estádio:

O Maracanã é fácil de ir, é fácil de chegar, tem lugar pra estacionar; tradição, conforto, acessibilidade; no Maracanã era fácil, muito prático, muito fácil, eu entrava no trem, que me largava na porta do Maracanã.

A importância do centro é sinalizada pelos indivíduos quando consideram seus 'lugares', como centro do mundo. Para Mello (2008) "o centro é rico em significados e para onde as coisas convergem, é de toda gente, [...] as áreas centrais tornaram-se grandes referências da cidade" (p. 171).

Além do local, alguns critérios nortearam o grupo de arquitetos responsáveis pelo projeto. A arquitetura do estádio com sua forma imponente, sua beleza, as rampas monumentais, são marcas do Maracanã, destacadas na lembrança dos torcedores. Com a reforma para a Copa do Mundo de 2014, em que o anel externo e as rampas foram preservados por serem tombados, essa preservação nos mostra como a arquitetura está repleta de significados. Em 1950 a ideia era mostrar a grandiosidade e força da nação; para Tuan (1983), construir "é comprometer-se [...] na criação de uma forma material que capture um ideal" (p. 119). As características se mantiveram na memória de cada torcedor, atrelada ao simbolismo do estádio, cuja grandiosidade e magia continuam sendo enaltecidas por eles.

Maracanã é diferente de tudo; é a relação apaixonada do futebol e do arquiteto que o construiu; vê aquele estádio imenso, o sistema de rampas, de entrada e saída, o sistema da marquise sem pilar, foi uma obra de arquitetura assim, revolucionária; subia aquela rampa, sentia que eu estava entrando numa dimensão diferente; Maracanã é incomparável pela grandeza; Maracanã tem uma magia diferente, o espaço, a beleza, o campo, uma coisa fantástica.

Além da arquitetura, a memória também é construída pelo som, pela acústica do estádio, que mexe com as emoções da torcida. Se resgatarmos as ideias de Gaffney e Bale (2004) que nos dizem que a experiência no estádio passa pelo pensamento e também pelos sentimentos, essas experiências sensoriais contribuem

para a apreciação do lugar. Segundo os autores, a construção de um estádio, lugar das multidões, é visual, preenche o olhar, mas o estádio sem o som é um estádio vazio. As falas dos informantes nos mostram a importância dos nossos sentidos, no caso a visão, em relação à arquitetura e a audição, em relação à acústica, e como esses fatores contribuíram para o simbolismo do Maracanã. Para Tuan (1983, p. 20),

Um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva.

Essa visão do autor se atualiza na fala dos nossos informantes, como se pode comprovar pela citação abaixo:

A acústica de lá, pô, muito melhor, absurdo; o Maracanã você sente tremer; quando a torcida canta, ecoa; é um grito uníssono, era um grito só, um canto só; não tem igual pela vibração do Maracanã.

Além da acústica, que muitos torcedores colocaram como singular ao Maracanã, podemos falar também de tambores, cornetas, hinos e gritos de guerra, sons característicos do estádio que, para Tuan (1983, p. 143), se sincronizados com os movimentos corporais, podem “libertar as pessoas das solicitações de uma vida útil dirigida por objetivos”, o que transforma o estádio de futebol em um lugar especial, que agrega indivíduos e favorece a catarse e a transcendência.

Outra categoria presente na memória é o caráter democrático do lugar. Os diferentes setores com preços variados facilitavam o acesso ao estádio. Torcedores de distintas gerações apontam que lá dentro as diferenças socioeconômicas eram apagadas. A união em prol do time, a luta pelas mesmas causas, o partilhar das mesmas emoções, fortaleciam o sentimento de coletividade, mesmo daqueles que não se conheciam.

Essa democratização do lugar foi apresentada, na época da construção do estádio, como um dos principais objetivos a serem alcançados quando estivesse funcionando. A ideia era que aquele estádio, que estava sendo erguido, fosse um patrimônio do povo brasileiro. A população foi convocada de diversas maneiras, desde a campanha em prol da construção, como também através do incentivo para

a compra de cadeiras cativas e perpétuas, como forma de financiar a obra. O Maracanã deveria ser do povo e servir ao povo como espaço de lazer. Esse sentimento se perpetua na memória dos torcedores quando os discursos mostram que aquele espaço pertence a todos e todos têm o direito de usufruí-lo.

Você abraçava do médico ao porteiro, não importava quem tivesse lá você saía abraçando; ele é democrático no sentido de que todo mundo pode entrar; não tinha pobre, não tinha rico, independente de raça eu acho que aquilo ali era uma coisa só, cada um torcendo pro seu time.

Além dessa característica democrática, outro fator presente na memória dos torcedores é o fato de ele ser um estádio público, que não pertence a nenhum clube, possibilitando um sentimento de propriedade por todos os times. Essa ausência de propriedade por parte de um único time, onde torcedores de diferentes clubes podem se considerar os donos do lugar, favorece o sentimento de afeição pelo Maracanã, importante para a transformação de espaço em lugar sagrado dos cariocas.

O Maracanã é um templo do futebol; é generalizado, jogo do Brasil, de outros times...; não é casa de ninguém, é de todos; Maracanã é a casa do carioca; todo time se sente em casa no Maracanã.

Essa característica é singular, pois temos, no âmbito do Rio de Janeiro, o São Januário, estádio mais antigo do estado, que pertence somente aos vascaínos, não possibilitando que os demais torcedores de outros times estabeleçam a ideia de campo neutro ou de lar, fatores que nos parecem importantes para que se construa a afeição pelo lugar. O mesmo ocorre com o estádio do Engenhão que, embora pertença à Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, foi alugado para o Botafogo.

O fato de o Maracanã ser um estádio público transforma os torcedores em estabelecidos (ELIAS; SCOTSON, 2000), detentores de um poder necessário para que se mantenha a superioridade que impede que um grupo se torne inferior ao outro. Existiria um equilíbrio de poder entre os torcedores dos diferentes times. Ou então, seriam todos *outsiders*, o que de certa forma também impossibilita a superioridade de um dos grupos sobre os outros, diferentemente do que acontece

com os estádios particulares, onde apenas um time é o estabelecido, vendo-se como o melhor e estigmatizando os demais como inferiores.

Quanto ao dia do jogo

Ao construírem suas memórias, percebemos que cada dia de jogo era marcado por simbolismos. As práticas de preparação eram as mais diversas: rezas, utilização de mesma camisa vencedora, arrumação de bandeiras, entre outras que mostram que muito antes do apito inicial do juiz o evento, ida ao Maracanã, já se iniciava, marcada por ansiedade.

A gente nem dormia, às vezes nem almoçava, ficava tenso pra poder assistir o jogo, ansioso para chegar logo ao estádio, empurrar o time pra vitória, sacrifício; acordava, tomava café, botava a roupa e ia pra rua; normalmente é um dia diferente, principalmente clássico; você acorda com o coração mais acelerado.

Além dos preparativos o dia do jogo proporcionava a integração com os amigos, um momento de lazer importante para a socialização de cada um dos torcedores. O Maracanã era o local do encontro, da descontração, do descanso do dia-a-dia. Tuan (1983, p. 137), destaca a importância de lugares onde o peso do tempo desaparece, são lugares de férias, de lazer, que caminham na direção de lugares míticos.

Sempre fui para o estádio com muitos amigos; ia pra praia, já ficava naquele clima; fazer um churrasco, pra ir para o estádio torcer; era sagrado o encontro com amigos.

A frequência era semanal, um compromisso afetivo com o estádio.

Sempre foi um lugar de lazer, o programa principal do fim de semana; todo final de semana eu estava no Maracanã; eu gosto de futebol, ir no Maracanã era um lazer.

Chegar e estar no Maracanã eram sinônimos de emoção, que foi a palavra mais prontamente apontada pelos torcedores quando respondiam sobre o

significado do estádio. Sentimentos misturados, antagônicos que eram vividos ali dentro, nos 90 minutos de jogo, marcam a afetividade pelo lugar. Se recorrermos a Tuan (1983) fica claro que um lugar se torna simbólico tanto pelo decurso dos anos quanto pela intensidade dos sentimentos vivenciados. Experimentar o Maracanã não tem como não viver, não sentir as mais variadas emoções.

No Maracanã a emoção é diferente; emoção que não tem explicação; coração acelera; tão grande quanto a emoção de quem paga uma promessa na Igreja da Penha; entrar no Maracanã e ver aquele estádio cheio, com uma cor, uma vibração; sempre era uma alegria; muita gente chorando; amor, emoção, angústia, nervosismo; quando o time ganhava de extremo êxtase, quando perdia, depressão; euforia, angústia, alívio, tristeza, decepção e raiva; a gente vai do limite máximo do prazer ao fundo do poço.

O espaço ambiental Maracanã, ao proporcionar aos torcedores a vivência desses diversos sentimentos se torna um lugar diferenciado, onde é permitido dar vazão aos impulsos emocionais que constantemente são reprimidos no nosso dia-a-dia. O estádio seria o lugar de lazer, antagônico aos espaços controlados e limitados das sociedades modernas, que exercem domínio dos nossos sentimentos. Segundo Elias e Dunning (1992, p. 69) “a maioria das sociedades humanas desenvolve alguma contramedida em oposição às tensões do stress que elas próprias criam”.

A fala dos informantes retrata esse espaço necessário aos indivíduos. A dinâmica que compreende desde a preparação para a ida ao estádio, estendendo esse momento de lazer, até o término do jogo, mostra como o Maracanã funcionou durante esses 60 anos como um espaço de lazer, que autoriza a vivência dos diversos sentimentos, contrapondo-se às atividades do cotidiano.

Para Elias e Dunning (1992), os diferentes estados de espírito (alegria, tristeza, prazer, medo, confiança, angustia, exaltação), que criam as tensões necessárias à excitação e ao descontrole, possibilitam o divertimento nesses locais de lazer onde as emoções são agradáveis e de certa forma controladas.

A companhia de muitas outras pessoas pode ser a mais agradável e libertadora de todas, porque na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos (p. 72).

A memória de cada torcedor em relação ao dia de Maracanã é marcada por essas tensões que contribuem de certa forma para agregá-los. A união, as práticas dentro do estádio, as formas de comemoração mostram um coletivo bem definido e afetivo, que por vezes foi cedendo espaço para a violência. Mas as lembranças, embora mostrem esse desconforto de épocas mais recentes, não deixam de exaltar o grande momento de união proporcionado pelo Maracanã.

Todo mundo cantando a mesma música, gritando, como se estivessem ali unidos pela mesma causa, a felicidade de todos; conversava com qualquer um que você não conhecesse o tempo todo; parece uma comunidade; eu me lembro daquela união, todo mundo que entrava junto ali, as torcidas pela mesma passarela, quando descíamos, descíamos todos juntos; tem gente ali que você nunca viu, que a gente não conhece e mesmo sem conhecer rola aquele afeto, carinho.

Segundo Gaffney e Bale (2004), fazer parte da multidão que olha para si e partilha emoções, fornece aos torcedores uma sensação de valorização dos sentimentos. Para os autores, a proximidade entre as pessoas em uma arquibancada proporciona uma sensação de movimento e de espaço que pode ser maior do que quando ficam presas em cadeiras individuais. A participação na multidão é uma prática que acontece nos estádios e o Maracanã proporcionou essa vivência tanto aos torcedores, que permaneciam em pé na Geral (setor extinto em 2005), quanto aos que ficavam sentados no concreto das arquibancadas até o ano 2000, quando as mesmas receberam assentos. Emoções intensas, que foram marcando os torcedores a cada jogo, desde o primeiro contato com o Maracanã. São imagens das vitórias, das derrotas simbólicas e lances extraordinários que para os amantes do esporte são marcas singulares daquele lugar sagrado, com seus deuses do futebol.

Quando eu entrei no túnel a primeira vez, vi o campo pela primeira vez, a gente fica extático; sempre que o meu time era campeão me marcava; a imagem mais marcante foi o dia do hexa; comemoração do título; no Maracanã jogou Gerson, Rivelino, Assis, Zico, Romerito; eu fecho os olhos agora e vejo lances de 30 anos atrás; mais marcante é isso mesmo, é festa, carnaval na rua.

Os eventos falados por anos e repletos de significados ficam nas lembranças e contribuem na construção e reatualização da memória. Para Gaffney e Bale (2004), quanto mais momentos forem vivenciados no estádio, mais ele se tornará sagrado.

Garrincha pegava a bola, o Maracanã fazia aquele silêncio, fingia que ia para um lado aí todo mundo “oh” “oh”, aquilo era algo; gol do Maurício em cima do Zico foi uma coisa fora do normal, um toquezinho assim, meu Deus do céu; Assis marcando de cabeça com Aldo cruzando, foi uma coisa sensacional; gol de barriga do Renato Gaúcho, aquilo ali não tem explicação, todo mundo chorando; gol do Cocada em 88, entrou no finalzinho e conseguiu fazer o gol, Vasco campeão.

As imagens dos jogos e lances emblemáticos que foram presenciados e testemunhados pelos torcedores, independente do tempo transcorrido, são distintas entre as diferentes gerações e torcidas, porém, todas elas são narradas mostrando o quão significativo foram esses momentos de emoção vivenciados no Maracanã. As lembranças são construídas não apenas de vitórias ou derrotas, mas também por esses lances detalhados que colocam os torcedores como participantes do jogo e da história.

Quanto à ressonância do lugar

Essa categoria retrata o transcurso do tempo, necessário para um lugar se tornar simbólico. A vivência, as experiências no lugar são acumuladas, jogo após jogo, e o ambiente visitado em diversas ocasiões constrói memórias que ecoam além dos muros do estádio. Essa ligação afetiva que vai sendo estabelecida com o passar dos anos é um dos princípios que auxiliam na construção e exibição de um conteúdo da memória social (SÁ, 2007). As lembranças retratam que as experiências vividas no Maracanã extrapolam os dias de jogos e se direcionam para a vida de cada um deles, contribuindo para o simbolismo do estádio.

A relação estabelecida entre o estádio e os torcedores, configura o Maracanã como um local onde se estabelecem redes de sociabilidade (MAGNANI, 2002) e por isso a necessidade em mantê-lo para a comunidade. É um lugar de lazer com reflexos importantes no campo pessoal. Experiências, que se iniciam na infância e chegam, muitas vezes, à terceira idade. Momentos da história dos torcedores, que

se misturam com a própria história do estádio. Para Gaffney e Bale (2004), a sensação de participação na história é importante para que se estabeleça a afetividade pelo lugar.

Foi no Maracanã que eu aprendi muita coisa; Maracanã trouxe amadurecimento; faz parte da minha vida; grande parte da minha infância e adolescência, pô minha vida era o Maracanã; o jogo não valia nada, eu tava lá, comemorando meu aniversário; a história do Maracanã se confunde um pouco com a minha história, foram mais de 30 anos lá dentro, quase que semanalmente; ali vivi alguns dos momentos mais felizes da minha vida.

Essa experiência, para Tuan (1983, p. 9), “abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. Em muitos casos ela foi proporcionada pelo pai, estabelecendo uma relação familiar com o estádio. Além desse aspecto o Maracanã é um lugar de reunião dos amigos, encontros, conversas, trocas e até mesmo de conquista de novas amizades. Um ponto de encontro onde se formam redes de sociabilidade, proporcionando aos indivíduos uma participação ativa na cidade, contrariando os “conhecidos discursos do senso comum sobre despersonalização, massificação, solidão etc., motes muito difundidos (...) quando se quer discorrer sobre os problemas dos grandes centros urbanos” (MAGNANI, 2002, p. 17).

Fui molequinho no carioca com meu pai; meu pai levou e vamos aos jogos juntos até hoje; ir ao Maracanã era um evento social, garantia do encontro com a família e os amigos que fizemos por lá; minha família é constituída por conta do Maracanã; conheci amigos, fiz muitas amizades; os grandes momentos com meu pai, a maior parte do meu tempo com meu pai passei no Maracanã.

Para Tuan (1980), o sentimento de filiação por um lugar – topofilia – é exemplo da afeição que se constrói a partir das experiências. O espaço, que é o desconhecido, distante vai se transformando em familiar, claro, aconchegante, definido e com significado, o próprio lar dos indivíduos. “A afeição duradoura pelo lar é, em parte, o resultado de experiências íntimas e aconchegantes” (TUAN, 1983, p. 153). Esse sentimento de casa é formado por um compósito de fatores, tais como não ser o Maracanã território de um clube, ser um espaço onde muitos torcedores podem ter acesso, local onde os sentimentos são intensos e constantes, além dessa

representação de família e amizade que se encontra atrelada ao estádio. Ainda para Tuan (1983), são nesses lugares que as pessoas encontram aconchego e onde as necessidades individuais são consideradas.

Maracanã é como se fosse a nossa casa, qualquer torcedor que entrasse ali ia se sentir a vontade; eu ia ao Maracanã como se fosse à Igreja, aquilo lá é meu templo; aquilo ali é o que você curte fazer, então é um sentimento de pertencimento; relação de familiaridade que eu tinha com o Maracanã; há mais de vinte anos que eu faço isso, sempre seguindo o mesmo caminho, fazendo as mesmas coisas, ficando preferencialmente nos mesmos lugares; relação de amizade, de família que a gente tem com o Maracanã.

Analisando os aspectos da história de vida, do sentimento de pertencimento e afetividade pelo lugar e constatando que a memória é uma construção do presente, percebemos que, com o encerramento das atividades no estádio, em virtude das obras, e o deslocamento dos jogos para outros estádios, os torcedores construíram suas memórias com saudosismo do tempo em que frequentavam o Maracanã. O fato de estar fechado, no momento das entrevistas, e da incerteza quanto à forma com que será reaberto, misturam sentimentos de saudade e de indignação pela possibilidade de perda do lugar, do território, da própria casa.

Faz muita falta; espero que as autoridades não esqueçam que o Maracanã é ou era a melhor diversão das pessoas pobres e espero que tenham setores populares; agora vai fazer falta o cimento, o concreto que a gente tava acostumado a ficar sentado, ficar em pé; medo de perder aquela maneira do torcedor brasileiro torcer; espero que ele não perca aquela magia de antes; acabaram com a nossa casa; perdemos o Maracanã; tiraram o Maracanã do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o Maracanã acabou de passar por uma reforma estrutural e conceitual, sua reabertura deve favorecer a construção de novos significados, que poderão ser confrontados com os aqui levantados, através da fala dos informantes, transformada nesse texto em fala coletiva, que sintetiza a memória dos torcedores sobre o 'antigo' Maracanã, desvelando os significados que o estádio teve para os mesmos.

O estudo nos permitiu constatar que a memória é uma construção pessoal que também sofre influência do social. O discurso convergente de torcedores de diferentes gerações tem explicação nessa premissa. Pois além das próprias experiências, as histórias contadas, narrativas alheias e a mídia, através dos recursos disponíveis, contribuem para a formação das lembranças. As narrativas confirmam a estabilização das memórias. “A constituição, preservação, transmissão e transformação da memória coletiva são processos comunicativos e, obviamente, os meios de comunicação de massa desempenham neles papel crucial” (Jedlowski, 2005, p. 88). Os meios de comunicação permitem que os torcedores conheçam os fatos ocorridos em diferentes épocas do Maracanã, contribuindo para a construção de suas memórias. O estudo ratificou a hipótese de Sá (2007), de que a memória vai sendo reatualizada sofrendo influência do meio social, onde:

Interação e comunicação – intra e/ou intergrupais, erudita e/ou de massa – que pelo seu caráter atual, dão fundamento à tese da reconstrução do passado em função das necessidades e interesses do presente (p. 290).

A partir das falas dos torcedores inferimos que, no processo de construção da memória social sobre o Maracanã, aspectos singulares, tanto da arquitetura do lugar quanto das articulações do indivíduo com o estádio são pontuados.

A arquitetura, enaltecida na inauguração como uma obra colossal, está presente na memória dos torcedores. Passar pelas rampas monumentais é passar para um lugar sagrado, de lazer, de comportamentos e práticas peculiares. O estádio, que desde a inauguração, deveria ser um lugar para o povo, conseguiu atender a esse objetivo e os torcedores tiveram acesso ao Maracanã, independentemente da classe social. O lugar se constituiu por sessenta anos como democrático, território de todos.

Ir ao Maracanã em dia de jogo, além do prazer proporcionado pela disputa, está repleto de sentimentos vividos dentro do estádio. Emoções extremas, que passam da alegria a tristeza, da fúria a calma, todas sentidas com intensidade, também contribuem para a passagem de espaço a lugar.

A ligação afetiva, princípio básico na construção da memória, pode ser intensificada na relação entre o torcedor e o estádio pela presença do pai, tanto no momento de apresentação do estádio aos filhos-torcedores, quanto nas companhias

constantes que contribuem para a construção de um ambiente familiar. As comemorações unem ainda mais os torcedores estabelecendo um lugar afetivo, de união e amizades que se distancia do nosso cotidiano.

Por fim, constatamos que o lugar está intrinsecamente relacionado à vida desses torcedores. Por ser um campo neutro, foi possível estabelecer sentimentos de pertencimento aproximando o estádio do próprio lar. Mesmo o ato de sentar no concreto, de ficar apinhado, trouxe aconchego durante todos esses anos de existência. O Maracanã não deveria ser reestruturado considerando-se apenas aspectos econômicos, políticos ou fatores macros, é preciso atender aos interesses e necessidades dos torcedores que por anos utilizaram o estádio como um espaço de sociabilidade. Segundo Tuan (1980), a consciência que se tem sobre o passado é elemento importante no amor que se estabelece pelo lugar. Talvez por esse motivo e também pela incerteza de como será a reabertura do estádio, é que os torcedores apontaram sentimentos de saudosismo e medo em perder o Maracanã.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARTLETT, F. C. **Remembering**: a study in experimental and social psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 64-89.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Centauro, 1979.
- CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Trad. Maria Manuela Rocha. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- CURI, M. **Espaços da emoção**: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. 317f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFF, Niterói, 2012.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GAFFNEY, C.; BALE, J. Sensing the stadium. In: VERTINSKY, P; BALE, J. (orgs.) **Sites of sports, place, experience**. London and New York: Routledge, 2004. p. 25-38.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.
- JEDLOWSKI, P. Memória e a mídia: uma perspectiva sociológica. (trad. Valéria Rosito). In: SÁ, C. P. (org.) **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 87-98.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos 'deslugares'. **Espaço e cultura**. UERJ: NEPEC, v.1, p. 167-174, 2008.
- MIDDLETON, D. BROWN, S. D. A psicologia social da experiência – a relevância da memória. **Pró-posições**, v. 17, n. 2, p. 71-96, 2006.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SÁ, C. P. As memórias da memória social. In: SÁ, C. P. (org.) **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 63-86.

_____. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 289-294, 2007.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VALENCIA, J. F. Representações sociais e memória social: vicissitudes de um objeto em busca de uma teoria. In: SÁ, C. P. (org.) **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p. 100-119.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

Torcedores – ‘antigo’ Maracanã

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) 4 palavras que você associa ao ‘Estádio do Maracanã’
- 4) Frequência com que ia ao estádio
- 5) Setor em que permanecia durante o jogo
- 6) Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?
- 7) Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.
- 8) Quais eram seus preparativos em dias de jogos?
- 9) Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?
 - 9.1) Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?
 - 9.2) No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos? (esmieuçando a questão 8)
 - 9.3) Como você acompanhava o jogo? (rádio)
- 10) O que você sentia quando entrava no estádio?
- 11) Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?
- 12) Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? SE AFIRMATIVO, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?
- 13) O que foi o Maracanã para você?
- 14) Qual é a imagem mais marcante que você tem do ‘velho’ Maracanã.
- 15) O que você espera do ‘novo’ Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão - sustentabilidade

APÊNDICE B – Entrevistas**FLAMENGO****T1 - TORCEDOR RAÇA - 25 anos - 05/11/12 – frequentou por 20 anos**

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T1: Eu vou constantemente, eu ia quase todos os finais de semana que tinha jogo aqui no Rio. Eu permanecia no setor verde, atrás do gol.

AB: Você frequentava desde que idade?

T1: Eu comecei a frequentar o Maracanã tem uns 5/6 anos, por aí. Mais ou menos 19, por aí.

AB: Quem te levou pela primeira vez? Você foi com pai, amigo?

T1: Não, quem me levou, a primeira vez foi numa... o primeiro jogo que eu fui no Maracanã foi numa libertadores que eu entrei pela Toyota, eu tinha credencial da Toyota e tinha acesso até ao gramado. Foi o primeiro jogo que eu compareci, que eu também não lembro qual foi o jogo. Tinha um amigo que trabalhava na Toyota, ele me chamou para ir.

AB: Queria que você me falasse um pouco da sua história em relação à esse lugar.

T1: A partir desse jogo, eu comecei a frequentar com mais frequência o Maracanã, tive várias histórias lá fora, lá dentro, na lateral, pelas ruas de acesso... e foi por aí.

AB: Essa história tem a ver com a sua própria vida ou você separa.

T1: Então, não, tem a ver porque eu vivo 24 horas isso aí, pô no Maracanã, teve um jogo Flamengo e Cardoso Moreira que era meu aniversário, não valia nada o jogo, pelo carioca e eu tava lá! Comemorando meu aniversário e público, público pequeno, acho que não chegou nem a 15.000.

AB: Queria que você falasse seus preparativos em dias de jogos. A entrada e comportamento dentro do estádio.

T1: No Maracanã, na época do Maracanã era complicado, tinha que acordar cedo, muito mais cedo do que agora no Engenhão, às vezes nem almoçava, porque não dava tempo. O jogo era 4 horas eu tinha que tá no Maracanã era por 1 hora. O Maracanã pela proporção e tamanho do estádio, eu tinha que chegar cedo pros preparativos que era muita coisa. Aí chegava por volta de 1 hora, até preparar todo o material pra gente subir e isso perdia tempo, a gente ficava bastante tempo trabalhando lá fora até chegar lá em cima.

AB: Fala mais um pouco desses preparativos.

T1: Então, chegava lá fora, tinha nosso material que saía de Vaz Lobo, eu já não tinha muita responsabilidade com o material, na época, mas eu ajudava bastante com o material.

AB: Ainda tinha a sala de bandeira.

T1: Não tinha mais, eu não sou da época dessas salas, eles são, se eu não me engano a sala fechou em 2000 por volta disso aí. Aí a gente tinha nossa sede em Vaz Lobo, que o material ficava armazenado lá agora, fica até hoje e de lá a gente segue pro jogo. No Maracanã era a mesma coisa, às vezes eu nem ia, nem chegava a trabalhar no material lá, que eu também já fui, já organizei os grupos pra levar pro estádio, saía com o pessoal de Bonsucesso e eu é que levava lá até o Maracanã, pegava trem às vezes um ônibus, aí chegava no Maracanã e ia pra estátua do Belini, que já tava todo mundo lá preparado, pegava o material, subia a rampa, primeira à direita, e dava aquela meia lua no Maracanã, até chegar ao 54.

AB: E lá dentro, quais eram as práticas e comportamentos.

T1: Então, lá dentro a gente tinha que organizar as bandeiras, pra quem chegasse, pegava a bandeira pra poder entrar no estádio, tinha que organizar uma por uma, tinha jogo que a gente levava bola, papel picado e as festas, a gente tinha que chegar cedo pra preparar isso. Distribuir as bolas na arquibancada, que é muita coisa, distribuir um papel picado, que também é, gera um trabalho

AB: Todos os jogos?

T1: Não, a maioria, clássico e jogo de importância sempre tinha, sempre, sempre. Às vezes era menos trabalho, mas levava tudo, tinha a bateria que tinha que levar a bateria, tinha a faixa pra colocar no alambrado.

AB: E como é que era o comportamento lá na arquibancada?

T1: Ah, o nosso comportamento lá era o padrão de todo jogo nosso, todo mundo em pé, a gente nunca sentava, a raça nunca sentou desde a fundação, desde a fundação, foi a primeira torcida a ficar em pé, no mundo, a primeira torcida foi a Raça. As cadeiras do Maracanã que era antigamente um pouco mais alta foram todas adaptadas por causa desse novo padrão que a gente tava impondo.

AB: Vocês negociaram isso com a Suderj?

T1: Isso aí já não é da minha época. Acredito que isso aí não precisou nem negociar, já foi pela visão, via todo mundo em pé, a cadeira grande atrapalhava, foi cortada e ficou aquele banco simples, que também ninguém usava, ficava todo mundo em pé mesmo, aí não tinha necessidade.

AB: E durante o jogo.

T1: Durante o jogo era incentivo, até no intervalo a gente parava, tomava uma água, ficava uma batucada lá, descansava e dava prosseguimento no segundo tempo até o jogo acabar, sem parar 1 minuto.

AB: Você falou que chegava no Maracanã, ou ia de ônibus ou trem.

T1: Então, o nosso padrão era o seguinte: em clássico a gente se encontrava aqui no Estácio, numa praça ali perto do metrô, dali caminhada até o Maracanã, a gente ia andando, a volta a mesma coisa, voltava pro estádio, dispersava todo mundo, pegava ali a condução e ia para casa, só que isso gera tempo, demora, demora muito.

AB: E no intervalo?

T1: No intervalo geralmente, em si, a gente descia, ia no banheiro, bebia uma água, conversava até sobre o 1º tempo, o que tá legal na arquibancada, o que não tá, o que tinha que mudar pra dá continuidade no 2º tempo.

AB: Você acompanhava o jogo com radinho? Você fazia isso?

T1: Conheço, tinha um rapaz que saiu daqui agora que ele fazia isso.

AB: Isso acabou um pouco, não é?

T1: Dificilmente se vê, vai com fone de ouvido, tem gente que leva rádio, no Engenhão, hoje tu ainda encontra rádio quebrado. No Maracanã era muito, porque Flamengo perdia, nego tacava rádio no chão e quebrava, mas tu via muita gente ouvindo pelo rádio, ouvindo a transmissão do jogo.

AB: Nas jogadas duvidosas como você discutia esses lances?

T1: Então, a gente não tem muito tempo para discutir isso, numa jogada duvidosa a gente 'e aí, foi ou não foi?', ficava revoltado, já teve vezes disso, de pô, juiz anular um gol impedido e depois o cara falar pô não tava impedido não, mas aí a gente vai fazer o que, não dá para voltar, dava prosseguir o jogo.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T1: Então, até hoje sinto, porque isso aí fica, é marcado, então até hoje fica. O Maracanã, subia aquela rampa, pegava a direita, chegava no 54, no momento que tu sobe a rampa que liga o corredor, o anel à arquibancada pô que tu vê aquele estádio imenso ali na frente, tu vê todo mundo lá esperando só o jogo começar é uma emoção que não tem explicação, vê todo mundo lá dentro.

AB: Que sentimentos são esses?

T1: O coração acelera, sentimento de sentimento...

AB: É alegria, tristeza...

T1: Assim que chegava sempre era uma alegria e o nervosismo para o jogo começar, tinha jogo, já saí do Maracanã uma vez que o Flamengo foi eliminado da Libertadores, pô, 90%, 90 não porque muita gente já tinha ido embora, mas muita gente chorando, sentado no chão chorando, porque a gente perdeu um jogo que pô impossível, foi na despedida do Joel, parecia um jogo impossível que pô a gente olhava pra arquibancada, todo mundo sentado, muita gente olhando, pô era inacreditável o que acontecia, o que aconteceu naquele momento.

AB: Você assiste jogos em outros locais, viaja, no Engenhão, são os mesmos sentimentos do que no Maracanã?

T1: Pô não, não tem como, o Maracanã é especial pra todo mundo. Porque o Maracanã tem uma história, tem uma história dentro do Maracanã. O Maracanã, a única torcida que o Maracanã se identifica é a torcida do Flamengo, não tem como, as outras dividem o espaço, o Flamengo impera, não tem, não tem. não tem nexo, o Maracanã, acho que sem o Flamengo o Maracanã nem ia ter essa proporção toda.

AB: E no Engenhão, qual é o sentimento?

T1: O Engenhão é um estádio mais frio, mais seco, tu chega no Engenhão, o Maracanã tinha uma acústica, até pelo... porque atrás da arquibancada era fechado até metade, até metade não, acho que até no alambrado era fechado por cima, o

Engenhão não, o Engenhão é um estádio aberto, venta muito e é um estádio frio, que não tem, é um estádio muito frio, não passa emoção.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T1: Pô foi no Maracanã que eu aprendi muita coisa, Maracanã me ensinou muita coisa, sem o Maracanã eu não tinha nem a base ainda pra chegar aqui e hoje falar alguma coisa.

AB: Quando você fala 'ensinou', é em relação à torcida ou sua vida?

T1: Falo em relação ao meu pessoal mesmo, meu particular, a torcida do Maracanã foi o ponto perfeito, uma união que não existia, que é de outro mundo. O Maracanã trouxe muita coisa de amadurecimento, muitas amizades em quase todos, é difícil quando você chegar num espaço que cabe 80.000 pessoas e você conhecer pelo menos uns 30% espalhados nesses 80.000, pô, eu conheci gente que tava no setor amarelo, no setor branco, quando o jogo era de um mando só, só Flamengo, ficava no verde do outro lado, nas cadeiras especiais, na geral.

AB: Tinha essa questão de circular?

T1: Não, em cima podia circular, embaixo já não era assim, não tinha acesso. O nosso ponto é fixo, mas de vez enquanto eu dava uma andada. Até quando o jogo era muito cheio, que era impossível entra na Raça, impossível entrar lá, aí eu dava uma volta assim, andava na amarela, ia na verde do outro lado pra dá uma olhada em como é que tava a torcida, porque lá do outro lado que tu tem a noção de como é que tá o reflexo dentro do campo, se chega do outro lado com um couro forte pô dentro do campo tá refletindo 3 vezes mais.

AB: Qual a imagem mais marcante que você tem desse velho Maracanã?

T1: O Maracanã, a imagem mais marcante foi um dia inteiro, não foi uma foto, uma imagem, um gol, não foi nada, foi o dia do hexa, que nós chegamos cedo, eu cheguei às 6h da manhã no Maracanã pro jogo 4h da tarde, não sei se era 4 ou era 5 do horário de verão, as a gente chegou 8h pra preparar o estádio pra receber o time, um dia antes foi nesse jogo, um dia antes do mosaico, foi um jogo depois do mosaico que a gente levou 80.000 bandeirinhas pro estádio, pô a gente tinha que espalhar essas 80.000, na geral e nas cadeiras em cima esse dia foi marcante, até o dia do mosaico também, porque o mosaico a gente conseguiu terminar o mosaico quando o juiz apitou o jogo, em cima da hora que a gente concluiu o mosaico estando lá desde 8h, Flamengo e Goiás, isso marca mais do que qualquer gol, porque foi aquilo, união, tinha umas 200 pessoas lá e tinha um objetivo, todo mundo por um objetivo e trabalhando por ele, que era finalizar aquilo pelo Flamengo.

AB: Quais são suas expectativas e da torcida pelo novo Maracanã?

T1: Então, o Maracanã, a meu ver, que notícia que sai, da estrutura que sai do estádio, desconfiguraram totalmente a estrutura do estádio que eu acho, que eu achava que é nosso, porque a identificação do estádio é nossa, toda, toda a característica do estádio foi totalmente modificada.

AB: Quando você fala nosso é o que?

T1: Nosso da torcida do Flamengo, nossa da torcida do Flamengo, e não tem, não tem, qualquer um que tu botar fala Maracanã, fala Flamengo, não existe outra palavra que se assemelha. Foi desconfigurado totalmente, e pela maquete que eu vi,

não sei se eu vi certo, já me falaram que talvez eles modifiquem, parece que vai ser uma arquibancada direto até o gramado. E, quando a gente tinha a geral e o setor de cima, tinha aquela proximidade, porque em cima tá no alambrado mas tá na mesma altura da geral e quase dentro do campo, agora não, deve botar a gente, se for no lugar que a gente ficava, é muito longe, vai ficar muito longe do campo muito longe. O camarote vai ser dentro do gramado, que nem na vila Belmiro, pô isso aí desconfigura totalmente o estádio, desconfigurou totalmente. Eu não sei como vai ser, mas pelo visto, vai ser ruim. Tem que esperar abrir pra vê como vai ser, mas configurando assim na cabeça, já é um estádio totalmente novo, totalmente ruim, só manteve fora porque não podia derrubar. Se pudesse derrubar ia derrubar também. E foi um estádio que saiu de uma reforma à pouco tempo, 3 anos, e agora mudaram totalmente o estádio. Acabaram com a nossa casa.

AB: Muito obrigada.

T2 - TORCEDOR RAÇA - frequentou menos de 15 anos - excluído

T3 - TORCEDOR RAÇA - 26 anos - 06/11/12 - frequentou por 18 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T3: Todo final de semana, todo jogo do Flamengo.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T3: Sempre na Raça. Mesmo antes de ser sócio, sempre ia na Raça.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T3: Desde os 08 anos de idade, quem me levou foi um amigo meu.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T3: Primeira vez que eu fui no estádio foi em 94, 3 x 0 Flamengo, três gols do Sávio. Tenho lembranças do gol do Pet. Achei que ficou ruim quando colocaram as cadeiras, gostava da arquibancada pura. É mais ou menos isso.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T3: Hoje em dia fico mais tranquilo, mas quando era mais novo nem dormia. Um clássico assim, nem dormia. Acordava já no clima do jogo. Acordava, tomava café, botava a roupa e ia pra rua. Ficava o dia todo na rua. O jogo era cinco horas, a gente ficava na rua com a rapaziada bebendo.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T3: Sempre fui pra torcer, sempre cantei, tentei dar o máximo, empurrar o Flamengo pra vitória.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T3: Ia de ônibus. Marcava todo mundo no pé da comunidade, pegava o 627 e ia até a UERJ. Depois a gente ia andando até o Bellini.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T3: No intervalo a gente descia o túnel, ficava lá embaixo conversando, comentando o jogo.

AB: Como você acompanhava o jogo?

T3: Só via o jogo.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T3: Conversava com os amigos. Sempre fui pro estádio com muitos amigos.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T3: Maracanã é diferente de tudo, né. Hoje os jogos do Flamengo estão sendo no Engenhão, não é a mesma emoção do maracanã. É inexplicável. A gente que vive isso aí... O Flamengo é mais que uma família pra gente. A gente larga a família pra acompanhar o Flamengo.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T3: Ansiedade o tempo todo. Aflição. A gente fica entretido o máximo com o jogo.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos?

T3: Em casa. Mas em casa eu fico muito mais nervoso. Não é a mesma emoção. No estádio você se sente importante, ainda mais a gente que é de torcida organizada. A gente, como ser humano, sabe que tem diferença pros jogadores estarem ali no campo com a gente cantando ou não. Tem muita diferença, a gente tenta empurrar ao máximo.

AB: Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T3: É tudo Flamengo, né. A gente vai para apoiar o flamengo independente do estádio. Só que o Maracanã, a história toda do Flamengo é no Maracanã, né. Os maiores títulos. E a gente por muito tempo curtiu jogo no Maracanã, então sentiu muita diferença pro Engenhão, entendeu? Muita diferença mesmo.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T3: Ah, o Maracanã...o maior lazer pra mim é assistir o Flamengo, então todo final de semana eu estava no Maracanã. O maior lazer, fiz muitos amigos, chegava bastante tempo antes do jogo, ficava lá fora, curtia, conversava, brincava. O maior momento de lazer que eu tenho foi o Maracanã.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T3: O gol do Pet. O momento mais marcante da nossa época, das pessoas da nossa idade, foi o gol do Pet.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão-sustentabilidade.

T3: A gente, torcida organizada, não liga muito pra isso não, né. Conforto, segurança, a gente vai pra apoiar o Flamengo, empurrar o tempo todo, e pelo que estão falando pra gente vai ficar até ruim esse novo Maracanã. A gente não tá acostumado com isso...até se adaptar, vai levar um certo tempo.

Obrigada.

T4 - TORCIDA RAÇA - 23 anos - 24/11/12 - frequentou por 17 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T4: Pelo menos 1 vez por mês ou mais.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T4: Arquibancada. Verde.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T4: Desde 6 anos. Meu pai.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T4: Fui molequinho, no carioca com meu pai, Flamengo x Itaperuna, 2 a 0, dois gols do Romário e Caio. A gente sempre ia na branca ou na cadeira, ia sempre curtir isso, só que depois a agente deu uma parada de ir, porque meu pai, os compromissos e tal, não podia mais levar a gente, até que lá pra 2004/05, a gente começou a ir de novo, eu e meu irmão, sozinho, aí que a gente começou a aproveitar, frequentar direto o Maracanã, aí viciamos, até hoje...

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T4: Tanto faz, acontece tudo do mesmo jeito, fico ansioso pra cacete, tem dia que não consigo nem almoçar direito, fico ansioso, ansioso mesmo, normalmente é um dia diferente, principalmente clássico...

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T4: Primeiro que o clima do Maracanã é outra parada né? Você podia até ir meio desanimado, mas você chegava naquela rampinha e subia o túnel, só aquele clima ali, escutar o tambor abafado, já arrepiava todo, só de chegar no Maracanã me arrepiava todo. É outro clima mesmo aquele estádio.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T4: Sou meio nervoso... Na verdade eu sou muito pelo que o jogo é, eu não ligo muito como a torcida tá, eu ligo o que o jogo é

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T4: Aquele primeiro papo que eu falei do clima, já é outro papo. Quando você chegava no Maracanã e tinha aquele clima, de abafado e tal, tenso, você já ficava tenso, já ficava louco, segundo que a acústica de lá, pô, muito melhor, absurdo. A visibilidade daqui (Engenhão), na leste e oeste é um pouco melhor, mas lá a visibilidade do estádio inteiro é muito melhor, sei lá.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T4: Pô, foi o que me iniciou no estádio! Tudo que eu vi de futebol, vi de Flamengo, acompanhei, comemorei foi no Maracanã.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T4: Vou te falar, 96, quando eu entrei no túnel a primeira vez, quando eu cheguei e vi o campo pela primeira vez, a gente ficou estático.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T4: Eu espero que pelo menos mantenham a acústica e o clima que tinha antigamente. Acho que algumas coisas vão ter que ser readaptadas. Uma coisa que eu conversei com o meu pai, muito, é que a Fifa pensa muito no conforto do padrão europeu, ela não pensa no conforto daqui, o pessoal não vai se sentir confortável tendo que chegar no Maracanã e assistir o jogo sentado, aqui, pelo mesmo o torcedor sul-americano ele gosta de pular, cantar, de ver o jogo em pé, de tensão, é bem diferente do povo de lá, então assim, eu acho que vai ser readaptado, pelo menos é o que eu espero.

Obrigada.

T5 - TORCIDA RAÇA FEMININA - 51 anos - 24/11/12 - frequentou por 35 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T5: Direto, todos os jogos.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T5: Arquibancada, Raça.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T5: Em 77, com amiga, tinha 16 anos.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T5: Eu ia ao Maracanã como se fosse à Igreja, aquilo lá é meu templo. Uma terapia, na arquibancada você expande tudo aquilo que tava guardado.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T5: Eu acordo tranquilamente porque aquilo faz parte da minha vida.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T5: A subida das arquibancadas, cantando é pura emoção, vontade de chorar. Eu acho que é tão grande quanto à emoção de quem paga uma promessa na Igreja da Penha.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T5: As rampas, o Maracanã você sente tremer. Maracanã é show, Engenhão é lixo.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T5: A festa da Raça.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T5: Eu espero um arrependimento geral da nação e que mude, volte a ser como antigamente.

Obrigada.

T6 - FLAMENGO - 33 anos - 06/11/12 - frequentou por 26 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T6: Bom nos tempos de frequência mesmo grande eu ia 2 vezes na semana, quarta e domingo, geralmente.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T6: Arquibancada, entre setor 17 e 18. Entre uma torcida e outra.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T6: Desde os 7 anos, quem me levou foi pai de uma amigo meu.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T6: Ah! A relação com o meu Maracanã e de puro amor, muitas alegrias e algumas tristezas, uma carinho muito grande e como carioca amo o Maracanã, sinto falta dele e muitas histórias de vitórias e derrotas dentro daquele estádio.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T6: Domingo, acordava de manhã, ia pra praia, já ficava naquele clima, encontrava os amigos e aquela expectativa, hoje tem Maraca, hoje tem Flamengo, ia às vezes cedo pro estádio, pegava o metrô ou ia de ônibus mesmo, antigamente era mais tranquilo, né? E, como se diz? Adrenalina total. Ia de camisa, sempre botava camisa, às vezes tinha superstição pra ir com a mesma camisa, não lavava, com a mesma roupa, tinha mania às vezes de ir com blusa por baixo, superstição.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T6: Bom, entrada né era sempre na estátua do Bellini, ponto de encontro da torcida do Flamengo, e em jogo clássicos com tumulto né? Sempre, um tumulto danado, polícia batendo e jogo mais tranquilo, numa boa, geralmente às quartas o jogo era noite era uma coisa mais sossegada. Bom, lá dentro era comportamento de torcedor, vibrando, sempre em pé, nunca sentado, porque geralmente no meio do Maracanã é que ficavam sentados, nas torcidas, geralmente, quer dizer, todo mundo ficava em pé, empurrando o time.

AB: Fala um pouco das comemorações, do gol.

T6: Era uma coisa bem democrática né? Você abraçava do médico ao porteiro, não importa, quem tivesse lá você saía abraçando

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T6: Ia ao banheiro rapidinho, desesperado, pra voltar e passar a aqueles 15/20 minutinhos e o time já voltar já pro segundo tempo.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T6: Já cheguei a usar rádio, mas depois eu não levava nada não. Sempre tinha alguém que levava, porque no rádio você já sabe, cartão amarelo pra quem, mais rápido, cartão vermelho, o radialista te informa com rapidez.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T6: Ah, sim, conversava com qualquer um que você não conhecesse o tempo todo. Sempre alguém reclamava, elogiava, gerava briga, falava mal do time.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T6: Ah! Sempre foi de muita emoção. Minha relação como Maracanã, pura emoção desde criancinha.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T6: Tensão né? Muito tenso sempre, e quando o Flamengo ganhava de extrema êxtase e alegria, total e quando perdia, depressão.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos?

T6: Assisto, em bar, casa de amigo, na minha própria casa. Não, não são os mesmos sentimentos. Tá no Maracanã é completamente diferente, você sente a energia, tá envolvido com os outros torcedores lá ao vivo vendo. A televisão é muito superficial, tem a narração, dá pra se acalmar mais estando em casa, num bar, você consegue se esconder, sair fora. Dentro do Maracanã não tem como isso acontecer.

AB: Atualmente com os jogos no Engenhão, quais são os sentimentos?

T6: O sentimento mudou muito, faz falta, o Engenhão não caiu no gosto do carioca, eu acho, difícil o estádio encher, acho que por ser longe, o transporte não ajuda muito, é um estádio diferente, a acústica dele não é igual, cabe muito menos pessoas

AB: O que foi o Maracanã para você?

T6: O Maracanã já foi minha casa... a grande parte da minha infância e adolescência, pô minha vida era o Maracanã.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T6: O fato foi um dos maiores sufocos que eu passei na minha vida, em 1995, uma final de super copa, Flamengo e Independente, que eu vivi muitas histórias engraçadas nesse dia, tava com os amigos, tava com uma senhora de 80 anos, tava com coronel da polícia militar, coronel do exército, todo mundo se perdeu e eu fiquei com a velhinha de 80 anos, a roleta travou, a gente teve que suspender a velhinha e ela era ativa, faladora, teve um amigo que falou: 'vamos abandonar a velhinha!' aí eu falei 'não pelo amor de deus' e acabou que o Flamengo não foi campeão, mas que essa história eu guardo pro resto da vida.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T6: Esse novo Maracanã eu espero uma maior organização, no sentido de lugar pra sentar, acesso mais fácil, banheiros mais limpos, eu acho que é isso.

AB: Mas se você assistia o jogo em pé porque você quer lugar pra sentar?

T6: Agora eu casei, tenho filho, sou mais velho, já não sou mais um menino. Talvez meu filho quando tiver a minha idade de criança e adolescência ache isso uma grande besteira, mas a minha visão de adulto agora é essa, mais organização. Acho que vai mudar pra melhor. O novo Maracanã veio aí pra... Em relação à emoção, talvez fique um pouco menor, não sei, não sei como a torcida vai se comportar, mas

sendo um pouco nostálgico não seja igual. Mas a gente espera que as mudanças pra melhor venha ajudar a gente, ao povo, curtir um maracanã melhor. Povo temos que ver a questão do preço, temos que esperar.

Obrigada.

T7 - FLAMENGO - 37 anos - 08/11/12 - frequentou por 33 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T7: Eu ia a quase todos os jogos. A cada três jogos, eu ia em dois.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T7: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T7: Olha, meus pais me levavam desde que eu tinha quatro anos. Sozinho, eu vou desde que eu tenho quinze anos.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T7: O Maracanã pra mim sempre foi um lugar de lazer. Sempre considerei um programa de lazer como outro qualquer. Tanto é assim que diferentemente de muitos amigos que eu tenho, eu nunca fiz questão de companhia para ir ao Maracanã. A maioria dos jogos que eu fui, eu fui sozinho, sem precisar de ninguém, então às vezes eu era adolescente e queria ir, o jogo era perigoso, de repente meus pais não deixavam, então quando eu me vi já mais velho o maior prazer que eu tinha era poder ir ao jogo que eu quisesse ir. Então saía da faculdade, ia pra lá, mesmo tarde, saindo meia-noite, voltava de ônibus às vezes, então pra mim sempre foi um lugar, um programa principal do fim de semana sempre foi ver o Flamengo no Maracanã. Muitas brigas com namoradas em função disso.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T7: Dia de jogo sempre é um dia em que você fica um pouco mais...sentimento de felicidade, porque você vai ao jogo, então preparativo, não esquecer o rádio, né...hoje em dia alguma coisa que vc possa ouvir o narrador e o comentarista, ainda mais porque eu ia sozinho e é um pouco solitário. A camisa do time, sempre separada, muitas vezes se a camisa tivesse dando sorte você ia com essa mesma camisa. Evitava marcar alguma coisa pro mesmo dia, tentava explicar pra quem tivesse um programa comigo nesse mesmo dia que eu tinha jogo, que eu ia chegar tarde...não tinha muito ritual...

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T7: Chegando no estádio você entra no clima, eu pelo menos sempre entrava, então você sobe a arquibancada cantando o hino do clube, correndo, normalmente, sempre tive o hábito de chegar em cima da hora, então você sobe a arquibancada correndo, pulando, gritando o nome do time, e procurava sempre em jogos do Flamengo que não fossem clássicos, eu sempre entrava, subia para ver o gramado, para onde o Flamengo iria atacar e sempre procurei ficar próximo de onde o Flamengo iria atacar. Então eu sempre seguia, no intervalo eu trocava de lado para ficar onde o Flamengo atacaria.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T7: Olha, depende da idade. A partir do momento que eu tive carro, normalmente eu ia de carro. Antes disso, eu ia de ônibus. Metrô, muitas vezes também.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T7: O intervalo do jogo é hora de você sair correndo, na hora em que o juiz apita, pra você ser um dos primeiros a chegar no banheiro, o que é importantíssimo, considerando a fila e até questão de higiene mesmo. E dependendo, procurar um refrigerante, um biscoito, uma pipoca pra comer e voltar pra parte interna do estádio, dar a volta, na época que podia dar a volta por dentro, ou então dar a volta pelo anel até o outro lado. Se fosse dia de clássico, o estádio muito cheio, muitas vezes eu nem saía. Se eu achasse que saindo dali onde eu estava eu iria perder o lugar eu não saía no intervalo.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T7: Rádio. Não o radinho de pilha, da época do meu avô, mas um Ipod, alguma coisa assim. Perde muito a graça do jogo se não tiver o radinho pra poder acompanhar.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T7: Eu sou um torcedor razoavelmente tranquilo. Às vezes posso até vir a xingar o juiz, o bandeirinha, falar que é ladrão, mas de um modo geral não sou um torcedor explosivo, não.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T7: Alegria. Sempre muita alegria de estar ali.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T7: Depende do jogo, né... Mas mantenho a alegria, mas agora é uma alegria já com uma certa tensão, um sentimento de que aquilo ali faz parte do que você gosta, entendeu? Aquilo ali é o que você curte fazer, então é um sentimento de pertencimento, como se você pertencesse àquilo.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos?

T7: Sim, na minha casa, bares...mas com certeza absoluta não são os mesmos sentimentos. Uma coisa é você presenciar o jogo ao vivo, você tem uma visão do todo.

AB: Mas quais são os sentimentos?

T7: O sentimento não é de tanta alegria, de tanta tensão porque você não está tão envolvido com a questão, você não está fazendo parte. Quando você está no Estádio eu sinto que você está fazendo parte do espetáculo. Eu sou ali um dos personagens do espetáculo. No bar, eu estou só assistindo.

AB: Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T7: Olha, ir ao Engenhão é melhor do que ver o jogo pela televisão, mas pra mim pelo menos não se compara ao Maracanã. Não consigo gostar do Engenhão como eu gostava do Maracanã. Pra mim, é diferente ver um jogo no Maracanã o

sentimento que me dá...acho que é uma questão de vivência. Eu não tenho com o Engenhão a mesma relação de familiaridade que eu tinha com o Maracanã. O Maracanã, ir ao Maracanã, eu faço desde que eu tinha 15 anos, então há mais de vinte anos que eu faço isso, sempre seguindo o mesmo caminho, fazendo as mesmas coisas, ficando preferencialmente nos mesmos lugares, então é quase que uma relação de amizade, de família que a gente tem com o Maracanã. O Engenhão é uma pessoa estranha, que você está conhecendo agora, você nunca vai ter a mesma intimidade com essa pessoa. Além disso, pra mim particularmente, que moro na Zona Sul o Engenhão é mais longe, é mais difícil, a maneira de ir não é a mesma, a saída não é tão fácil, a chegada também não, não é um estádio tão acolhedor...é até bonito, mas não é tão acolhedor quanto o Maracanã. Então eu conto ansiosamente os dias esperando a volta do Maracanã.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T7: Foi o meu programa preferido, o que eu mais gostava de fazer.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T7: São tantas imagens. Eu acho que a imagem que eu tenho marcada é todo mundo sempre saindo, depois que o Flamengo foi campeão brasileiro, recentemente, todo mundo cantando a mesma música, já quando acaba o jogo, desde o anel interno, porque fica muita gente, fica meio engarrafado, você não está preocupado com a demora, que está cheio, todo mundo cantando a mesma música, gritando, é a imagem da felicidade extrema, como se todos estivessem ali unidos pela mesma causa, a felicidade de todos.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade

T7: Olha eu espero que ele me dê mais conforto do que o antigo, em coisas pequenas, como mais banheiros, por exemplo, para que não fique tão cheio na hora do intervalo, mais bares, também, com mais opções...o Engenhão hoje já tem um pouco disso, verdade seja dita o Engenhão tem uma variedade bem maior para alimentação do que o Maracanã na época tinha, antes de fechar. Cadeiras mais confortáveis. De repente até mais saídas, porque pra quem saía pela arquibancada eram só duas opções, ou você saía pelo Bellini ou você saía pela UERJ. Um estacionamento que tivesse maior oferta de vagas para estacionamento lá no Maracanã, no antigo eram poucas. Enfim, que haja mais conforto, mas eu não gostaria que isso significasse um menor número de lugares disponíveis, não queria que alterasse demais a parte do jogo em si, eu queria que mudasse essa parte de conforto mesmo.

AB: Então tá bom, obrigada.

T8 - TORCEDOR - 39 anos - 26 /11/12 - frequentou por 34 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T8: Praticamente semanalmente. Durante muito tempo fui à todos os jogos, sem exceção. Nos últimos 10 anos, por causa da minha profissão, como viajo muito, acabei não conseguindo ir à todos, mas ia sempre que estava aqui.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T8: 3 fases: 1 - Quando criança, até a adolescência, ia nas cadeiras azuis, localizadas embaixo das arquibancadas. 2 - Dos 17 aos 26, arquibancada. 3 - Dos 26 em diante, cadeiras perpétuas, acima das cabines de rádio.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T8: Frequento desde os 5 anos (1978). Meu pai levou e vamos aos jogos juntos até hoje.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T8: A história do Maracanã se confunde um pouco com a minha história de vida. Comecei a frequentar o estádio com 5 anos, ou seja, foram mais de 30 anos lá dentro, como disse antes, quase que semanalmente. Ali vivi alguns dos momentos mais felizes da minha vida, bem como momentos de extrema tristeza.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos

T8: Variava muito de acordo com o jogo. Quando era um não muito importante, um jogo de turno do campeonato Carioca, contra um pequeno, por exemplo, não tinha muita preparação e chegava quase em cima da hora. Agora, quando um era um jogo importante, clássicos ou decisões, aí já acordava no espírito do jogo e ficava contando as horas pra chegar logo. Normalmente chegava com 1h de antecedência pra curtir o clima do estádio, ver a festa da torcida e conversar com os amigos.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T8: Desde que passei a ir nas cadeiras perpétuas a entrada era mais tranqüila, sem muitas filas e subia pelas escadas rolantes. O comportamento era totalmente passional. Quando o time tava bem, o jogo tranqüilo, cantava os cânticos com a torcida, era uma diversão. Já quando o time tava mal, jogos mais tensos, ficava um pouco “desequilibrado”. Aquela coisa de xingar o juiz, xingar o jogador, dar murro nas cadeiras, etc. rs

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T8: De carro ou a pé.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T8: Sempre faço um lanche e fica aquela resenha com os amigos de estádio, analisando como foi o primeiro tempo, o que tá bom, o que precisa mudar... Em geral fala-se só de futebol mesmo. Num dia mais tranqüilo joga-se conversa fora.

AB: Como você acompanhava o jogo?

T8: Nunca levei rádio para o estádio.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T8: Como geralmente vou em grupo pro estádio (Eu, meu irmão, meu pai e sempre mais algum amigo) discutimos entre nós mesmo e, num lance muito duvidoso, as vezes ligava pra alguém que estivesse vendo em casa ou perguntava pra alguém que estivesse com um rádio.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T8: Variava muito com a importância do jogo também. Como ia toda semana, já era uma coisa automática, natural, mas naqueles jogos mais importantes, ver a movimentação das torcidas, ver o estádio enchendo, dava aquele friozinho na barriga.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T8: Alegria, euforia, angústia, alívio, tristeza, decepção e raiva.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T8: Sim, assisto fora, mas não com tanta frequência. Só em jogos muito importantes, ou, por uma coincidência de datas, quando estou viajando à trabalho e tem jogo do Flamengo no local. Fora do Rio já fui à São Paulo, Campinas e Recife. E aqui no Rio houve períodos que o Flamengo mandava os jogos no Caio Martins (antes de ser administrado pelo Botafogo), em São Januário, Ilha do Governador e, ultimamente no Engenhão. São sentimentos bem distintos. Aquela coisa de se sentir fora de casa mesmo, bem desconfortável. No Engenhão, além de ter o inconveniente do deslocamento (a chegada e a saída, com carro, são bem confusas), dentro do estádio sinto uma coisa meio fria. Parece que a torcida não joga junto com o time, não exerce a pressão que existia no Maracanã.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T8: O Maracanã foi o maior templo do futebol. Já assisti jogos em grandes estádios fora do Brasil também (Argentina, França e Itália) e nada se compara. Antes de tudo, ir ao Maracanã era um evento social. Era a garantia do encontro com a família e os amigos que fizemos por lá.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T8: São duas imagens: O gol do Pet, contra o Vasco, na final do Campeonato Carioca de 2001 e a queda da arquibancada no segundo jogo da final do Campeonato Brasileiro, contra o Botafogo, em 1992.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã?

T8: Espero que ele não perca aquela magia de antes e um pouco mais de organização e conforto. O Maracanã faz muita falta.

VASCO

T1 - FORÇA JOVEM - 21 anos - 24/11/12 - frequentou por 15 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T1: Ia 2 faltava 1.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T1: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T1: A partir de 6 anos, meu padrasto que me levou, porque meu pai é falecido.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T1: Eu gosto muito do Maracanã, porque foi o primeiro estádio que eu visitei, e também porque eu vi o Vasco ser campeão 2 vezes ali 97 e 2000. Vi o Vasco subir da série B, tive amizades importantes dentro, lá do Maracanã.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T1: Eu sentia que era um dia tenso. Nem dormia direito

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T1: Eu sentia que eu tava entrando numa dimensão diferente, sei lá, é diferente ele emociona. Pô, não tem palavras, não tem como explicar, é uma emoção grande.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento? E São Januário?

T1: O acesso, lá é bom de chegar, você se diverte mais, a acústica do estádio quando a torcida canta, ecoa, aqui não. O Engenhão não tem história, é um estádio vazio, não tem como sentir a emoção de lá. Agora a diferença do Maracanã pro São Januário, eu não sei te responder, São Januário é nossa casa, de qualquer vascaíno.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T1: Do Romário, e quando o Vasco subiu.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T1: Eu espero que esteja melhor, mais moderno, mas que não acabem com o modo de torcer como antes. Pensaram nos deficientes...

Obrigada.

T2 - FORÇA JOVEM - 25 anos - 24/11/12 - frequentou por 20 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T2: Todo jogo do Vasco.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T2: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T2: Desde pequeno, 5, 6... Meu pai levou.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T2: Maracanã é como se fosse o salão de festa. São Januário é nossa casa, Maracanã a gente curti ir, ia pros clássicos lá, era maneiro.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T2: É diferente, dia de jogo você acorda com o coração mais acelerado, dor de barriga estranha porque você acorda ansioso.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T2: Pô ficava arrepiado, você sabia que seu time ia entrar em campo daqui a pouco, ficava meio paralisado, gostava muito.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento? E São Januário.

T2: O Maracanã parece que é mais um estádio de futebol, não que o Engenhão não tenha suas qualidades, o Maracanã você se sentia mais em casa, era mais carioca. E, São Januário é nossa casa e Maracanã é o salão de festa

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T2: Gol do Romário contra o Flamengo quando faltava 1 gol para ele fazer o gol 1000

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T2: Espero que dê para as torcidas continuarem fazendo suas festas, todo mundo assistir o jogo direito, porque se for para assistir o jogo no estilo europeu, acho melhor ficar do jeito que tava.

T3 – TORCEDOR - 36 anos - 12/11/12 - frequentou por 26 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T3: 4 vezes por mês. Todo final de semana

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T3: Arquibancada

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T3: Desde os 10 anos. Meu pai

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T3: Vários momentos, várias passagens da vida presenciei no Maracanã. Desde título até jogo que você não se esquece, derrotas.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T3: Churrasco na rua e, geralmente os jogos começavam 4 horas, na época, então quando era 2 horas a gente já ia para o Maracanã, ficava na porta do estádio.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T3: Arquibancada, sempre comprei meu ingresso. Bom entrada a gente se encontrava na parte de trás da Uerj, no Maracanã, onde tem aquela rampa, onde sempre a torcida do Vasco entrou, lá por trás da Uerj, e a gente ficava ali, fazendo a concentração, depois mais perto a gente ia pro estádio, perto da hora do jogo.

Comportamento, ia pra ver o jogo, cantar junto da torcida, você xinga o juiz, xinga a torcida adversária, tem os gritos do seu time, você canta.

AB: Você ficava dentro da torcida?

T3: Ficava próximo, mas não na torcida.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T3: No início eu ia de ônibus e depois 18 anos eu ia de carro.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T3: Geralmente no intervalo você desce pra ir no banheiro, comprar uma bebida, um cachorro quente na parte do anel do Maracanã, depois você retornava pra arquibancada.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T3: Não, nunca levei radinho.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T3: Sempre alguém do teu lado tá com radinho, então alguém sempre tá comentando quem fez a falta, se tava impedido ou não, justamente o que os radialistas falam.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T3: Pô você tá com sentimento de vitória, de querer ganhar o jogo, mais no Maracanã, que é clássico, geralmente é clássico, tem a torcida adversária, tem a gozação, então quando você entra no Maracanã você só pensa no seu time ganhar o jogo.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T3: Ah! Desde fúria até alegria máxima, extrema.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T3: Menos, mas assistia em São Januário, é em casa e bar também. É, é um pouco diferente porque o Maracanã é um templo do futebol. São Januário é mais a casa do Vasco, Maracanã é generalizado, jogo do Brasil, de outros times, então São Januário é mais a casa.

AB: Tem torcedor que fala que o Maracanã é a casa do Flamengo.

T3: É quem não tem casa... Mas Maracanã é pago pra se jogar lá, então não é casa de ninguém, a partir do momento que se paga pra jogar não é sua casa. O único que não paga é o Vasco que tem São Januário, e agora o Botafogo com o Engenhão.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T3: Maracanã fez parte da minha vida, vários momentos felizes e tristes já passei no Maracanã. São Januário é igual mas não é esse templo sagrado, conhecido mundialmente que é o Maracanã.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T3: Ah, a imagem mais marcante, primeiro foi aquele gol do Bebeto contra a Argentina, que ele pegou de voleio num jogo do Brasil, e do Vasco foi aquele gol do Cocada em 88 que ele entrou no final do jogo e conseguiu fazer aquele jogo, aqueles ali foram os êxtases, além dos títulos que a gente sempre presenciou.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão-sustentabilidade.

T3: Estava mais do que na hora de se modernizar né? Copiar os padrões europeus, vê o que que funciona, no estádio da Europa você tem loja, lanchonete, tem tudo dentro do estádio. Você ia no Maracanã e mal você conseguia ir ao banheiro, por cheiro, por acesso, briga pra sentar, tem que assistir jogo em pé, então agora eles vão modernizar, fazer uma estrutura nível internacional.

AB: Em termos de emoção vai continuar a mesma coisa?

T3: Acredito que sim, acabou a geral, tanto se falou, acabou a geral e continuou-se frequentando, continuou tendo a mesma emoção, acho que não vai ser o estádio que vai mudar de forma que vai acabar a emoção.

Obrigada.

T4 - TORCEDOR - 44 anos - 20/11/12 - frequentou por 39 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T4: Costumava acompanhar o meu time quase todos os jogos do campeonato.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo?

T4: De preferência na arquibancada, junto com a torcida.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T4: Eu comecei a acompanhar com 16 anos. Com meu pai, no jogo do time dele, América quando eu tinha cinco anos.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar?

T4: Nossa tenho tantas histórias, quando criança, desenhei a cruz de malta numa cartolina e economizei dinheiro para comprar pano e pedi para a minha cunhada (Zira) costurar duas bandeiras uma branca com faixa preta em diagonal e outra preta com a faixa branca em diagonal, ambas com a cruz de malta, levei a branca algumas vezes e rasgou a bandeira preta emprestei para a galera da rua pendurar na copa de 1982 e quando voltei, tinham sumido com ela, durante muito tempo eu ficava olhando na arquibancada para ver se reconhecia a bandeira.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T4: Nossa eu ficava nervoso, acordava cedo, procurava relaxar indo a praia, almoçava bem, preparava ou lavava a camisa do meu time com antecedência, e de tão nervoso, eu já esqueci o ingresso duas vezes, uma eu estava acompanhado do namorado da minha sobrinha que também eram Vasco e estavam indo comigo e voltamos de carro para pegar os ingressos, a segunda vez, foi contra o Flamengo e cheguei na porta do Maracanã e como não havia mais ingresso não pude entrar e tive que voltar pra casa.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T4: Bem eu evitava confusão e brigas, mas, era sempre animada, parece que os torcedores mesmo não se conhecendo, parece uma comunidade que vai pra guerra, sofrer juntos e parece se identificarem com as cores do time e as várias camisas, parece até um desfile pra ver quem é mais vascaíno.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T4: Muitas vezes foram de ônibus e agora vou de metrô.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T4: Às vezes eu nem saía do lugar quando estava cheio, se estiver vazio eu vou ao banheiro, vejo os gritos da torcida e depois consumo alguma coisa, um líquido que nem sempre era bebida alcoólica e comia algo, pois, o esgotamento psicológico é quase idêntico ao físico.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T4: Sempre olhando atentamente para o campo, às vezes reparava as torcidas.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T4: Gozado, no estádio, você não conhece o cara do lado, mas, basta uma jogada duvidosa e olhar pro lado que você ouve um comentário e acaba dando sua opinião.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T4: Nossa, muito prazer, emoção, adrenalina.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T4: Sempre é o gol, se for contra dá uma tristeza, mas, quando é a favor do nosso time, é uma alegria eufórica, dá mais vontade de gritar, cantar para incentivar os jogadores.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T4: Já assisti no Pacaembu, São Januário e num estádio na cidade de Jardim em Mato Grosso do Sul. O Maracanã é único, talvez por estar acostumado a ir ao maraca desde os cinco anos, é como se fosse minha casa. O Engenhão, o estádio é bonito as torcidas ficam bem visíveis, mas, não é tão confortável quanto o Maracanã, espero que estas obras não tirem o conforto que existia.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T4: É como se fosse um Coliseu da antiga Roma, além de você ver a batalha dos jogadores, o torcedor tem que esquecer os perigos de torcidas rivais, assaltos e etc

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã?

T4: Sempre que o meu time era campeão me marcava, mas, também já chorei nas derrotas históricas, gozada que eu tinha uma imagem um jogo com o Grêmio em que o Vasco lotou o Maracanã inteiro na época que ainda não tinha cadeiras e como eu cheguei apenas meia hora antes do jogo, depois de muita dificuldade eu consegui entrar e tive que ficar encostado na torcida do Grêmio, mas, encostado mesmo, do lado, a Polícia botou uma corda, mas, não separava. Me surpreendi no

ano em que o Vasco retornou a série A do Brasileiro, eu fui num jogo, que o Maracanã estava todo lotado contra o Curitiba e parecia que não tinha torcida rival.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã?

T4: Eu sei que o futebol para muitos é um negócio rentável, mas, espero que as autoridades não esqueçam que o Maracanã é ou era a melhor diversão das pessoas pobres e espero que tenham setores populares, apesar de saber que os cambistas hoje dominam os ingressos e isso me afastou dos estádios, como a várias pessoas que tem poucas condições financeiras.

T5 - TORCEDORA FEMININA - 38 anos - 26 /11/12 - frequentou por 15 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T5: Quase todos os jogos do Vasco.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T5: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T5: Nova, meu pai que levou.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T5: Sempre na expectativa de chegar domingo, pois saberia que ia passar por várias emoções, desde a chegada ao Estádio até o final da partida, para saber se iria sair feliz ou triste do Estádio.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T5: Acordava pensando no jogo, depois do almoço com a família, ia com o meu pai rumo ao Estádio, torcendo pela vitória do Vasco é claro.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T5: Euforia e comportada, pois na maioria das vezes, estava com o meu pai.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T5: De carro, ou de metrô.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T5: Banheiro e lanchonete.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T5: Apenas visualmente.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T5: Com me pai, pois ele sempre portava um rádio.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T5: Emoção total

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T5: Nervosismo, alegria ou tristeza.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T5: Sim. São Januário. Os sentimentos em relação aos jogos é o mesmo, porém o campo de jogo é mais próximo da arquibancada, mais acolhedor, além de ser nossa casa própria.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T5: Local por onde passei muitas alegrias.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T5: Gol do Edmundo contra o Manchester, e o pênalti perdido pelo próprio, ambos no Mundial de Clubes.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão-sustentabilidade.

T5: Estrutura melhor para atender o público.

T6 - TORCEDOR - 31 anos - 24/11/12 - frequentou por 22 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T6: Todos os jogos.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T6: Arquibancada

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T6: 9 anos, meu tio.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T6: Ah, Maracanã na verdade eu comecei no São Januário, Maracanã com 9 anos, e é aquele negócio, você se apaixona, é o time de coração, arquibancada lotada e isso sempre me emociona. Principais clássicos e títulos do Vasco.

A6: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T6: No pique sempre, sempre no pique, telefonando pra todo mundo, já botando no canal de televisão falando do clássico, sempre procurando saber de torcidas também. Dependendo do jogo, não conseguia nem dormir direito.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T6: Arrepio, 100%. Vê teu time entrando em campo, com a torcida lotada cantando, não tem como explicar não, é emoção...

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento? E para o São Januário?

T6: Pô, tudo o que eu falei, tradição, conforto, acessibilidade, acústica... São Januário é caldeirão, a gente tá em casa, por mais que seja Maracanã, bom ir pra lá, mais fácil, São Januário é a casa.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T6: Foi o campeonato de 97, que foi 0 x 0, o Edmundo perdeu um gol cara a cara com Veloso.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T6: A gente espera sempre coisa boa né? Mudança, se tem mudança, a gente sempre pensa mudança pra melhor, acho que vai tirar um pouco do brilho, da geral, pessoal em pé, se for pra melhorar pro público, tá ótimo. Mas espero que eles pensem principalmente no povo brasileiro e não no europeu. O preço e o jeito de torcer.

T7 - TORCEDOR - 49 anos - 18/11/12 - frequentou por 39 anos

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T7: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T7: Desde 10 anos. Meu pai, quando não podia meu tio levava.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T7: O Maracanã é tudo pra mim, eu fui criado ali perto, Mangueira, Maracanã, sempre gostei de futebol, aí comecei a acompanhar, já fui gandula, meu tio me botou e dali não parei mais, até começar a ir sozinho, ai fui crescendo e domingo, sagrado era o Maracanã, não tem outra opção, outro lazer.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T7: Dia de jogo é acordar cedo, ajeitar as bandeiras, levar minha bandeira, encontrar com os amigos, fazer um churrasco, pra ir para o estádio torcer.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T7: Marcava com os amigos, sempre no 3º túnel, à esquerda do Maracanã, era o ponto de encontro. Fazíamos um batuque no bar do Maracanã, vendia cerveja, pessoal levava os instrumentos de bateria, aquele samba antes pra depois entrar no estádio.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T7: Eu ia a pé e depois de metrô.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T7: Ah, emoção... Todo mundo gritando, aquilo ali era os 90 mais rápidos da minha vida.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T7: Adrenalina pura, ficava nervoso, às vezes alegria e tristeza.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T7: Perdemos o Maracanã. O Maracanã é totalmente diferenciado, do conforto, da acústica, por mais que o Engenhão seja um bom estádio o pessoal não se acostumou. O Maracanã é a nossa casa, a torcida sente falta.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T7: O Maracanã foi uma aprendizagem, conheci amigos, fiz muitas amizades.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T7: Todo mundo chorando nas derrotas e vitórias.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T7: É vai ser um grande conforto, outro nível, mas que não tire nossa emoção, nossa cultura.

Obrigada.

T8 - TORCEDOR - 25 anos - 06/11/12 – frequentou por 20 anos

AB: Qual a frequência com que ia ao estádio?

T8: Ah! Na maioria dos jogos, muito difícil eu faltar um jogo no Maracanã... 1 vez por semana...

AB: Setor em que permanecia?

T8: Arquibancada, atrás do gol, junto com a Raça.

AB: E você frequenta desde que idade?

T8: Desde os 5 anos, antes frequentava com meu pai, na cadeira. Ele que levou pela primeira vez.

AB: Conte um pouco da sua história nesse lugar.

T8: Pô eu lembro, posso falar dos jogos marcantes que teve. O primeiro jogo foi marcante pra mim, foi o jogo que eu fui com meu pai, até então tinha medo de ir. Foi marcante porque eu tinha muita vontade de conhecer, mas tinha um pouquinho de medo, aí se tornou especial porque eu gostei muito e não parei mais de ir.

AB: Quais eram os seus preparativos em dias de jogos?

T8: A gente nem acordava porque a gente nem dormia, às vezes nem almoçava, ficava tenso pra poder assistir o jogo, ansioso para chegar logo ao estádio, empurrar o tome pra vitória, sacrifício, dia de jogo é pensamento total no time.

AB: E em relação à entrada e comportamentos dentro do estádio.

T8: Geralmente era no Belini, já era sagrado encontrar os amigos ali e subi junto, já naquela motivação pra fazer a festa. Tem hora que a loucura é maior que a razão, a gente esquecia de tudo, cantava o tempo todo, não queria saber de outro resultado, só a vitória interessava.

AB: E as comemorações?

T8: Eu acho o maior barato, tem gente ali que você nunca viu, que a gente não conhece e no momento do gol ou de emoção a gente sai abraçando qualquer pessoa, é emoção passando de pessoa pra pessoa e, mesmo sem conhecer rola aquele afeto, carinho, energia positiva, tudo pelo sentimento maior que é o gol.

AB: No intervalo, quais eram os seus hábitos?

T8: No intervalo era mais pra comentar sobre a partida, sobre o que aconteceu na primeira etapa, jogar uma conversa fora com o pessoal, vê o que aconteceu.

AB: Você acompanhava os jogos pelo rádio? Como você discutia as jogadas duvidosas?

T8: Não, não levava radinho. Discutia muito pouco, só quando era contra, quando era a favor deixava pra lá.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T8: Ah! É uma emoção muito grande, é difícil até de explicar. O que a gente sente não se compara a nada, às vezes é muito maior do que nosso amor pelo pai, pela mãe, a gente esquece às vezes, é difícil de entender. Acho que o Maracanã é como se fosse a nossa casa, então qualquer torcedor que entrasse ali ia se sentir a vontade, na sua casa. Acho que aquilo foi feito pra gente, foi feito pra gente o Maracanã, não tem outra explicação.

AB: E durante o jogo, quais eram os principais sentimentos que você vivenciava?

T8: Ah, amor, emoção, angústia, nervosismo, às vezes um lance de perigo do time adversário, fica aquele sentimento, será que vai ser, será que não vai ser.

AB: Você assista jogos em outros locais? Quais eram os sentimentos?

T8: Em caso, no bar, sentimentos totalmente diferentes, a emoção de assistir no Maracanã é completamente diferente. O sentimento é o mesmo, mas a emoção, ali você tá com todo mundo, mesmo pensamento passando a mesma vibração, entendeu, é completamente diferente.

AB: E com os jogos no Engenhão, é semelhante, diferente?

T8: O sentimento é o mesmo, a emoção é a mesma, mas acho que o Engenhão deixou um pouquinho a desejar, na questão da vibração, fica mais difícil a gente passar a emoção que a gente sente para os jogadores, nesse quesito acho que não tem comparação, o Maracanã não vai existir outro igual.

AB: O que foi o Maracanã pra você?

T8: Bem, através do Maracanã eu pude conhecer os meus sentimentos também me ajudou a descobrir eu demonstrar o que eu sinto pelo clube, Maracanã não tem igual.

AB: Qual a imagem mais marcante que você tem do antigo Maracanã?

T8: Todo mundo cantando, isso não sai da minha memória, todo mundo chorando, comemorando, foi, foi o momento mais marcante.

AB: o que você espera desse novo Maracanã?

T8: Eu espero que atenda a necessidade de toda a população, de conforto, visibilidade pra assistir aos jogos direito, e do lado das torcidas organizadas eu espero que não atrapalhe a gente. Tenho medo de perder, como posso dizer, aquela maneira do torcedor brasileiro torcer, perder aquela essência, todo mundo em pé, cantando o tempo todo, vibrando, tenho medo quer dizer desse reeducar nossa maneira de torcer, acabar com as torcidas organizadas e de todo o torcedor que tem já no sangue o torcer com vibração.

Obrigada.

FLUMINENSE

T1 - TORCEDOR YOUNG FLU FEMININA - 42 anos - 07/11/12 - frequentou por 29 anos

AB: Frequência com que você ia ao estádio?

T1: Eu, de uma semana eu ia 4 dias.

AB: Só jogo do Fluminense?

T1: Não, eu já fui em outros jogos, até porque eu já fui casada, ou então eu tinha um sobrinho, que por infelicidade, não era do mesmo time, aí eu levava. Maracanã, eu frequentei eu não via só futebol não, tudo que tinha de eventos no Maracanã, porque eu moro em Bonsucesso, aí eu ia.

AB: Na maior parte das vezes, qual o setor que você permanecia durante o jogo?

T1: Eu? Sempre atrás do gol, que é onde a torcida tinha uma sala antigamente, cada um tinha uma sala pra botar bandeira, bumbo, eu fazia carteirinha também na época... na arquibancada atrás do gol, sempre pro lado do esqueleto que a gente ficava.

AB: Você frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T1: 13 anos. Um vizinho.

AB: Me fala um pouco da sua história em relação ao lugar.

T1: Vizinho pediu minha mãe, aí ela 'ah, vai tomar conta da minha filha direito?', 'ah vou sim', o nome dele é até Meri, aí fui, porque os filhos são tudo vascaínos, só ele que é tricolor, só que na hora do gol, em 83, no gol, não lembro que era o time, a gente foi campeão carioca, aí ele abraçou a mulher do lado, de outro, aí na hora de descer a arquibancada, a rampa, ele me esqueceu, me esqueceu e eu fiquei esperando, aí eu sentei na porta da sala das torcidas, que eu nem sabia, não sabia que era a torcida, só via tudo de camisa branca, aí chegou um senhor perto de mim, e falou: 'ué, o que você tá fazendo aí, foi todo mundo já embora', aí eu falei, ah, tô esperando meu vizinho, aí ele falou, eu não tinha nem dinheiro da passagem, o nome dele era Armandieste, é o fundador da torcida, que hoje já tem, completou 1 ano de falecido, ele perguntou onde eu moro?, Bonsucesso, ele: eu moro na Vila da Penha, Vila Cosmos, quer que eu te leve, aí eu falei, ah, eu queria, porque não sei nem voltar pra casa, tô sem dinheiro, ele foi me levou e me deixou lá em casa, aí

daí eu comecei a entrar sempre em contato pra poder ir aos jogos, aí comecei a fazer a carteirinha, tenho até umas carteirinhas aqui.

AB: Você já era Fluminense?

T1: Ah, na minha família era tudo tricolor, botava 4 camisas, tudo tricolor, tricolor horizontal, vertical, tudo o que tinha direito, mas era tricolor, tinha que escolher uma daquelas.

AB: Como eram seus preparativos em dias de jogo?

T1: Bem já chegava no Maracanã meio dia, 11h da manhã, 12h. Tomava café da manhã, saía de casa, meio dia tava no Maracanã, quando eu tava trabalhando pela sede, pela torcida fazia carteirinha, quando não eu tava lá, ensacava pó de arroz, ajudava fazer alguma coisa, aí daí foram vindo as amizades que a gente foi construindo, todas as torcidas ali, juntas, que era muito unida antigamente...

AB: Mas você fala dentro do Fluminense ou com as torcidas rivais?

T1: No Maracanã, não, tinha antigamente uma certa amizade comum com certas torcidas rivais, é, só que aí depois começou muita rivalidade, aí deu uma parada porque as pessoas começaram a ver o time como um, um, um escudo, você ama aquilo e você não vai, aí as outras torcidas... mas a gente entre as torcidas do Fluminense havia muita, muita amizade, era a Fiel Tricolor, a Força Flu era a Jovem Flu, a Garra Tricolor.

AB: Mas até entre essas torcidas há um certo distanciamento?

T1: Hoje em dia tem, um pouquinho mais tem, tipo assim, ah, a minha camisa vai tá melhor, minha bandeira vai tá melhor ou minha faixa vai tá maior, entendeu? Essas bobeirinhas que as pessoas...

AB: Aí você chegava e ajudava...

T1: É, tinha o núcleo feminino na época, que 15, 15 pra 16 anos eu comecei a formar o núcleo feminino, né porque, havia muitas mulheres na torcida, muitas garotas e aí a gente botava lá, fazia com que elas botassem talco nos saquinhos, pó de arroz tudo, a gente fazia uma organização melhor né, porque homem, só mesmo bandeira e bumbo e não queria saber, e tinha pra viagem também, porque a gente viajava muito.

AB: E vocês tinham algum ponto de encontro?

T1: Isso, a gente se encontrava no esqueleto, só contra o Vasco que era no Belini. Aí lá dentro é isso, a gente fazia amizade, antes de entrar na arquibancada mesmo brincava, conversava, falava de outras coisas, mas sempre na organização da torcida, às vezes a gente ia pro balcão da torcida pintar bandeira, pra fazer alguma coisa diferente, a torcida sempre fez coisas de, de festa, todo ano tem a festa de aniversário, agora, tem 7 anos que a gente faz a festa junina, não festa da criança, tem 4 anos que a gente faz a junina, faz em prol, entendeu, dengue, hospital do câncer, a gente sempre fez isso entendeu? Agora com a sede é melhor porque a gente pode fazer aqui.

AB: E lá dentro, o que você se lembra dos comportamentos e práticas?

T1: Era agitada, agitada, sou até hoje, dei uma acalmadinha, mas eu era agitada, tentava organizar as pessoas que queriam ser mais alteradas, de outra torcida,

quando alguém ficava na rampa, pra um ficar tipo brincando, xingando, falando do tome ou falando mal da torcida, ficava na rampa aí tinha uma corda que ficava os policias também, e eu chegava lá e puxava todo mundo pelo braço, aí todo mundo falava que eu era a manda chuva.

AB: Nos intervalos, quais eram os hábitos?

T1: Naquela época eu não bebia cerveja, naquela época era mais conversar, bater papo, rir, brincar, combinar aniversários de fulano de tal, é o que a gente fazia mais e sempre com a intenção de fazer junto com o pessoal da torcida. Eu tenho vários amigos hoje que era do meu núcleo de torcida, como a torcida também tem, núcleo, cada bairro tem sue núcleo, então a gente se encontra faz churrasco, aí vai, vamos comemorar a derrota do Botafogo, Flamengo, Vasco, a gente se reúne até pra ver um jogo deles, pela televisão, pra... é tipo uma amizade, muita, muita amizade, até hoje.

AB: Você lembra do radinho que usavam para acompanhar o jogo?

T1: Ih! Tinha mais é o que tinha... eu tenho um amigo que ele já deve ter perdido pra mais de 100, 200 radinhos que ele jogava, agora não pode mais, ele jogava, acaba o jogo ele jogava, quebrava o radinho todo, antigamente tinha latinha, o pessoal jogava a latinha assim em cima da gente, agora não tem mais, que é uma coisa, agora é só no copo, mas antigamente era assim, brigava, discutia muito, discutia e batia e quebrava rádio, ele era, falecido, ele era da fiel tricolor, ele era assim. Eu tinha a tia Helena que era assim como se fosse uma mãe pra mim, muito antiga na Fiel Tricolor, foi uma das fundadoras, aí era assim ela só queria assistir o jogo da Young, mas era da Fiel tricolor, aí quando eu passava por ali, eu tinha que fazer assim, eu tinha que passar por todas as torcidas até chegar na minha que era uma jeito que eu tava achando que aquilo ali seria de amuleto pra mim, que eu tinha que passar por todas as torcidas até chegar na minha, aí quando eu passava pela Fiel Tricolor, aí ela falava: 'tu vai ficar aqui!' aí eu : 'não tia, eu tenho que ir lá!' aí eu ia lá e voltava, aí ela: 'você tem que fiar aqui, porque você grita, xinga igual eu, se você não xingar o Fluminense não vai ganhar. Ela é muito viva na minha memória, aí ela brincava com a gente, não sei o que, e ela sempre fazia a união da gente, de uma torcida com a outra...

AB: Como eram as práticas de quando o time fazia gol...

T1: Nossa! Parecia que a gente ia morrer... aquele gol de barriga, em 85, foi 85? 95, 95 o gol de barriga... veio 20 torcedores da Independente de São Paulo pro Rio, era jogo do Flamengo e Fluminense, nada a ver com o São Paulo, só que chegou na rodoviária e os meninos da jovem do Flamengo, pegaram e encontraram com eles, e eu fui lá também pra receber eles, só que foram 18 com eles e dois que eram meus amigos, o Elton e o Armando, que eles eram tricolor aqui no Rio, eles não torciam pro pessoal do Flamengo aí falou na frente deles: 'não, eu vou com eles porque eu sou Fluminense', aí eles ficaram bravos com a gente, mas deu tudo certo. Aí, a gente já tava preparado mesmo pra festa aí eu só ficava olhando pra eles, aí eu falava, se o Fluminense não ganhar, vou te jogar lá em baixo, falava assim brincando, aí a cara do Armando já ficava desesperado. Quando o Flamengo empatou o jogo, ficou o desespero, com raiva, aí tinha aqueles foguinhos, teve um que até caiu dentro da minha blusa que eu nem vi, nem senti nada, tava tão nervosa, depois que eu vi que tinha queimado a blusa, a pele, que eu não senti que tava tão nervosa, aí quando o Fluminense fez o gol... Deus que me perdoe, acho

que todo mundo rolou na arquibancada, chorou, teve gente que acho que até enfartou, sei lá, que eu não lembro, a gente até perdeu um amigo, 2 meses depois, o Bruno sob negócio de torcida também, eu já perdi muitos amigos nesses negócio de torcida..

AB: De emoção ou violência?

T1: Não, violência mesmo.

AB: Podemos dizer que a Young é a maior do Fluminense?

T1: É a maior do time do Fluminense, constatada. Ela tá agora, agora que a gente fez um recadastramento, e é a única que tem sede, no Rio de Janeiro, de todas, a única que tem sede, a gente tá agora com 52 mil e alguma coisa, associados, de 90 pra cá, mas pagantes temos em torno de 250, 300 pagantes, sócios em dia, porque a gente não tá só aqui né?, tá no Brasil todo.

AB: Qual a média de idade?

T1: Olha, desde 90 a gente não bota menor, pra eles tem que ter autorização do pai ou da mãe, assinatura e documentação, porque a gente também não pode ter responsabilidade pelos atos das pessoas, nem dos adultos já tá difícil, imagina de criança. No geral, 12/13 anos já frequenta, 10 anos, as crianças adoram.

AB: Agora, o que você sentia quando entrava no estádio?

T1: No Maracanã eu sempre, eu gosto muito do Maracanã, mesmo mais do que Laranjeiras, Laranjeiras eu sempre me senti em casa porque eu já trabalhei lá e já joguei futebol pelo Fluminense, só que, no Maracanã a emoção é diferente, mesmo com essa obra depois que eles fizeram, era bom quando tinha a geral, a geral era a melhor coisa Jogamos com o Botafogo, era sexta-feira à noite, um temporal, foi 7 a 1 que a gente ganhou do Botafogo, aquela chuva caindo, temporal, a gente pulava, não adiantava mais aquela capa de plástico porque a gente já tava molhado, melhor coisa, é muito emocionante, eu acho que eles vão perder um pouco, do que eles já tinham tirado, um pouco da geral, agora vão tirar totalmente, mas apesar que agora a gente vai ficar muito mais perto, o alambrado vai ficar bem coladinho do campo, mas era uma emoção, a geral era uma coisa inexplicável, porque era mais barato também.

AB: Você ia na geral também?

T1: Eu ia, porque quando eu não tinha dinheiro, porque na época a gente nunca ganhou ingresso, eu hoje, a gente ganha, ganha muito pouco, a gente paga por esses ingressos, entendeu? Apesar que a maioria do torcedor da Young é sócio do Fluminense, isso agora tá virando obrigatório até, a gente faz uma campanha, porque a gente tem que, tem que ter liberdade num time que a gente tem, no clube, então a geral era boa demais, tinha pessoas engraçadas, diferentes, jeito diferente de torcer, entendeu?

AB: Quais os sentimentos que você vivenciava durante o jogo?

T1: Ah! É adrenalina, quem solta de paraquedas e vai pra dentro do Maracanã lotado, como eu já fui com 120.000 pessoas, eu já fui! Que hoje é menos, não tem coisa igual, é diferente, adrenalina total, emoção, num jogo de 120 mil depois de 95 mil, mais 85 mil que na época eu era da diretoria de vendas da torcida, é muita emoção.

AB: Você assiste jogos em outros locais? Tem semelhanças e diferenças?

T1: Assistio no bar, em casa. No bar hoje é complicado, você pisa no pé de alguém você tem que pedir desculpas, então no bar é complicado porque existem pessoas boas e pessoas ruins, tipo assim, vou dizer, ignorantes, porque tem gente que sabe torcer e tem gente que não, tem gente que vai berrar, ou vai gritar ou caçoar, tem gente que aceita, tem gente que não aceita, aí no estádio é dividido, nem existe, antigamente se misturava, lembra? Hoje já não é assim, é um lado dos tricolores, um lado do Vasco, lado do Flamengo, nem pode misturar, é perigoso.

AB: E com os jogos no Engenhão, quais são as diferenças e semelhanças?

T1: Então, Engenho lixão, é legal mas acho que aquilo ali não caiu bem, num bairro que não caiu bem pra um campo daquele, pra um estádio daquele, as ruas são estreitas, muito pequena pra você poder coordenar a torcida organizada, com povão, entendeu, com as pessoas que vem de outros times de fora.

AB: Mas e o sentimento entre assistir ali e no Maracanã?

T1: Ah, muito melhor no Maracanã. Não tem nem comparação. Já é a casa da gente, já é a casa da gente. O Engenhão tentaram fazer um projeto mas eu acho que tem muito feijão ali ainda pra...é bom que a gente já tem muito título ali no Engenhão.

AB: Muitas pessoas falam que o Maracanã é a casa só do Flamengo...

T1: Né não, nunca foi, a gente, a torcida do Fluminense, é porque o Flamengo não tem, não tem, além do time não ser eles mesmo, eles foram os traidores, que se deslocaram do fluminense para formar o Flamengo, entendeu? Eles não tem estádio porque ali na Gávea não é deles o terreno, eles não tem um campo de futebol, não tem arquibancada, desculpa se for flamenguista, mas, a única coisa que eles tem é que eles pegaram as cores preto e vermelho e formaram um time de povão, que as pessoas se identificam mais, que é pra berrar, fazer escândalo, todo mundo faz, mas é time povão, nasce um capim ali nasce 50 flamenguista. Então não é só do Flamengo, de jeito nenhum, nem pode, se você for a um jogo do Fla Flu e o Fluminense tiver sempre atacando você não vai ouvir um flamenguista berrar a torcida pára e fica estatelada, agora se fizer um gol eles berram 5 minutos depois param, infelizmente, não a torcida do Fluminense berra, a do Vasco, do Botafogo que é pequena, eles falam que a gente que é pequena, mas eles que são

AB: O que foi o Maracanã para você?

T1: Olha o Maracanã pode ser muita coisa, até no pan e para pan eu trabalhei. Foi maravilhoso, foi minha vida, minha infância, minha juventude, agora tá sendo, como é que é, a idade da loba terceira idade se bobear, já tem 4/5 anos que já fechou, não 2 que a gente não vai lá. Maracanã, eles queriam demolir, nem pode, no Rio de janeiro muita gente vai ficar contra a qualquer prefeito ou governador de fazer isso, eu já to achando errado eles demolirem aquilo ali do índio ali do lado, é errado, se já tá ali faz uma coisa pra destruir e botar de volta...

AB: E qual a imagem mais marcante que você tem desse 'velho' Maracanã?

T1: Ligada ao futebol, é é, sempre a final, 83/84/85 e final de 84 que a gente foi campeão brasileiro, 95, gol de barriga, tem outros, carioca também, mas é mais as finais, Libertadores que a gente perdeu, vitórias e derrotas, ah muita coisa, festa do

pó de arroz, as pessoas caracterizadas de Fluminense, que antigamente existia o careca, que ele vinha todo de pó, faleceu até por ter inalado pó durante tanto tempo, aí ele entrava no vestiário e sujava todo mundo, jogadores e técnicos, eles ficavam com raiva, mais marcante é isso mesmo, é festa, carnaval na rua, o portão 18 era da torcida do Fluminense, que a gente se encontrava ali, só que teve uma reviravolta e o Flamengo pegou ali, entendeu? Mas a torcida do Fluminense se encontrava ali e subia pelo esqueleto, aí teve uma briga, uma confusão e a gente preferiu mudar porque a torcida que mais levava esse negócio de criança, família era do Fluminense, então pra evitar ter confusão, mulheres a gente mudou.

AB: O que você espera desse 'novo' Maracanã?

T1: Espero que ele seja, as pessoas que tão tomando dele, pensem mais no público, o público que merece, é o público que vai encher aquilo ali, se botar o ingresso muito caro também não vai encher, o ideal abaixar, porque tá muito salgado, 40 reais pra quem ganha salário mínimo.

AB: Agora considerando que você falou que era líder do grupo feminino, o que você pode me falar disso?

T1: Eu brigava, eu brigava com algumas garotas que iam pra paquerar, elas iam torcer pro Fluminense mas elas iam paquerar os meninos, porque é uma torcida que tem muita gente bonita. Tem o núcleo feminino aqui, ainda tem, só que agora tá assim, como eu tô mais velha, me chamam de balzaquiana, tem até logotipo...

AB: Mas porque se criou uma coisa separada?

T1: Não, é porque a gente é feito por núcleos, aqui é o 1º núcleo. Quando começou foi mais mesmo pras mulheres organizarem melhor as coisa, porque um toque feminino é bem melhor, os garotos são mais bagunceiros, na hora de arrumar o bambu é fácil, mas depois eles jogavam assim que ia mofando as bandeiras, a gente não, as meninas dobravam, colocavam em cima, arrumavam melhor, e no fundo ficava mais bonito. Era muito pelo Fluminense, mas tinha muitas que paqueravam ai a gente chamava atenção, falava 'o manera porque daqui a pouco você vai ser chamada maria arquibancada. Essa aqui é milha filha o nome dela é Kianny Flu, eu botei mais ou menos parecido com Young Flu. Hoje tem, é quem tava organizando era a Juliana, mas ela agora como entrou para diretora de evento social aí ela abandonou um pouquinho, mas ano que vem a gente vai recomençar rever que vai tomar conta. O seu Armando, o fundador, ele não gostava dessas divisões, achava que separava um pouco bairro pra bairro, ele ficava brava com a gente, mas núcleo feminino nunca teve número, era núcleo feminino, que aí todo mundo se juntava e ajudava um puco, tinha que botar talco no saquinho, os meninos mas aí as meninas começaram a fazer.

AB: Tinha alguma separação?

T1: Hoje já não tem mais porque tem o núcleo de festa, que vai cortar papelzinho, comprar, núcleo feminino é mais para organizar um núcleo, denominação, como tem a pavilhão do Flamengo, é feminina, é mais por causa do nome mesmo, fica bonito.

AB: Obrigada.

T2 - TORCEDOR YOUNG FLU - 48 anos - 18/11/12 - frequentou por 30 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T2: Ia muito, muito, depois parei um pouco por que em casa a situação estava ficando complicado, os filhos tavam vendo o Flamengo como inimigo, time da minha esposa, por minha causa... Agora tô voltando, encontrei dentro da Young Flu um grupo de muitos amigos, muito bom mesmo, Young me deu amizades e é só felicidade

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T2: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T2: A gente estava comentando sobre jogo, jogo do Assis, eu falei: eu estava lá, jogo de Romerito, eu estava lá... Olha só, isso é uma coisa complicada, minha mãe é Botafoguense, minha irmã é botafoguense, e eu sempre fui um garoto muito seguro, sou eu, aí eu mesmo, eu fui ao Maracanã, entrando ali no negócio, e consegui entrar, entrei e a primeira vez que fui no Maracanã, como eu falo pro meu filho, eu fui de geral, na geral porque eu também não tinha dinheiro, pulava aquele negócio e entrava.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T2: Maracanã, como eu falei, primeiro eu lembro daquela união, todo mundo que entrava junto ali, as torcidas pela mesma passarela, quando descíamos, descíamos todos juntos, isso, eu sempre friso aí pro pessoal, até virar rivalidade, o meu Maracanã era esse de alegria, de sair todo mundo junto, de abraçar todo mundo e depois, infelizmente nessa década de 90 que ficou essa rivalidade, pra mim isso foi criado com o Vaco e Flamengo e isso aumentou. Mas Maracanã pra mim é tudo de bom, tem que voltar urgentemente.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T2: Dia de jogo, acordo, peço até hoje, acendo minha vela e vamos partir pra coma vamos ganhar e depois da oração tem o grito de guerra: 'vamos pegar, vamos pegar Young!' Encontro a rapaziada, tem uma amigo que fala: pô foca você já chega aqui num estado, e eu falo, não é não, é muita alegria, nunca briguei porque tava bebendo cerveja, sou contra a proibição, eu ficava nesse êxtase mesmo.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T2: Comportamento sempre foi de explosão e de alegria, sempre em pé, até hoje só vejo jogo em pé, não sei como vai ser nesse novo Maracanã, tava discutindo ali, quando tiver aquelas poltronas tudo ali certinho, porque eu acho que vai ser o fim da organizada

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T2: Olha só, desculpe o que eu vou falar, nego fala que eu falo muita besteira, mas entrar no Maracanã pra ver meu Flu, é uma coisa sensacional, não adianta, eu falei, é o estado máximo, não tem igual.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T2: Senti muita alegria, tristeza também, chorei muito também, porque dizem que homem não chora... esse estado de paixão essa coisa doida, fúria também, a gente vai do limite máximo do prazer ao fundo do posso.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T2: Olha só, o Maracanã, acho que olharam assim, eu não sei, não sei quem projetou o estádio Mário Filho, mas ele teve uma ideia genial e isso foi projetado até pro futuro, metrô essas coisas todas, tanto pessoal da zona sul, zona norte e baixada, foi um lugar de fácil acesso, escoamento rápido, coisa que não ocorre no Engenhão, apesar de morar em Madureira, eu amo minha Madureira, mas aqui é difícil, eu no Maracanã, eu ia naqueles bares todos ali, a confraternização daquele pessoal todo, com todo mundo, depois que criou o Engenhão eu perdi minha confraternização. Nos arredores, tinha Fluminense, com a Força Jovem, botávamos as duas bandeiras e sempre ficamos brincando. Quando veio para o Engenhão isso acabou, porque como é que o pessoal vai ficar do mesmo lado que o meu, de outra torcida, isso acabou, e, aqui no Engenhão, não é o mesmo estado de êxtase que eu sentia no Maracanã. No Maracanã a gente comemorava muito pelos bares ali, ia muito no Buxixo, então você sempre encontrava e abraçava um amigo, no Engenhão não, acabou vai embora não tem nada. Não tem a magia que tem o Maracanã.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T2: Maracanã, o mais marcante, foi garoto, vi a máquina tricolor, casal 20 na década de 80, Aldo e Assis, eu estive lá. Assis marcando de cabeça com Aldo cruzando foi uma coisa sensacional, esse foi o momento mais feliz.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T2: Tudo bem que vem mais conforto, mas minha preocupação é nós da organizada, com vai ficar? Tudo sentadinho, como é que vai ficar o espetáculo? Todo mundo fala de torcida é isso, aquilo, eu provo que não, como é que a gente ficava junto antes? Eu sempre fiz isso, agora a violência, facções foi pra gente do futebol, a coisa mais popular que tem gente pobre e rico.

T2: Maracanã é a casa do carioca, não é do Flamengo, nem do Fluminense, flamenguista tem mania de ser maior torcida, e é, mas em 2008 nós botamos lá também o maior público, maior renda, então como é que é a casa dele. Nós somos mais bonito, mais organizados...

Obrigada.

T3 - TORCEDOR YOUNG FLU - 37 anos - 18/11/12 - frequentou por 15 anos

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T3: Sempre na Young-Flu.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T3: Eu fui sozinho... Fugi de casa e fui de metrô...

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T3: A gente tinha muita amizade, ficava todo jogo junto...era um vício...

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T3: Era o dia inteiro só pro jogo. Acordava já nove da manhã pensando já em sair dez da manhã pra ir pro jogo.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T3: Desde novinho eu tinha ocupação, porque eu era diretor de bandeira, diretor de bateria, sempre tinha alguma coisa pra fazer.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T3: Satisfação.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T3: Sei lá... A gente estava torcendo pro time... Não tem um sentimento específico não.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T3: Ninguém se iguala ao Maracanã. O Maracanã é fácil de ir, é fácil de chegar. Tem lugar pra estacionar, a gente já tá acostumado. O Engenhão, eu só to indo mesmo porque eu moro no Cachambi e é pertinho. O Maracanã é muito maior, muito mais gente, o clima é outro.

AB: Você acha que o Maracanã é a casa de alguém, de alguma outra torcida? Tem gente que diz que é a casa do Flamengo...

T3: Todo mundo se sente em casa no Maracanã.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão-sustentabilidade.

T3: Eu acho que vai ser um estádio pra rico, só. Vamos ver... Eu acho que se o torcedor boicotar, se os preços estiverem muito altos, no final das contas eles vão abaixar.

Obrigada.

T4 - TORCEDOR YOUNG FLU - 40 anos - 18/11/12 - frequentou por 23 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T4: Todos os jogos do Fluminense. Dificilmente faltava a um jogo.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T4: Arquibancada. Em pé, na Young.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T4: Desde os 17 anos. Meu pai.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T4: Minha história em relação ao Maracanã é de muito amor ao Fluminense. Porque eu vivi muito... O Fluminense hoje vive uma boa fase sem o Maracanã. A maior parte do tempo que a gente esteve o Maracanã foi muito sofrido. Times difíceis, as quedas para a segunda, para a terceira divisão... E no reerguimento do clube, o Maracanã fechou. A gente sente muita falta do Maracanã.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T4: Já acordava tomando café pensando no Maracanã. Reunia os amigos e a gente saía de onde eu morava na época, eu morava em Inhaúma, então a gente saía mais ou menos umas cinquenta pessoas e de lá ia direto pro Maracanã, porque na época a torcida não tinha sede ainda. Então os preparatórios, nos jogos aos domingos, no sábado a gente já vivia um pré-jogo.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T4: A dinâmica era reunião de amigos. Quem bebia, bebia, quem não bebia, não bebia. Na época, eu era novo, não bebia, então batia papo, via amigos de outros bairros, de São Gonçalo, às vezes até de outros Estados, conhecidos através da torcida, então ali a gente fazia uma confraternização, lanchava, entrava e preparava a festa pra entrada do Fluminense, bandeiras, fogos, talco, aquela rotina que tinha em todos os jogos.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T4: Satisfação. Muita satisfação.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T4: Emoção. A emoção do Fluminense entrar em campo e a emoção da gente poder fazer aquela festa. Porque depois era ir pra casa e poder assistir à nossa festa na televisão. Independente do Fluminense perder ou não, a nossa festa era feita.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T4: O Engenhão em relação ao Maracanã é um lugar frio. A acústica não ajuda às torcidas, independente de ser organizada ou não. A organizada puxa o coro, e os torcedores não organizados acompanham. E no Engenhão você repara que embaixo as pessoas cantam uma coisa, em cima cantam outra...a acústica não ajuda, vaza pelos lados...no Maracanã não, é um grito uníssono, era um grito só, um canto só...e ainda tem as redondezas do Engenhão, dificuldade de chegar e sair, independente da pessoa vir de trem, ônibus ou de carro. Os jornalistas às vezes criticam o torcedor, que não vai ao Engenhão, mas não vai porque é difícil, independente de onde você mora. Se você mora na baixada, na Zona Norte, ou na Zona Sul, é difícil, quando você tem uma NET, um pay-per-view, passando ao vivo, em um bar embaixo da sua casa em um telão, a comodidade de você estar perto da sua casa, você sair para ir ao Engenhão...o Engenhão fica engarrafado uma hora dentro do estacionamento pra sair...O Maracanã é incomparável pela grandeza, pela história. No Maracanã jogou Gérson, jogou Rivelino, Washington, Assis, Tato, Romerito...quem jogou no Engenhão? Os ídolos da atualidade...então nós que temos um pouco mais de idade vamos lembrar do Maracanã com saudosismo.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T4: A imagem mais marcante do Maracanã, pra mim, é naquele monte de sofrimento, que o Fluminense tinha um time horrível, é o gol de barriga do Renato Gaúcho. Não tem como não ser.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão - sustentabilidade

T4: Eu espero que seja um Maracanã moderno, mas que seja um Maracanã que emocione, que traga emoções para os torcedores, que não seja aquela coisa fria, que não vire um shopping do futebol, que vire um lugar pra torcedor mesmo, que nos traga lembranças, que nos puxe as lembranças do antigo Maracanã, porque afinal de contas ele não deixou de ser o Maracanã, continua sendo o Maracanã, ele está sendo repaginado, então a gente quer entrar lá e relembrar essas antigas emoções e querer viver as novas.

Obrigada.

T5 - TORCEDOR YOUNG FLU - 75 anos - 18/11/12 - frequentou por 60 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T5: Não vou dizer 100% porque é brincadeira, mas vamos dizer 95%. Sempre adorei futebol, então desde criança eu estava sempre no Maracanã, às vezes não era nem Fluminense, mas eu ia para o Maracanã assistir futebol, porque eu gosto de futebol. Era barato.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo?

T5: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T5: Eu assisti o primeiro jogo do Maracanã, Rio e São Paulo em que o Didi fez o primeiro gol do Maracanã. Eu fui sozinho. Eu devia ter 12 anos.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T5: Maracanã é aquilo que eu disse, a gente estudava e tinha direito, meu pai dizia: você pode assistir um filme ou ir pro Maracanã, me dava o dinheiro e eu optava sempre em ir pro Maracanã. Desde de 56 pra cá eu ia muito ao Maracanã.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T5: Eu sempre fui muito tranquilo, eu vou ver o jogo, já fazia parte do meu eu, praxe do fim de semana.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T5: Eu sempre gostei de ver futebol, então torcer eu sempre torci pro Fluminense

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T5: O radinho veio muito depois, em 1956, 57, não existia antes, existia aquele rádio branco, grande, aí eu não carregava, aquilo era bom, porque é muito comum você assistir um jogo de futebol, mas certos lances dentro do Maracanã, que você assistia

do lado da torcida do Fluminense que ficava atrás do gol, e às vezes era lá do outro e o radinho tava servindo pra te orientar

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T5: O problema de entrar no Maracanã, aquilo era a minha maior satisfação, era a maior alegria, ia de bento Ribeiro, parava lá e assistia, toda semana, sentia uma grande satisfação, eu gostava muito de futebol, embora fosse péssimo jogador!

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T5: Aqui, você vê, puxa vida, no meu tempo de garoto ir em Laranjeiras era muito longe, muito difícil. Quando fui no campo do Botafogo, assistir o jogo do Fluminense, me levaram, eu era garoto, agora no Maracanã era fácil, muito prático, muito fácil, eu entrava em Bento Ribeiro no trem e me largava na porta do Maracanã. A melhor coisa que inventaram no Brasil, no Rio de Janeiro, pra quem gosta de futebol foi o Maracanã! Se é pra ir pro Vasco você tem que pegar um monte de conduções, agora que melhoraram com o Engenhão... Sinceramente, eu sou mais o Maracanã, eu não gosto do Engenhão, é um campo menor mas não te dá uma visão muito boa, o que não aconteceu no Maracanã, vc via tudo. O cara que montou o Maracanã foi um engenheiro muito bom.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T5: Quando o Fluminense foi campeão em cima do Flamengo, que todos se preocuparam com o coroa aqui, foi o gol de barriga do Renato Gaúcho, todo mundo ficou louco, preocupado, eu dentro da Young, olha o coroa, olha o coroa, mas eu estava tranquilo eles, os garotos passaram mal, nunca esqueci disso. E o Renato Gaúcho falou que bebêssemos durante 1 semana, e eu passei 1 semana bebendo whisky, nessa época já era aposentado, então foi 1 semana...

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade

T5: Isso está uma interrogação muito grande, porque eu achei que o Maracanã diminuiu, estão fazendo modificações, sei lá, eles estão pensando um estádio não para futebol, mas para outros eventos. Tô muito preocupado, quero ver no futuro como vai ser realmente.

T6 – TORCEDOR - 41 anos - 18/11/12 - frequentou por 29 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T6: Todos os finais de semana.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T6: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T6: 12 anos, meu pai.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T6: Exato, eu conto isso para as minhas filhas e elas até acham isso interessante, no período em que eu fui apresentado ao Maracanã eu tinha 8/9 anos de idade, e aquilo me fascinava tanto que aos 12 anos de idade eu já ia ao Maracanã sozinho, ninguém sabia lá em casa, eu ia pra rua brincar, daí ia para o Maracanã ver o Fluminense e voltava e é como se eu tivesse na rua brincando, isso tá sempre na minha memória e tá sempre na minha lembrança.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T6: É sempre um dia especial, especial ou diferente, né. Eu não tinha vontade de tomar café, de se alimentar, a expectativa no dia anterior já era complicado, dia decisão de jogos importantes, já era difícil passar e seguia até a hora do jogo chegar.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T6: Depende da época, criança, adolescente, adulto... No início a entrada era antecipada, chegava 5/6 horas antes de começar o jogo, aí depois era sempre em cima da hora, mas sempre com felicidade, com os amigos perto, com a amizade que eu fiz, a minha vida se hoje se pauta tanto profissionalmente como pessoalmente, tudo tem a ver com minha ida ao Maracanã, a minha família é constituída por conta do Maracanã e meus amigos são constituídos por conta do Maracanã, meu ciclo de amizade e minha vida toda foi constituída por conta do Maracanã.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T6: Ah... Um misto de vários sentimentos, cheguei, tô feliz, uma sensação prazerosa.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T6: São inúmeros, foram vários jogos, isso varia.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T6: Sim, sim, sim, ah, completamente diferente, você que tá acostumado a ir ao campo você assistir pela televisão é completamente diferente. No Engenhão, você tá no campo é bom, é bom, mas não tem comparação, Maracanã é Maracanã, porque quando eu comecei a entender de futebol, Maracanã já era Maracanã, eu não tenho referência de futebol a não ser o prazer de ir ao Maracanã, tem uma magia diferente, a localidade, o espaço, a beleza, o campo, entendeu, o hábito, tudo o que aconteceu, a história, tudo que aconteceu na minha vida por conta do Maracanã.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T6: O que ainda é né? Porque ele vai continuar lá, o antigo, bem, certamente como o nome vai ficar, a história vai ficar e tudo o que aconteceu no período, na inauguração, Copa de 1950, do títulos que o Fluminense ganhou ali, da mística do Maracanã e eu vou poder dizer que eu participei, desde o final da década de 70, início de 80 até a presente data, quando ele parou para a reforma.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T6: Foram tantas assim, o brasileiro de 84, gol de Romerito, eu fecho os olhos agora e vejo lances de 30 anos atrás, entendeu, o título em cima do Flamengo em 95, gol do Renato gaúcho, aquilo ali não tem explicação, entendeu, então quer dizer, acho que essas foram... e eu ainda vou passar melhores, pode ter certeza, eu ainda vou ser campeão da Libertadores no Maracanã.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão - sustentabilidade

T6: É o mundo mudo né, as coisas hoje em dia tem que ser adequadas ao que, a universalidade existe, tudo hoje em dia é globalizado, então quer dizer, a pessoa hoje pega o avião e em três horas tá num estádio em outro país, da mesma forma aqui, e tem que ficar adequado para esses tipos de pessoas, não tem outro jeito, agora vai fazer falta o cimento, o concreto que a gente tava acostumado a ficar sentado, ficar em pé, isso realmente vai fazer falta, mas isso porque eu me acostumei com aquele período, certamente as novas gerações que vem agora vão ter outro pensamento.

Obrigada.

T7 – TORCEDOR - 62 anos - 18/11/12 – frequentou por 41 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T7: Desde 69 que eu frequento, frequentava o Maracanã.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T7: Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T7: Livre espontânea vontade.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T7: Minha história, são muitas histórias, eu lembro de muitos jogos assim, importantes, principalmente fla-flus, e tem outros jogos contra Vasco, Botafogo, mas o que me marcou mesmo foi fla-fu, sempre foi o clássico mais charmoso e que marcou muito.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T7: Acordava bem cedo como acordo até agora e ficava respirando 24h Fluminense.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T7: Eu sempre ia com meu primo. Eu ia a pé para o Maracanã, nós tínhamos uma bandeira de 4 metros e meio, nós morávamos em Santa Teresa e íamos a pé com essa bandeira e voltávamos a pé porque também não daria dentro de algum carro, então a gente ia a pé e voltava a pé com a maior alegria, graças a Deus. Eu torcia bastante, né? Cantava, batia palma, como sempre com uma cervejinha na mão, mas graças a Deus sempre com muita alegria, sem me meter em confusão nem nada, só alegria mesmo, bandeirando...

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T7: Ah, já dava um nervoso, dava um nervoso, principalmente em dias de decisão, a gente já saía de casa nervoso e chegava lá, ficava mais nervoso.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T7: Bom, eu torcia em outros clássicos, mas geralmente eu ficava muito nervoso, nervoso mesmo.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T7: Não! Igual ao Maracanã não tem, Maracanã tem seu charme. Fizeram o Engenhão acomodar bem as pessoas, mas não tem seu charme. O Maracanã é o glamour do futebol carioca, nunca existiu outro igual.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T7: Como eu disse, Maracanã representa alegria, futebol, tudo, carnaval, mulher bonita... Maracanã é alegria.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T7: Os clássicos né? Principalmente os dois fla-flus, gol de última hora do Assis, as festas também dos clássicos, as torcidas, não só o Fluminense como também as outras, acho que isso me marcou mais.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T7: A expectativa como a gente vê aí no rádio e televisão, é de ficar muito bonito, mais lindo ainda, a expectativa é essa né? De acomodação para os torcedores, que tudo corra em paz, sem briga, sem confusão e acredito muito lindo como a gente vê aí nas reportagens. Os sentimentos continuam os mesmos, de torcer, vibrar, pelo nosso time.

Obrigada.

T8 - TORCEDOR - 64 anos - 18/11/12 frequentou por 41 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T8: Eu ia sempre, desde 69 eu ia sempre, depois fiquei um tempo sem ir, dependendo das circunstâncias, mas eu fui muito.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T8: Primeiro havia torcidas organizadas, não eram facções. Antigamente a torcida organizada era uma coisa de elite, gratificante de você participar, muito bom, hoje em dia tem muita violência entre as facções, hoje em dia o conflito é muito grande.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T8: Acompanho o Maracanã desde aproximadamente 69. Meu pai me levou ao estádio, São Januário, mas no Maracanã eu acho que fui sozinho.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T8: Nós entrávamos pelos guichês, na bilheteria comprávamos os ingressos e passávamos naqueles guichês apertadíssimos, era um sufoco porque todo mundo queria entrar ao mesmo tempo e a torcida do Fluminense que prima por chegar em cima da hora, naquele tumulto, todo mundo apertando, era um pandemônio conseguir entrar, quando entrava era uma glória, era uma satisfação quando a gente passava pela bilheteria, no guichê, aí pronto entrava, ali, ali era tudo festa, tanto nossa quanto do adversário, uma coisa linda, maravilhosa, o Maracanã foi uma das coisas mais bonitas que existia aqui no Rio de Janeiro, uma coisa fantástica!

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T8: Ah!!! Quando eu entrava era uma loucura, a gente ficava emocionado demais, quando a gente entrava, saía ali naquele tunelzinho, você tava ali no anel externo e entrava mesmo, caramba era quase um orgasmo, hahaha!

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T8: Ah! Todos eles, todos eles a gente vivenciava, de insatisfação, de alegria, ih perdeu o gol, caramba, todos os sentimentos, todos, todos...

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T8: Não, só há diferenças, não há semelhanças, o Maracanã é ímpar, o Maracanã é ímpar. A gente quando passa por lá, seja de carro, de metrô, de trem, de qualquer coisa que a gente passe pelo Maracanã, dá uma nostalgia, dá uma tristeza, pô eu não consigo, eu não consigo, ninguém consegue conceber o Maracanã fora do esquema do futebol, entendeu, porque nós crescemos futebol, crescemos Maracanã, o Maracanã faz parte, eu nasci em 48, o Maracanã é de 50, quer dizer, então ele cresceu comigo.

AB: O Maracanã é a casa do Flamengo?

T8: Não, não, não! Ele é a casa, veja bem, ele é a casa de todo time que tá em ascensão no momento. O Engenhão dizem que é a casa do Botafogo, mas o Botafogo não ganhou nenhum título aqui, nós já ganhamos mais do que eles... Nós gostamos muito de Volta Redonda, a torcida se sente em casa, mas nada é igual ao Maracanã.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T8: Foi em 1971, o Botafogo precisa de um empate para ser campeão, e o Fluminense, num dos últimos minutos, teve um corner, diz que o Marco Antônio fez falta no goleiro do Botafogo, entendeu, e o Fluminense fez gol, foi 1 a zero e o Fluminense foi campeão. Então a imagem que eu lembro, é do Paulo César Caju, que era do Botafogo, ele sentou em cima da bola no meio de campo, cara desolado, desolado, quer dizer, ruiu todo o castelo dele porque ele jogava muito.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade

T8: Olha sinceramente, nunca o Maracanã vai ser aquilo que foi, ele tem que obedecer a certas normas, antes ele já tinha problemas, porque nós temos aqui 4 times, é difícil numa mesma cidade ter 4 times, então é difícil um estádio que comporte tanta gente que adora futebol, e o futebol pra nós, o lazer não é aquela

coisa entrada 5, cadeira 48, não existe isso! Ôô a gente tá na praia, você chega arma a barraca ali e acabou, chega num bar você junta aqui, junta ali e acabou, entendeu? Nós não temos na nossa cultura essa tradição... essa cadeira é minha, não, você nem reclamaria, mas também já não sentaria naquela, então a expectativa para o Maracanã é uma expectativa muito formal, que eu não sei se nós seremos capazes de obedecer esses critérios, obedecer a essas novas circunstâncias. Em 69 eu já assisti a jogos de lado, não tinha espaço você assistia jogos de lado, briga lá em cima o cara ia descendo e parava lá em baixo, então o Maracanã é hors concours, quem viveu o Maracanã como eu e como outros é privilegiadíssimo, tomara que não perca a magia.

Obrigada.

BOTAFOGO

T1 - FUNDADOR FÚRIA - 39 anos - 10/11/12 – frequentou por 25 anos

AB: Qual a frequência com que ia ao Maracanã? Setor em que permanecia.

T1: Toda semana. Arquibancada.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou?

T1: Desde os 14. Meu tio.

AB: Conta um pouco da sua história em relação à esse lugar.

T1: Foi o primeiro estádio de futebol que eu conheci na minha vida, me apaixonei, comecei a ir, frequentar, todos os jogos.

AB: Quais eram os preparativos em dias de jogos?

T1: Já dormia pensando no jogo, acordava cedo e me arrumava pra ir pra concentração da torcida pra ir pro jogo. Encontrava com a torcida pra se encaminhas pro jogo. Marcava na Leopoldina e ia pro Maracanã, mais recente encontrava no Engenhão e ia. A gente entrava no lado do esqueleto, junto com a torcida organizada entrava.

AB: Como eram os comportamentos e práticas dentro do estádio?

T1: Canta o tempo inteiro. Eu sou o fundador da Fúria e vim de outra torcida desde o início. Hoje ela é a maior, nos primeiros 6 meses não, mas hoje ela é a maior, de tudo. Sempre torcer, tentar organizar o grupo que fica com as bandeiras, poder ajudar no material de divulgação, no material de vendas, torcer.

AB: Qual o sentimento quando você entrava no Maracanã?

T1: Ah! O Maracanã tem uma magia deferente, né cara? Emoção mesmo, dependendo do jogo, emoção.

AB: E lá dentro, quais eram os sentimentos vivenciados?

T1: Amor a ódio. Vai do amor ao ódio, aquele negócio, é um termômetro ali dentro.

AB: Você assiste jogos em outros locais, quais são as semelhanças e diferenças?

T1: Correto, já assisti jogos em quase todos os estádios do Brasil. Maracanã antigo não tem igual. Por dois fatores, arquibancada, não tinha cadeira, você sentir a emoção do Maracanã vibrar, isso aí só quem frequentou o Maracanã vai lembrar disso aí.

AB: E em relação ao Engenhão?

T1: É um estádio muito bonito, todo equipado, mas é um estádio estilo europeu, que não se enquadra ao torcedor brasileiro. É um estádio frio.

AB: O que foi o Maracanã pra você?

T1: O Maracanã, o antigo Maracanã, foi um marco na história em termos de estádio. É um estádio que aconteceu várias vitórias e várias derrotas, a boa história do futebol foi feita no Maracanã. É um estádio top, é uma história de emoção.

AB: Qual a imagem mais marcante que você tem desse antigo Maracanã?

T1: Ah, do velho Maracanã eu tenho Botafogo campeão em 89 e o próprio gol do el Louco, que foi antes de fechar o Maracanã, a cavadinha.

AB: Em relação ao novo?

T1: Eu particularmente não gosto do modelo novo. Acho que toda a magia, toda a magia dele vai se perder um pouco. Modelo europeu, acabou. Eu também tive o prazer de ir a estádio fora do Brasil, é igual aqui, é bonito, a arena da baixada é bonito, mas arquibancada com cadeira (sinal negativo com a cabeça).

AB: Mas qual a sua expectativa?

T1: Pô vou te falar, por eu te visto, saber como vai ser, não tem muito local pras torcidas colocarem a faixa, conheço o projeto todo, não tem lugar para colocar a faixa, acho que isso aí vai prejudicar um pouco.

Obrigada.

T2 - frequentou por menos de 15 anos

T3 - TORCEDOR FÚRIA - 25 anos - 10/11/12 - frequentou por 20 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T3: Todos os jogos, sempre.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T3: Sempre arquibancada, cadeira verde, atrás do gol, UERJ.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T3: Meu primeiro jogo eu tinha meus quatro, cinco anos. Meu pai que me levou, meu primeiro jogo.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T3: Desde pequenininho minha história tem tudo a ver com o Maracanã. Faz parte da minha vida, o Maracanã.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T3: Quando o jogo era sábado, época de escola, eu já faltava desde quinta-feira. Ansioso, nervoso, me preparava desde dois dias antes. Nem dormia. Só esperando o dia do jogo chegar.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio? Como era seu comportamento e prática dentro do estádio?

T3: Melhor sentimento. Sentimento de alegria, festa, me sentia em casa. Meu comportamento era sempre fazendo festa. Torcida Fúria Jovem, sempre fazendo festa.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T3: No começo, quando eu era pequeno, metrô ou ônibus. Depois, de carro.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T3: O intervalo é naquele corredor, tomar uma cervejinha, um refrigerante...

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T3: Quando estava perdendo era de nervosismo, quando perdia era de raiva, quando ganhava era alegria. Alegria total.

AB: Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T3: Pra falar a verdade, nunca fui muito fã do Engenhão não. Sempre gostei do Maracanã. Maracanã é a casa mesmo. É o lugar do futebol.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T3: Maracanã é quase tudo na minha vida. Participou da minha vida desde pequenininho, e agora vai voltar ano que vem e até o final da minha vida vai fazer parte dela.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T3: O gol do Loco Abreu, da cavadinha, na final do campeonato, em cima do Flamengo.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão - sustentabilidade

T3: Nunca vai ser a mesma emoção que a gente sentia no antigo. Isso nunca vai voltar. Eu espero que proporcione pra gente uma festa linda como era antes. Modernidade, segurança, conforto, tudo o que o outro já tinha, melhora um pouquinho.

AB: E se surgir uma determinação de que o torcedor não poderá assistir ao jogos de pé?

T3: Eu só assisto aos jogos de pé. Se vier esse negócio de proibição vai ficar ruim.

Obrigada.

T4 - TORCEDOR FÚRIA - 29 Anos - 10/11/12 – frequentou por 17 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T4: Direto. Quase todo jogo.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo
T4: Arquibancada. Acho que na cadeira amarela.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?
T4: Meu pai, em 95. Devia ter uns 12 anos.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.
T4: Eu não gostava de futebol não. Aí meu pai me levou para ver Botafogo e Cruzeiro, semifinal do Brasileiro. De lá pra cá, direto.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?
T4: Nem dormia. Ficava doido para chegar logo a hora.

AB: O que vc sentia quando entrava no Maracanã? Como era seu comportamento e prática dentro do estádio?
T4: Emoção. Cada jogo parecia ser o primeiro. Eu não parava um minuto sequer.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?
T4: Van.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?
T4: Aflição, ficava nervoso.

AB: Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?
T4: É diferente. Por mais que o Engenhão seja a nossa casa, é diferente. Sei lá, acho que envolve a história do Maracanã, o Maracanã é emocionante.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão - sustentabilidade
T4: Que o preço não fique lá em cima, que não seja muito caro, e que seja tudo como antes, a mesma emoção, tudo, vibração. Acho que vai ser até melhor.

Obrigada.

T5 - TORCEDOR HÁ MENOS DE 15 ANOS

T6 - TORCEDOR FÚRIA - 31 Anos - 10/11/12 - frequentou por 23 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?
T6: Todo jogo do Botafogo.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo
T6: Arquibancada, cadeira verde, no meio da Fúria Jovem.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?
T6: Meu pai, no ano de 88, Botafogo 2 x 0 Vitória, pelo Brasileirão. Eu tinha 8 anos.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T6: 95 campeão brasileiro eu estava no jogo contra o Santos, estava no jogo contra o Cruzeiro. Teve vários momentos ruins também, tipo quando o Botafogo foi prejudicado três vezes contra o Flamengo em 2007, 2008 e 2009 no Maracanã. Muita alegria.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T6: Saía cedo de casa, saía preparado, ir pro bar, tomar aquela cervejinha, esperar a galera, partir pra festa dentro do ônibus, com a torcida, na Van, seja lá o que for. Chegar no Maracanã sempre foi um carnaval à parte.

AB: O que você sentia quando entrava no Maracanã? Como era o seu comportamento e prática dentro do estádio?

T6: Todos os jogos até hoje é sempre uma emoção diferente. Eu participava o tempo todo do jogo, cantando, gritando, incentivando o Botafogo.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T6: Adrenalina pura, sempre ligado o tempo todo no que tá acontecendo.

AB: Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T6: O Maracanã é mil vezes melhor. Aqui no Engenhão é meio frio, falta um pouco de vibração, no Maracanã tinha aquela vibração, aquela coisa, aquela acústica totalmente diferente do que tem aqui.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T6: Foi o empate, o segundo gol contra o Flamengo em 2009. Perdemos nos pênaltis, mas estava 2 a 0 Flamengo e quando o Botafogo empatou o jogo, gol do Túlio Souza...essa imagem marcou.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T6: Que não metam a mão no preço do ingresso. A violência não espante tanto o torcedor, o que espanta é o preço do ingresso. Que o Maracanã vai estar bonito, nós sabemos...

Obrigada.

T7 - TORCEDOR - 79 anos - 10/11/12 - frequentou por 60 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T7: Todos os jogos, todos do Botafogo, não perdia um, desde o tempo do Tarzan.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T7: Arquibancada

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T7: Muito interessante, eu morava, eu morei na rua General Severiano 207, vi o Botafogo ser campeão amador, com um cara chamado Tovar, que ninguém fala nele, um craque, mas ele foi em 45, 1945, ele foi reserva do Zizinho, mesmo sendo um jogador amador, fugindo a sua pergunta, eu vi Heleno de Freitas, vi o Botafogo ser campeão em 1948, com baita de uma linha, não tinha pra ninguém, só dava

Botafogo, agora o Maracanã realmente foi um, eu assisti, quando teve paulistas e cariocas, foi 1 a 1 e não tinha marquise, não tava nem pronto, tava em obra e foi 1 a 1, gol de Baltazar e Didi. Eu tinha 17 anos. Fui sozinho, sozinho.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T7: Maracanã, ali, eu como sempre fui torcedor, torcedor mesmo, então o Maracanã pra mim era um festa. Porque saía de casa, da mesma forma que venho pro Engenhão, empolgado e porque Botafoguense, o cara que é Botafoguense mesmo, ele gosta do clube, ele vai lá pra torcer, só pra torcer, não vem pra brigar nem nada. E algumas decepções, como por exemplo em 71, jogo contra o Fluminense, que foi garfado. Botafogo já é prejudicado desde 71. Aquele Simon, cansou de não ser leal com o Botafogo, e teve outro que eu não lembro o nome que teve que sair de ambulância.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T7: Como eu sou até hoje, tranquilo, perdeu perdeu. ganhou ganhou. E coisa de torcedor, xinga o juiz, olha só não xingo o jogador do Botafogo durante o jogo, mas reclamo, é um direito que a gente tem. Após isso, depois do jogo, a gente vai pra casa numa boa, tranquilo, perdeu numa boa.

AB: E a comemoração do gol?

T7: Ahaha, o gol, ah! O gol é explosão (risos), eu até já beijei mulher dentro do Maracanã. Até no Engenhão, aqui, é, teve uma mulher que me beijou, na boca, ué, vou fazer o que, ia dizer que não? É a emoção do gol, porque o gol é tão emocionante porque uma pessoa que você nunca viu na vida, você abraça o cara, e isso era constante fazer isso.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T7: Sempre, sempre, às vezes tem um lance duvidoso, você escuta na hora.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T7: Aquela rampa, eu já tive problema com aquela rampa pelo lado do rio Maracanã, eu subindo com o meu filho, torcedor do Flamengo me embargou, torcedor, não foi só um não, mas aí por felicidade tinha um que tinha bom senso falou: 'deixa o cara ir embora, não tem nada a ver', torcedor que não era torcedor, por isso que eu digo, a violência já existe, e outra coisa, a bebida alcóolica não é o problema, o problema são as torcidas organizadas que não se respeitam, por isso que eu nunca fui adepto às torcidas organizadas, o torcedor que é torcedor nunca vai se envolver com torcida organizada, os caras, não sei porque cargas d'água, ele marca encontro, um mata o outro, não tem nada a ver, tem que ter presídio pra essa gente

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T7: Bom pra quem pegou a década de 60, eu vi o Botafogo ganhar de 3 a 0 numa noite contra o Santos com Pelé, o Pelé quando via Nilton Santos saía correndo. É um pouco diferente porque aqui eu até gosto de bagunça, por isso que eu vim pra esse lado aqui, porque o lado oeste é meio paradão, os caras só sabem reclamar, aqui não, aqui tem vibração, eu gosto de torcida organizada, a vibração, eu não tô

morto, 79 anos, eu tô vivo na parada, mas o seguinte, aqui você sente muito mais distância do campo, é mais frio, não, mais frio assim, só de ver aquele monte de bandeiras no Maracanã, já era uma empolgação total.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T7: É, alegria e tristeza, é, agora, eu vi por incrível que pareça, em 55, eu vi o Flamengo ser campeão em cima do América covardemente, porque com 1 minuto de jogo Tomires quebrou a perna do Alarzon que era o melhor jogador do América. Ir no Maracanã era um lazer, eu gosto de futebol, via o jogo que me interessava

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T7: Garrincha, muita saudade do Garrincha, que o Botafogo nem o Brasil vai ter um igual a ele

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T7: Eu acho que vai ser a mesma coisa, a mesma emoção, que o Maracanã é o Maracanã, pra mim é o maior estádio do mundo. Agora, uma coisa é certa, o Engenhão tem conforto.

Obrigada.

T8 - TORCEDOR - 56 anos - 10/11/12 - frequentou por 42 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T8: Eu ia sempre! Tinha futebol eu ia, tava sempre no Maracanã

AB: Setor em que permanecia durante o jogo.

T8: Na geral... eu era geraldino...eu era daquela turma da bagunça, ficava atrás do banco lá, gritando e torcendo.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T8: Com 14 anos, foi a primeira vez, eu saía do colégio interno eu ia para o Maracanã porque o inspetor levava muito a gente. Aí naquela época, todo mundo era Flamenguista, a turma que ele levava era flamenguista, mas eu vi um jogo do Botafogo e Vasco, Botafogo bateu por 3 a 2 quando Paulo César Caju fez embaixadinha na frente de Ederval, aí eu não falei pra ninguém que eu era Botafoguense. Quando eu saí do colégio interno eu comecei a frequentar o Maracanã com mais assiduidade

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T8: Pra mim, pra mim, no Maracanã eu vi jogar Jairzinho, Roberto, Djair, Paulo César, vi jogar Rogério, Gerson, era um futebol, o futebol do Botafogo era muito vistoso e eu vi o Ney Conceição jogar bola e me inspirei nele, era meio de campo. Sempre vi jogo no Maracanã, mas tive que trabalhar, família pobre, mãe falecida, meu pai pedia pra eu trabalhar, mas sempre ia, era baratinho né? A geral! Aí eu tava lá atrás torcendo, corria pra pegar a bola...

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T8: Ahhh! Eu ficava radiante, eu trabalhava de manhã cedo, depois eu saía, aí do trabalho mesmo eu ia pro jogo do Botafogo, entendeu, aí o que que aconteceu, eu levava uma bolsa grande e levava uma bola dentro da bolsa, quando chegava lá na geral, que tinha espaço, aí eu tirava bola e fazia um negócio de linha de passe, eu levava meu filho, meu filho falava: 'pai tu é doido, aí eu falava: "pô filho, eu gosto de futebol", aquela linha de passe todo mundo brincando e eu no meio, me exibindo, com camisa do Botafogo, eu tirava maior onda, era uma coisa muito bonita!

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T8: Ah, muita emoção, de chorar, chorava não, eu choro até hoje, até hoje com 56, vou fazer 57, quando meu Botafogo entra, sei lá, começam a cantar, a torcida me dá uma emoção. Lá dentro, ah, eu vibrava muito, eu gritava, botava o time pra frente porque ali era pertinho, não xingava nem vaiava não, eu sempre fui de apoiar o time do Botafogo. E o Paulão, quando ele jogava bala, ele jogava bala na minha direção mesmo, sabia que eu era um torcedor nato, que eu morava lá na Tijuca, morava não, moro até hoje e da Tijuca para o Maracanã é perto, e eu sempre gostei, futebol.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T8: Meus sentimentos, era muita alegria quando o time tava ganhando, tristeza quando tava perdendo, mas mesmo assim eu nunca fui um torcedor de lamentar muito não, porque eu sempre achei assim, hoje perdeu, amanhã ganha.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T8: Ah, hoje em dia é porque eu tô com mais idade. Tem, tem, isso aqui é como se fosse minha casa, eu não tenho geral, mas também ficar naquela chuva não dá não, antigamente a gente ficava lá na chuva lá torcendo. Aqui é minha casa, aqui tá eu, eu chego cedo dá pra mim torcer tranquilo, lá eu tinha que chegar cedo pra arrumar lugar lá na geral e na chuva, porque era pouco dinheiro. Hoje em dia não, sou aposentado graças a Deus, não pago, chego até cedo aqui, mas eu curto meu Engenhão. A melhor coisa que teve foi o Botafogo conseguir esse estádio aqui.

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T8: Do velho Maracanã foi em 89, gol do Maurício, 1 a 0 Botafogo em cima do Zico, Zico tinha uma bronca, nós demos de 6 a 0 primeiro e botávamos o Russão e Tarzan, pessoal sempre botava a faixa de 6 a 0 e ele ficou longos e longos tempo até tirar aquela marca que o Botafogo conseguiu. O gol do Maurício foi uma coisa fora de sério, um toquezinho assim, meu Deus do céu, minha esposa era flamenguista passou a ser Botafogo, então o que aconteceu, meu filho é botafoguense, minha filha, minha neta, meu cunhado. Pô muito bom, ser botafoguense é outra coisa

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T8: Eu espero que o novo Maracanã, acho que ano que vem que vai abrir, que ele continue o mesmo, mas não sei, não sei como que tá assim os preparativos, se vai entrar, se os outros vão poder jogar lá, dizem que só Fluminense e Flamengo vão

jogar lá, espero que abra a porta pro Botafogo também, pra quando tiver um jogo bom, uma decisão. Depois eu fizeram o Engenhão o Maracanã morreu, mesmo assim eu sinto muita lembrança porque ficou na memória.

Obrigada.

T9 - TORCEDOR BOTAFOGO - 35 anos - 10/11/12 – frequentou por 26 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T9: Final de campeonato.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T9: Arquibancada

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T9: 9 anos com meu pai

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T9: Maracanã foi o primeiro estádio que eu fui, pelo Botafogo, que eu cheguei, já joguei pelo Botafogo, joguei na época de Marechal Hermes.

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T9: Eu nem dormia! Fica tenso.

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T9: De carro.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T9: Quietinho.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T9: Pô, o coração saia pela boca. Eu ficava inquieto lá dentro, nervoso.

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T9: Gostava que o Botafogo ganhasse logo o jogo e acabasse o jogo. A emoção é muito grande.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T9: Aqui tá em casa, aqui é bem melhor, você se sente à vontade, tô começando a trazer meu filho, o Engenhão é a nova casa.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã? Categorias conforto-segurança-auto gestão – sustentabilidade.

T9: Olha vai ser surpreendente, como se fosse a primeira vez chegando ao Maracanã. Acho que é o velho Maracanã, Maracanã não muda, sentimento é o mesmo.

Obrigada.

T10 - TORCEDOR - 71 anos - 11/11/12 - frequentou por 60 anos

AB: Frequência com que ia ao estádio?

T10: Muitas fases da minha vida. Teve fase de eu ir sempre, depois não ir mais, depois retornei, eu tinha, eu ia na tribuna e era muito mais fácil de eu ir.

AB: Setor em que permanecia durante o jogo

T10: Olha o melhor setor, o melhor setor mesmo é arquibancada, que a gente sente o povo, é aquela vibração, que a gente chega no Maracanã, principalmente antes do jogo, aquela empolgação, o início, o prefácio do espetáculo.

AB: Frequenta desde que idade? Quem o levou pela primeira vez?

T10: Ah, eu fui na inauguração do Maracanã, paulistas e cariocas.

AB: Como foi esse dia da inauguração?

T10: Na ocasião era o seguinte, alguns tapumes, tudo de cimento, algumas vigas aparecendo, eu me recordo da inauguração do Maracanã, nesse dia, eu evidentemente com esse físico que eu tenho hoje (magrinho), em 50 eu tinha 6 anos ou 7, 6, eu fiquei sentado em um vergalhão. As rampas de cimento, cimentão mesmo, a maioria entrava pelas rampas e pelos acessos que eram os buracos, pela parte de baixo. Era bem rudimentar, bem obra mesmo.

AB: Quem o levou pela primeira vez?

T10: Meu pai.

AB: Conte um pouco da sua história em relação a esse lugar.

T10: Bem, minha história foi como te falei, é a vitória e a tristeza da derrota

AB: Quais eram seus preparativos em dias de jogos?

T10: Bem evidentemente que tem aquela expectativa de ir, até porque quando você é cliente de arquibancada, é comprar o ingresso, é sentar em um lugar bom, ficar bem posicionado num lugar para não ser importunado. Agora outra parte, não digo de cartola mas de privilegiado, é hora que você chega, que você já tem seu lugar lá, na tribuna, na perpétua, mas a vibração de você chegar ao Maracanã é a mesma em qualquer local. A vibração é a mesma, quando você chega, o elevador chega, você entra, aquela gritaria, uma torcida de um lado, e a torcida do outro. É a mesma coisa da arquibancada, só que na cadeira você tem seu lugar, na arquibancada você tem que se encaixar. A comemoração, a briga a provocação, a gozação, é igual.

AB: Como era sua entrada no Maracanã, seu comportamento e prática dentro do estádio?

T10: A entrada era sempre a mesma coisa, sempre do lado da Avenida Maracanã, não me lembro de ter entrado nenhuma vez pelo lado da estrada de ferro, sempre pelo lado de cá. É tumulto, tumulto, e você procura, você tem quase seu lugar garantido, você já sabe onde você vai ficar, você vai naquele lugar e as pessoas sempre são as mesmas, são sempre as mesmas, estão sempre por ali, sempre frequentam. Quem vai uma vez ou outra senta em qualquer lugar

AB: Como você chegava ao Maracanã (meio de transporte)?

T10: A pé, eu sempre morei na Tijuca e ia andando.

AB: No intervalo do jogo, quais eram seus hábitos?

T10: Mate e cachorro-quente, e ir ao banheiro, correndo.

AB: Como você acompanhava o jogo? (rádio)

T10: Antes não tinha radinho, depois escutando radinho e vendo o jogo.

AB: Você lembra como as pessoas iam vestidas?

T10: Na minha época, quando eu era garoto, normalmente todo sábado à tarde meu pai me levava ao jogo, ele ia de terno!! De terno, os hábitos, hoje sujeito vai de bermuda. Olha você quer ver uma coisa, eu tinha uma carteirinha que eu entrava no Maracanã, uma cortesia, lá na tribuna não podia entrar de bermuda, na cadeira perpétua, só embaixo nas cativas.

AB: Você lembra dos camarotes?

T10: lembro, lembro. Eram as perpétuas e lá atrás os camarotes, aí você via o jogo, pelo ângulo você praticamente só via o campo, as cabeças do povo da cadeira e as cabeças da geral.

AB: Nas jogadas duvidosas, como eram discutidas as dúvidas?

T10: Como qualquer torcedor, xingando, bate papo e inconformado.

AB: O que você sentia quando entrava no estádio?

T10: Era aquela empolgação, aquela vibração aquela expectativa e gostava muito do comportamento das pessoas, não tinha pobre, não tinha rico, independente de raça eu acho que aquilo ali era uma coisa só, cada um torcendo pro seu time.

AB: E na tribuna?

T10: A mesma coisa, um pessoal um pouco mais refinado, mas nem por isso não deixava de ter briga, não deixava de ter a emoção, a vibração e a paixão

AB: Quais eram os principais sentimentos vivenciados durante o jogo?

T10: É alegria, tristeza, decepção.

AB: Você também assiste a jogos do seu time em outros locais? Se afirmativo, Semelhanças e diferenças dos sentimentos? Atualmente com os jogos no Engenhão, qual é o seu sentimento?

T10: Em outros estádios, já fui! Ah!!! Não tem igual ao Maracanã, é o que eu te digo, pela vibração do Maracanã, que é do Maracanã, isso não tem em outros lugares. Já fui no Engenhão umas 3 vezes, olha, a expectativa do início do jogo, é sempre a mesma, agora é um estádio que te dá um pouco mais de conforto, características completamente diferentes do Maracanã, e que, realmente eu agora vou mais como expectador, se meu time ganhar, eu fico satisfeito, se perder, eu também saio satisfeito porque alguém ficou satisfeito.

AB: O que foi o Maracanã para você?

T10: Ah, marcava a minha vida é lógico, como garoto, gostando de futebol, a expectativa era sempre o jogo no sábado, no domingo, não só pelo jogo como também pela discussão depois, e a gente ia em bloco naquela época, disposto a

tudo, a torcer, a brigar. Contar uma história engraçada, num jogo, Flamengo e Olaria, sentamos e tinha um cara do nosso lado, que urinou e aí começaram pertinho a falar mijão, mijão, quando a gente foi ver o Maracanã inteiro tava gritando mijão!!

AB: Qual é a imagem mais marcante que você tem do 'velho' Maracanã.

T10: Olha mais marcante, saudosismo, quando Garrincha pegava a bola o Maracanã fazia aquele silêncio, fingia que ia para um lado aí todo mundo "oh" "oh", aquilo era algo.

AB: O que você espera do 'novo' Maracanã?

T10: Olha, realmente é isso o que você falou. Agora eu vejo, uma estádio para nossa época. Realmente levando em consideração o que você falou, esses sentimentos todos, aproveitamento de tudo, conforto para os associados que não tinha naquela época, cidadania, enfim, eu vejo uma nova era para o Maracanã, e a emoção nunca acaba, eu acho que a emoção nunca acaba, agora, realmente um outro sentimento que eu vejo, que não é sentimento, eu vejo até com pesar é a agressão que tá existindo entre os torcedores hoje, o profissionalismo das torcidas, que as pessoas vão pra ver o espetáculo, mas uma parte vai para briga, se matar, se machucar, enfim, veja como tá em São Paulo.

Obrigada.

4 ARTIGO 4 – ESTÁDIO DO MARACANÃ: PERCEPÇÕES A PARTIR DA REESTRUTURAÇÃO ARQUITETÔNICA DE 2010

RESUMO

Em 2013, estádio do Maracanã passou por reformas arquitetônicas. Investigamos percepções de funcionários da reforma, no período de 2010 a 2013, com ênfase nas relações de interdependência entre os seus discursos e o cenário do futebol contemporâneo. O conteúdo das entrevistas foi compulsado com atividades de observação sistemática em 2012 e 2013. Os resultados confirmam que o Maracanã se ajusta aos padrões de segurança, conforto, sustentabilidade ambiental e econômica, estabelecidos pela FIFA para construções de estádios de futebol.

Palavras-chave: Futebol. Maracanã. Configurações. Percepções.

INTRODUÇÃO

Mudanças nos comportamentos, usos e costumes dos grupos sociais que ocorrem com o passar do tempo, estão associadas ao processo de sua constituição histórica. No esporte não é diferente; a violência presente nos jogos ancestrais (*folk football*) é um exemplo de como as práticas corporais refletem as dinâmicas sociais. Ao narrar exemplos desses jogos, praticados a partir do século XIV, Elias e Dunning (1992) mostram, além de jogadas que hoje consideramos violentas, a passividade dos que testemunhavam essas práticas, sugerindo que tal aceitação era característica da sociedade da época. Com o passar do tempo os jogos tornaram-se menos violentos, com o estabelecimento de regras para controlar as emoções, bem como coibir e punir os atos mais violentos.

O futebol, como manifestação da cultura brasileira, também é um campo privilegiado para discutir e analisar questões sociais. Partindo de conceitos teóricos trabalhados por Elias (1970), postulamos que as constantes alterações que presenciamos ao longo do tempo, nesse campo de estudo, se justificam pelas diferentes configurações estabelecidas no decorrer dos processos históricos das sociedades esportivas.

Embora o esporte seja mercantilizado desde o início do século XX, apresentam-se configurações recentes de uma nova ordem capitalista, mais globalizada. O futebol passa por diferentes fases, em termos mercadológicos. Entre 1960 e 1970, os objetos e as práticas esportivas adquiriram valor de mercado, instaurando novas formas de pensar e se relacionar com o esporte. No final da década de 1980, com a hipermercantilização, o futebol passou a bem de consumo. A época foi marcada por “maior migração de jogadores qualificados, proliferação gradual de competições continentais e globais, aumentos astronômicos nos salários de jogadores de elite, e novos produtos de mídia para o futebol” (GIULIANOTTI, 2012, p. 9).

Essas características acabaram influenciando na dinâmica do espetáculo, nas relações dos torcedores com o futebol e na pressão por estádios condizentes com os cenários deste “novo” esporte.

Com a mercantilização da cultura globalizada, o poder econômico, social e político difundido pelo mundo, tornaram “o futebol um dos mais extensos fios do

emaranhado tecido da globalização hodierna” (MASCARENHAS, 2007, p. 58). Os espaços/estádios, como cenários da cultura e equipamentos esportivos, também foram ao longo do tempo se adequando aos padrões postulados e exigidos, tanto pelo futebol, quanto pelas dinâmicas sociais. Os movimentos das comunidades esportivas, no final do século XIX e início do século XX, em busca de espaços delimitados para a prática do jogo, surgiram em função do aumento do interesse que o esporte vinha despertando nas pessoas.

Devido ao contínuo aumento no número de torcedores, fruto da popularização e mercantilização do esporte, os estádios entraram em crise, ao se mostrarem deficitários no quesito segurança; a superlotação era cada vez mais associada a acidentes em jogos em diferentes países, sobretudo europeus, como a tragédia ocorrida no estádio Hillsborough, na Inglaterra, em 1989, onde muitos torcedores morreram.

Na tentativa de eliminar o risco de repetição de tais ocorrências, o parlamento inglês exarou o Relatório Taylor (SIR NORMAN, 2002), com diversas recomendações para a construção e a reforma de estádios, como diminuição de sua capacidade, proibição de bebidas alcoólicas e inclusão de assentos nas arquibancadas. Estes e outros requisitos mudaram a configuração dos estádios britânicos, causaram efeito dominó na Europa e hoje fazem parte das exigências da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) para qualquer país que se candidate a sediar torneios internacionais. O movimento inglês e europeu consagrou um futebol civilizado, ordeiro, com a presença de famílias, em que se atenua o risco de acidentes e tragédias. Alguns estádios brasileiros não escaparam às novas exigências do futebol e se tornaram objeto de discussão e de reformas.

O objetivo deste estudo é identificar e analisar as percepções de funcionários das empreiteiras responsáveis pela reforma do Maracanã, no período de 2010 a 2013, com ênfase nas relações de interdependência entre as categorias discursivas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa e o cenário do futebol contemporâneo.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Este estudo¹⁰, de caráter qualitativo, utilizou a análise do conteúdo (BARDIN, 2011), como recurso metodológico. Seguimos a tradição da análise categorial, estabelecendo como unidade de registro o tema – novo Maracanã –, buscando nas comunicações os núcleos de sentido aparentes, presentes nos discursos dos informantes de nossa pesquisa.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com dez funcionários envolvidos com a obra, entre 2010 e 2013. Esses dados foram complementados pela observação sistemática do processo de reestruturação do estádio, com registro em diário de campo, realizada em três visitas guiadas ao canteiro de obras abertas ao público no período entre 2012, e em seis jogos em 2013, sendo três durante a Copa das Confederações e três durante o Campeonato Brasileiro realizado no estádio, após a sua reabertura.

A indicação dos sujeitos da pesquisa foi feita pela assessoria¹¹ de comunicação do Consórcio Maracanã/SA¹², que nos apresentou a nove porta-vozes, envolvidos com a edificação. Quatro deles têm nível superior: uma assessora de imprensa, um arquiteto e dois são engenheiros. Os outros cinco são técnicos: dois da área de meio ambiente, um de segurança, um de implantação e manutenção de canteiros, um de manutenção de equipamentos. Eles são denominados líderes¹³. Além desses informantes, entrevistamos também o engenheiro da Empresa de Obras Públicas do Rio de Janeiro (EMOP), responsável pela fiscalização da reforma. Todos os sujeitos da pesquisa concederam as entrevistas no canteiro de obras, em espaço próprio para interlocução, durante a jornada de trabalho. Nossa opção em buscar informações qualificadas com esses porta-vozes do consórcio se deu em função de, comprometidos com a reestruturação do estádio, enquanto líderes, eles serem transmissores diretos de informações oficiais sobre o cenário que se construía, contribuindo para elaborar representações sobre o novo Maracanã, o que

¹⁰ Todos os procedimentos apropriados para obtenção do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foram adotados. O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética sob o número do CAEE: 07820112.7.0000.5287.

¹¹ A assessoria indicou pessoas das equipes técnicas, que conheciam o projeto em detalhes, capacitados para oferecer dados confiáveis sobre a proposta da reforma.

¹² Formado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG.

¹³ Os funcionários entrevistados eram líderes de suas equipes, com desenvoltura e competência apresentada no ambiente de trabalho. Eram responsáveis por determinados setores da obra e coordenavam os demais funcionários pertencentes às suas equipes, passando instruções da parte técnica e incentivando-os a se envolverem com o empreendimento.

permite ao leitor identificar suas falas como “discursos oficiais” a respeito da obra que eles constroem.

Levando em conta que os informantes pertencem a uma mesma rede profissional, e que procuraram colaborar para que tivéssemos uma visão panorâmica e ao mesmo tempo detalhada das obras, consideramo-los como sujeitos autorizados e reunimos suas respostas consensuais em blocos, que editamos e uniformizamos.

Em relação ao número de sujeitos, entrevistamos apenas 10 porque, seguindo o critério de saturação (BAUER; AARTS, 2011, p. 59), verificamos que a partir do oitavo informante não apareceram dados novos que colaborassem com o objetivo da pesquisa.

A partir da análise da fala dos informantes acerca da reforma do Maracanã, estabelecemos duas categorias centrais de análise. Tais categorias foram estabelecidas pela presença recorrente no discurso dos informantes e não pela quantificação em números de aparições

SOBRE A REFORMA DO MARACANÃ	SOBRE OS SIGNIFICADOS DO NOVO MARACANÃ
<ul style="list-style-type: none"> - Imposições da FIFA - Visibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Segurança - Conforto - Sustentabilidade ambiental - Sustentabilidade econômica

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O processo de modernização pelo qual os estádios vêm passando está associado sobretudo aos fatores econômicos, seguindo o viés mercadológico, ratificando a ideia de que para cada conjuntura social se faz necessário um espaço que atenda aos objetivos comerciais dos empreendedores envolvidos com eventos esportivos naquele momento (HOLZMEISTER, 2005). Tal processo contribui para a incorporação de novos significados das comunidades esportivas sobre o valor simbólico dos equipamentos.

Neste contexto de novas configurações nos estádios brasileiros, é promulgada a lei 10.671 (BRASIL, 2003), dispondo sobre o estatuto do torcedor. Este estatuto, ao estabelecer normas de proteção e direitos dos torcedores, aborda questões diretamente relacionadas aos estádios. Alguns dispositivos mostram a preocupação com a qualidade do serviço prestado nesses locais, como alimentação de boa qualidade e banheiros em número suficiente, e em boas condições de uso pelo público.

Outros dispositivos estabelecem requisitos sobre a organização e disciplina dos torcedores nos estádios, como por exemplo, a venda de ingressos numerados que garantam um assento específico para cada torcedor. O estatuto estabelece penas severas aos torcedores, para transgressões como promover tumulto e invadir campo, entre outros atos que interfiram na ordem do estádio. Pune também, com a perda do mando de campo por seis meses, o clube que vender um número de ingressos maior do que a capacidade ou permitir o acesso de torcedores em quantidade maior do que o estipulado e também não disponibilizar o número de portões de acesso estabelecido em função do número de espectadores.

As questões postas em discussão pelas instâncias responsáveis pelo esporte competitivo e transformadas em lei pelo congresso nacional, que começavam a ser implementadas no cenário do futebol, precisaram ser prontamente solucionadas com a vinda da Copa do Mundo de 2014 para o Brasil. Os estádios que recebessem os jogos teriam que atender aos critérios recomendados pela FIFA, descritos com circunstância no caderno de encargos da entidade. Na introdução do referido documento, consta que nos últimos dez anos os estádios deixaram de ser locais onde apenas se assiste a uma partida de futebol para se tornarem equipamentos multiuso, com serviços modernos e de qualidade, onde todos os tipos de público seriam beneficiados. Está em curso “uma nova era na construção dos estádios” (FIFA, 2011, p. 7).

Buscando atender a essa demanda, o Maracanã, definido como o palco da partida final da copa de 2014, fechou os portões em 2010, para ser reestruturado.

Sobre a reforma do Maracanã: normas da FIFA e visibilidade

O consórcio Maracanã 2014, responsável pela reforma do estádio, elaborou o projeto cumprindo os itens recomendados pela FIFA. Do antigo estádio restou

basicamente a fachada, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2000).

Os depoimentos, tanto do engenheiro da Empresa de Obras Públicas, responsável por fiscalizar a obra, quanto dos funcionários do Consórcio (assessor, arquiteto, engenheiros e líderes de diferentes setores), seguiam uma mesma direção. O discurso, alinhado com o projeto orientado pela FIFA e bancado pelo governo, era retomado detalhadamente por todos eles, destacando que o Maracanã entraria, novamente, para o rol dos estádios mais modernos do mundo, na mesma linha dos europeus. O consenso das falas, resultante da edição das mesmas, é:

Você vai ter telões com tecnologia de última geração; é moderno; o lugar vai ficar de primeiro mundo; comparado a qualquer arena moderna do mundo.

A reforma foi muitas vezes justificada pelos ditames da FIFA, conforme se vê na edição seguinte:

Todo o anel inferior foi demolido para atender a um pré-requisito da FIFA, hoje o primeiro assento tem que estar afastado aproximadamente 14 metros da linha do campo; camarotes, cabine de imprensa, tribuna de honra como era antigamente, isso a FIFA dita, tem que ser no oeste porque o sol da tarde tá batendo no leste, nada por aqui é por acaso.

O Maracanã já havia passado por duas reformas que trouxeram algumas modificações na sua estrutura original, atendendo aos requisitos da Federação. Em 2000, em função do Mundial de Clubes organizado pela FIFA, o estádio teve sua arquibancada coberta por assentos individuais. Em 2005/2007, para receber os Jogos Pan Americanos, as alterações mais significativas foram a extinção do setor Geral, que recebeu cadeiras, além da elevação do campo e reformas de modernização de vestiários, banheiros e bares.

Além das exigências da FIFA, também se ressaltaram as condições estruturais em que se encontrava o estádio. A cada proposta de adequação, em função dos campeonatos, o estádio se tornava centro de discussões sobre a estrutura danificada pelo tempo, os gastos para manutenção e a indagação sobre

se, em função dessas questões, seria mais pertinente demoli-lo¹⁴. É o que se depreende da edição seguinte:

Você tem uma estrutura de 1950, que não foi mantida adequadamente durante esses 60 anos, então ela estava com problemas estruturais sérios; a derrubada da marquise não fazia parte do projeto, a gente fez um estudo bem aprofundado de patologia da estrutura e vimos que não tinha condições nem de manter nem de reconstruir, tivemos que demoli-la porque estava apresentando um processo de corrosão avançado; a gente tá mexendo num pilar e vê que o concreto tá lá no processo de deterioração e a gente tem que mexer; estava com a vida útil comprometida.

Os informantes também destacaram a relevância da reforma, em função da importância do estádio para a população, principalmente carioca. O simbolismo do estádio trazia para os funcionários uma responsabilidade muito grande, pois era necessário, a todo momento, responder às críticas sobre gastos exponenciais, sobre o tempo que levaria a reforma e sobre o cumprimento dos prazos.

Essa preocupação com o cronograma, recorrente em obras públicas colossais como a do Maracanã, dizia respeito ao risco de o consórcio não concluir os trabalhos, que eram acompanhados pela imprensa do Brasil e do mundo. É o que se depreende da edição abaixo:

Obra importantíssima, de ótima visibilidade; uma obra também emblemática né? Obra que tem uma importância mundial, você tá levando o nome do país, se essa obra der errado o Brasil fica mal visto; quando se trata de Maracanã volta-se todo mundo para esse lugar; uma obra com muita mídia; a sociedade cobra muito, essa paixão pelo futebol gera uma paixão pela parte física também, então nós temos que dar muita explicação, a sociedade toda quer saber passo a passo, essa é uma obra emblemática.

A visibilidade e o simbolismo do Maracanã suscitavam destaque para diferentes aspectos da obra, motivando polêmicas, com ressonância nas mídias, que “iam desde utilização de recursos públicos, indícios de superfaturamento ou direcionamento das licitações e inadequação, às demandas do futebol local” (DAMO, 2012. p. 42).

Observa-se uma tendência de discussão, na sociedade civil, sobre a utilização das verbas em setores públicos, com destinação social. O suporte

¹⁴ A sugestão apontava para WEMBLEY, que foi demolido em 2003.

financeiro¹⁵ oriundo das três esferas de poder para a construção das arenas se configurava como farto e abusivo. Assim, as diversas manifestações e discussões sobre os gastos na construção das novas arenas representavam, em parte, a reação e a resposta à sequência que vemos: primeiro o sucateamento, depois a privatização.

Sobre os significados do novo Maracanã: segurança, conforto, sustentabilidade ambiental e econômica

Em relação à reforma do Maracanã, os discursos dos informantes mostram novos significados sobre o estádio. Destaca-se a sensação de segurança das pessoas, como primeira categoria de análise do processo de modernização, citada pelos funcionários da obra. Algumas mudanças foram adotadas, como: a redução da capacidade do estádio, o aumento do preço, diminuindo assim o número de torcedores, atraindo novo público e incentivando o retorno de uma parcela dos antigos aficionados, que não frequentavam mais o estádio, em função das confusões e da violência.

a capacidade do estádio vai cair para em torno de 79.000 lugares; a área do camarote com certeza vai ter uma área especial num determinado trecho; tem os assentos mais próximos ao campo, os assentos vips e daí a arquibancada comum; você vai poder trazer criança, criança não vinha mais no Maracanã, adolescente, senhoras, família, tem que vir família pra cá, isso é um espetáculo.

A expectativa dos construtores era que as medidas facilitariam a vigilância e possibilitariam a um novo público, mais comportado, frequentar o estádio.

o Maracanã, ele vai ser monitorado, então briga, essas coisas, a tendência é acabar, porque você vai ter uma segurança dentro; vai ter esquema de detecção de metais; vandalismo não cabe mais no mundo; o torcedor pode levantar, torcer, brincar, berrar, mas ele não pode quebrar, quebrar banheiro; tem que ter educação.

¹⁵ Em setembro de 2010 a reforma do estádio do Maracanã foi orçada em 705 milhões de reais. Em 22 de Julho de 2013 acresceu-se um novo valor 69% maior, alcançando a cifra de 1, 192 bilhão de reais, conforme consta no Diário oficial do Rio e Janeiro, 22 de Julho de 2013.

Pela lógica do mercado, pode se cobrar um preço mais elevado do ingresso, se o serviço apresentar qualidade. Pensar no antigo Maracanã e lembrar-se da violência, do caos das filas para compra de ingressos, dos perigos dos 'bondes' nas rampas ao final dos jogos, não justificaria o aumento do valor do ingresso, nem a chegada de outro tipo de público. Logo, a estratégia adotada foi a de oferecer um estádio seguro, que atrairia pessoas de todas as idades e de uma classe social mais alta que, possivelmente, injetaria mais dinheiro no novo espaço.

Eu peguei a época que a arquibancada não tinha cadeira, ficavam três em pé ali no meio da torcida organizada, questão de segurança; era tumultuado para entrar, era o bonde, eu mesmo deixei de vir ao Maracanã, jogavam saco de urina, isso é um absurdo, a população tem que ser gente e não bicho.

As questões de segurança estão diretamente relacionadas às questões do segundo item de análise: o conforto. As recomendações sobre visibilidade do gramado, acessibilidade e evacuação aparecem nos discursos dos informantes marcando suas percepções sobre o novo Maracanã.

Após a reforma, de qualquer ponto do estádio deve ser possível ver o campo do jogo, não haverá mais pontos cegos como no antigo estádio. Todos deverão assistir às partidas sentados, e a distância dos torcedores em relação ao campo diminuirá, deixando os mesmos mais próximos da ação.

Agora você vai conseguir enxergar, de qualquer ponto do estádio. Antigamente tinha a geral, o pessoal assistia ao jogo em pé. Não pode mais. Todo mundo que tiver sentadinho lá pode ver tudo; acho que a condição de você assistir um jogo aqui vai ser infinitamente melhor por conta dessas exigências de visibilidade, de tamanho, do assento, de acesso facilitado, vai ser infinitamente melhor.

Este estudo complementa e comprova como o investimento econômico-financeiro se associa ao processo de proteção do espaço contra os abusos do público, sob um discurso de melhoria de sua segurança e aumento de seu conforto, de Gaffney e Mascarenhas (2004, p. 3): “conjunto progressivo de intervenções diversas, na arquitetura e nos regulamentos de uso, vem promovendo um aumento significativo do controle sobre os corpos, ritos e manifestações coletivas” impactando na forma de uso desses espaços.

As novas rampas melhoram o acesso e permitem a evacuação do estádio em poucos minutos, evitando assim as aglomerações, que favorecem conflitos. Portanto se configura uma rede interdependente, que atende tanto aos critérios de segurança da FIFA quanto à lógica do mercado, do conforto e do controle dos torcedores.

O acesso e a evacuação é muito mais balanceado, temos muito mais saídas; foi feito um estudo de fluxo dinâmico da saída dos torcedores pra balizar a largura dessas rampas, permitindo a gente ter uma dimensão de tempo, quanto tempo o cara leva para sair da cadeira dele até um local fora do estádio.

O uso das cadeiras numeradas, implantadas nos jogos da Copa das Confederações, primeira competição oficial realizada no estádio após a reabertura em janeiro de 2013, foi outra estratégia com o objetivo de proporcionar conforto e também segurança. As cadeiras que individualizam o espaço, assim como os setores que são separados por divisórias e portões, destinando locais específicos em função do valor pago pelo ingresso, limitam a circulação dos torcedores, impedindo que circulem livremente pelo estádio. Além disso, a nova cultura que possibilita a compra de ingressos pela internet, evitando as tradicionais filas, em nome da organização e do conforto, e dificultando aglomerações antes dos jogos. As ações implantadas favorecem a interpretação de que “o evento esportivo adquiriu alto grau de previsibilidade, submetido a inúmeras regras, um concerto de gestos eficientes, um verdadeiro espaço disciplinar” (MASCARENHAS, 2007, p. 64).

Os discursos dos construtores estão pautados em percepções que foram se formando a partir de configurações que circulavam no cenário recente do futebol, distintas das configurações existentes em 1950, ano da inauguração do Maracanã. Com efeito, “o projeto do Maracanã teve pouca preocupação com conforto, segurança, *design* ou viabilidade econômica, estando muito mais concentrado em oferecer espaço suficiente para garantir a participação democrática de um número máximo de espectadores” (CURI, 2012, p. 299). Era importante, na época, mostrar ao mundo a força da nação brasileira, capaz de erguer, em tão pouco tempo, um monumento daquela proporção, para receber a competição internacional. O apelo para que a população se envolvesse com a construção foi enorme, tanto para participar de campanhas a favor da obra quanto para ajudar a financiá-la. Expressões como ‘obra monumental’, ‘o mais belo’, ‘o mais moderno’ e ‘estádio colossal’, utilizadas na época pela imprensa, auxiliaram na construção de

representações que os torcedores têm sobre o antigo Maracanã (TAVARES; VOTRE, 2013).

Já em 2010, com um cenário associado ao mercado, que define a segurança e o conforto como questões primordiais, verificamos que novos significados se propagam entre os indivíduos. Podemos verificar que os discursos 'oficiais' dos funcionários vão construindo, ao lado do discurso midiático, um novo cenário para a 'casa' do futebol carioca.

O terceiro item identificado no discurso coletivo dos dez informantes foi o da sustentabilidade ambiental. Além de ser um requisito da FIFA, também foi foco de atenção por parte de entidades nacionais. Havia um prêmio substancial se o cronograma da obra se cumprisse, atendendo aos pré-requisitos estabelecidos para ser considerada sustentável: receberia a certificação LEED (*Leadership in Energy and Environmental Design*) e seria beneficiada com um financiamento do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

A meta do LEED é que setenta e cinco por cento do resíduo que a gente gera aqui dentro, é para reaproveitar ou reciclar; hoje a gente tá com 81% de resíduo que a gente gerou que foi ou reutilizado aqui dentro ou reciclado, pra gente não onerar mais os aterros sanitários.

O esforço para cumprir os requisitos era visível. Nas visitas ao canteiro notamos árvores sendo preservadas em meio aos materiais e máquinas de construção, o concreto do estádio assim como outros resíduos sendo reciclados, o uso de madeiras certificadas, a doação de cadeiras obsoletas, de modo que, o que era possível foi sendo reaproveitado.

Todos os cuidados em relação à poeira, a caminhões no entorno, barulho, e a questão também dos materiais recicláveis; para que não agrida nem a atmosfera nem o trabalhador que está em contato, tudo é controlado. Na demolição, todo o material foi aproveitado aqui na obra, aproveitamos a ferragem, reciclando; o gramado foi reaproveitado para áreas da Prefeitura.

Em relação ao uso do estádio quando reaberto, o projeto também previu o reaproveitamento de água e economia de energia, com a implantação de um sistema de iluminação diferenciado. Logo, tanto no período da obra quanto no do funcionamento do estádio, as preocupações com as questões ambientais eram destacadas.

A cobertura vai propiciar captar a água da chuva para lavagem de uma forma geral, dos banheiros, e pra irrigação, essa água de irrigação vai ser reciclada também; o fosso, a intenção não é isolar, é armazenar água no período de chuva, por 30 minutos. Vamos gerar energia solar, que vai cair na rede da Light, com parceria entre o Estado e a Light.

Além de sustentável ambientalmente o estádio se organiza para ser sustentável economicamente, ou ao menos ser pouco oneroso. Ele se divide em quatro grandes setores (leste, oeste, norte, sul) dois deles (leste e oeste) com a melhor visibilidade, destinados a um público diferenciado, com condições financeiras de pagar pelos serviços prestados. Nesses locais estão situados os camarotes e as cadeiras que oferecem serviço de *buffet*. Os setores atrás dos gols (norte e sul) são os de menor preço e, no acordo firmado entre o consórcio administrador e os times de futebol, são espaços do Flamengo e Fluminense, onde estão se concentrando as torcidas organizadas.

Os assentos de arquibancadas são os assentos atrás dos gols, no meio são os assentos mais caros; a previsão de ter mais camarote do que tinha antigamente, mais assentos especiais, que tenha alguma amenidade para o espectador, vai privilegiar isso para criar renda para o estádio; o Maracanã, como foi feito não era autossustentável, digo economicamente. Então para o Maracanã perdurar mais não sei quantos anos teria que mudar o modelo; é privilegiar, não estou falando aqui de classe social, mas é privilegiar o ticket mais caro, porque é ele que banca o estádio, os outros são importantes para o espetáculo, mas não o sustentam.

Embora para os clubes a venda de ingressos não seja a principal fonte de renda como descrito anteriormente, para o consórcio que administra o estádio esta é uma prioridade, principalmente na perspectiva do conforto. O ticket com um valor mais elevado, mesmo que atraia um público menor, ajuda a financiar essas modernas arenas.

Entretanto, o valor do ticket nos primeiros jogos do campeonato brasileiro de 2013, foi elevado em todos os setores, inclusive nos de menor valor, possivelmente afastando uma parte do público, o que se constata com o número de cadeiras vazias. Em outros jogos do mesmo campeonato os preços foram mais baixos, possibilitando o retorno de muitos dos torcedores até então excluídos das primeiras partidas no novo Maracanã.

A organização com a venda de cadeiras numeradas, respeitada na Copa das Confederações/2013, não foi seguida para os jogos do campeonato brasileiro do mesmo ano, pois segundo os organizadores tal regra seria de difícil aplicação. As torcidas organizadas, entretanto, tiveram que se adaptar, arrumando outros recursos para pendurarem suas faixas. As dinâmicas de entrada e saída do estádio também foram alteradas em função da nova estrutura arquitetônica, com novos portões, rampas, banheiros, bares e novos serviços, inclusive para as crianças, que recebiam pulseiras de identificação e brindes de balões no interior do estádio.

Além de desfrutar dos jogos, os segmentos de maior poder aquisitivo têm no estádio um espaço privilegiado para fazer negócios. A tendência é que os estádios se tornem espaços de multiuso oferecendo, além de jogos de futebol, outros espetáculos como shows e convenções, contando ainda com museus, shoppings e estacionamento, transformando-se em completos centros de entretenimento. O Maracanã já oferece, por exemplo, espaço para eventos sociais ou profissionais, além dos espetáculos do mundo do futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias segurança, conforto, sustentabilidade ambiental e econômica apontadas em nosso estudo, apontam para um novo paradigma, que deverá tornar-se hegemônico nas principais arenas brasileiras, principalmente após a Copa do Mundo que se realizou em 2014. As normas da FIFA seguem padrões universais de segurança, em que as condutas violentas vêm cada vez mais tendo dificuldades de se propagar, em virtude das restrições estabelecidas aos corpos, dentro dos estádios. Assim, essas modificações arquitetônicas não atingem somente as estruturas, mas também transformam as atitudes dos torcedores frente ao espetáculo.

A Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ) deixou de ser a administradora do estádio, passando para a iniciativa privada a gestão do mesmo. O Complexo Maracanã Entretenimento negociou com os clubes interessados, Flamengo e Fluminense, que passaram à condição de parceiros do Complexo. Com isso, as novas configurações surgem marcadas por relações comerciais e esportivas.

O novo cenário, remodelado no seu entorno e sobretudo no seu interior, propicia o surgimento e a consolidação de relações conflitantes entre grupos críticos às despesas com atividades esportivas e a priorização dos equipamentos esportivos. Por outro lado, no interior dos grupos que apoiam o esporte também há resistências ao novo, que foram antevistas por Mascarenhas (2004, p. 67),

A nova anatomia política dos estádios não se disseminará completamente. Tampouco será acatada plenamente por seus usuários. Há o torcedor contestador e as torcidas organizadas, com potencialidade de contraposição às estratégias de controle, gerando constantes conflitos com a nova ordem constituída.

A contraposição às estratégias de controle mostra-se insidiosa e, sobretudo, criativa. As punições contra manifestações racistas, depredação e atos de violência entre as torcidas, como jogos com portões fechados, recurso à justiça comum e proibição de entrada nos estádios, têm um tempo de saturação que não se pode medir em lustres ou mesmo em décadas, para surtirem efeito.

Apresentamos evidências de que as configurações que interferiram na reestruturação do Maracanã, estádio que se apresenta com uma nova estrutura e impõe novas práticas e comportamentos, auxiliam na construção de novas representações e vice-versa (MOSCOVICI, 1978). Trazem também um novo público para o estádio. O Maracanã, construído para o povo, se reconstrói com crise de identidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Presença, 2011.

BRASIL. **Lei nº 10.671** de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de defesa do torcedor e dá outras providências.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 64-89.

CURI, M. **Espaços da emoção**: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. 317f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFF, Niterói, 2012.

DAMO, A. O desejo, o direito e o dever – a trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 02, abr/jun de 2012. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29910/18832>> Acesso em out. de 2013.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, N & DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FIFA, **Estádios de futebol**: recomendações e requisitos técnicos. Zurique: FIFA, 2011, 5ª ed. Disponível em: <http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf> Acesso em: 15 out, 2013.

GAFFNEY, C; MASCARENHAS, G. O estádio de futebol como espaço disciplinar. Seminário Internacional Michel Foucault – **Perspectivas**, 21 a 24 de setembro de 2004, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e *flâneurs*: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Volume 5, número 1, junho de 2012.

HOLZMEISTER, Antonio. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. Dissertação de mestrado – 114f Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2005.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 15/04/2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15951&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em: 25 set. 2013.

MASCARENHAS, G. Do campinho ao grande estádio: lugares e expressões na cultura do futebol. **Revista Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 57-68, out. 2007.

MOSCOVICI, S. **Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

REIS, R. M. ; REMEDIOS, J. L. ; TELLES, S. de C. C. ; DaCOSTA, L . The football business in Brazil: connections between the economy, market and media. **Motriz: Revista de Educação Física** (Online), v. 20, p. 120-130, 2014.

SIR NORMAN CHESTER CENTRE FOR FOOTBALL RESEARCH. **Football Stadium after Taylor**. Leicester: University of Leicester, 2002.

TAVARES, A.B.C., VOTRE, S.J. Construindo representações sobre o estádio do Maracanã: análises de periódicos de 1947 a 1950. In: Hofmann A, Votre SJ. (orgs.). **Esporte e educação física ao redor do mundo: passado, presente e futuro**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2013.

APÊNDICE A - Depoimentos e entrevistas com funcionários da obra do Maracanã

MAIO - 2012

FUNCIONÁRIO MEIO AMBIENTE NA PALESTRA: para que não agrida nem a atmosfera nem o trabalhador que está em contato então tudo é controlado e o controle da poluição durante a obra, que o maior desafio é a questão do desvio de aterro, a cidade do Rio de Janeiro assim como todo o Brasil tem esse problema, o aterro sanitário e o lixão, a gente tá buscando fazer aterro sanitário mas por enquanto tem muito lixão. Aqui a gente não pode, a meta do Leed é setenta e cinco por cento do resíduo que a gente gera aqui dentro é ou a gente reaproveitar ou reciclar, então hoje a gente tá com 81% de resíduo que a gente gerou que foi ou reutilizado aqui dentro ou reciclado pra gente não onerar mais os aterros sanitários, aí, os poucos que tem e já estão cheios.

ENGENHEIRO 1 NO CANTEIRO DE OBRA: Quem já veio no Maracanã antigamente, alguém reconhece ele agora? Vocês viram o vídeo lá na sala? Tá vendo, o trabalho é grande para chegar lá, mas a gente tá aqui batalhando firme, meu nome é Marcelo Cruz, sou um dos engenheiros responsável pelo setor norte, que é esse trecho aqui, temos 4 frentes simultâneas pra gente conseguir atender o prazo. Temos 2 turnos, 5.200 funcionários divididos em dois turnos, é o sábado que é normalmente mais tranquilo, a gente tem essa visita e é movimentação de carga pra lá, carreta pro lado pro outro, então é 24h e a gente não para, a gente só não trabalha domingo. Então pra vocês entenderem, a estrutura metálica é essa estrutura amarela que vocês estão vendo o contra forte é essa primeira etapa da arquibancada. No norte e no sul a sensação é de que vai ser uma arquibancada única, unido com o que vocês estão vendo lá da parte de cima com a de baixo. No leste e oeste, ela dá uma sensação, ela vem para frente, antigamente ela tinha uma inclinação e ela vai ficar mais próxima do gramado, então muda um pouco o formato do campo. Vocês tão vendo lá são as duas primeiras vigas da cobertura, do anel de compressão que é chamado, já foi colocado, são sessenta. Depois da arquibancada montada, vão vir os cabos fazendo como se fosse uma teia de aranha, no campo aqui e vão fazer o big lift, que é a suspensão dos cabos, posteriormente colocando a lona de pvsc, material auto limpante que vocês viram no vídeo. Basicamente é isso, nós temos 4 guias ajudando montagem de, de estrutura metálica e pré-moldado, nós temos 1 guindaste de 750 toneladas que é aquele lá, ela tá aqui para ajudar a montar a cobertura, cada pecinha daquela tem apenas 40 toneladas, cada pecinha daquela ali, que mais, alguma dúvida? Alguma pergunta, alguém tem alguma pergunta, fica a vontade. A distancia entre alinha do gramado e a arquibancada, primeiro telespectador vai tá mais ou menos uns 14 metros, então o cara tá batendo lateral, o primeiro telespectador logo atrás que vai ser no leste e oeste vai tá 14 metros da linha. O campo que a gente tá hoje, que a gente tá pisando ele tem uma camada de 1m e meio de resistência pra pista, ele foi feito justamente pra pista poder suportar o guindaste, assim que terminar a cobertura ele vai ser desmontado e ele vai voltar a altura anterior. Temos o fosso, ele tá ali, a gente já tá, falta 1/5 dele, só falta um trechinho, esse fosso ele tem tampa, se você quiser você bota e tira. Esse número exato eu não tenho, mas aproximadamente 1m, 1m e meio, não passa

disso. Vai dá tempo, claro, estamos trabalhando pra isso, até maio tava 45, deve tá mais adiantado um pouco. Não tem nada previsto, nem vidro, nada, nada, você tem o guarda corpo, uma muretinha, logo em seguida o fosso, só, o fosso ele tem uma variação, porque ele tem um caimento mas ele tem 1,5 por 2,0, é pequeno, mas o fosso, a intenção não é não é isolar, é armazenar água no período x por 30 minutos, com chuva de 100 anos para não exceder a carga do rio Maracanã e Joana. Nós temos, se não me engano, aproximadamente 600 mulheres, de 5000 mil é uma proporção de 600 mulheres. Se não me engano, não tenho certeza se é amianto não, eu acho que não é não, ali do canteiro? Acho que não é não. É uma arquibancada única, vai ter dividido norte, sul, leste, oeste, mais ou menos, como se fosse atrás dos gols e das laterais ih, ah, a área do camarote com certeza vai ter uma área especial um determinado trecho em função... esse lado vai ter 1 andar e do lado de lá vai ter 2 andares, 110 camarotes, no oeste, cabine de imprensa, tribuna de honra como era antigamente, isso a Fifa dita, tem que ser no oeste porque o sol da tarde tá batendo no leste, nada por aqui é por acaso.

AB: Como está sendo trabalhar nessa obra?

Engenheiro 1: A melhor possível... Trabalhar numa obra importantíssima de ótima visibilidade é e... Adoro futebol, sou carioca eu estuo num sonho trabalhando no Maracanã... Melhor impossível / quando ficar pronto vou vir aqui e ficar muito orgulhoso, acho que vai ser ótimo, o público vai adorar vai se surpreender... eu só não gostei muito de de inaugurar na copa das confederações... Primeiro porque eu tenho que trabalhar muito mais porque meu prazo diminui em 1 ano e segundo porque não vai se ter o impacto copa do mundo e maracanã inaugurado, todo mundo já vai conhecer

FUNCIÓNÁRIO TÉCNICO SEGURANÇA: Minha expectativa é de manter o mesmo calor e espírito do futebol brasileiro, carioca, né... e que... ele dure aí no mínimo mais 60 anos com a mesma glória história né? É com uma nova concepção arquitetônica uma nova, uma nova imagem aí para o Maracanã mas sem perder sua essência. Eu entrei aqui em setembro de 2010 quando tava começando a demolir a arquibancada inferior, tirando as cadeiras e você sente, você sente... você tá tão acostumado mas acho que você faz, você sai você procura sair assim daquele ímpeto profissional da obra, você vê a energia, você sente, você tá tão habituado... mas você sente aquela energia... é um negócio diferente, tem um negócio diferente aqui.

JUNHO - 2012

ENGENHEIRO 2 NO CANTEIRO DE OBRAS: Foi passado uma série de intervenções, ou seja, recomendações da FIFA, que eu vou estar passando para vocês. Acessibilidade, é, para atender um plano de evacuação de 15 minutos, hoje, foram construídas já 4 rampas de acesso, 2 no setor sul e duas no setor norte, mais quatro torres, duas no oeste e duas no leste, fora as rampas monumentais que nós temos a do Belini e a rampa do esqueleto. Nós temos também uma acessibilidade que vai ser pelo túnel norte e o, o que vai ser, onde vai ser a entrada de veículos pra quando tiver eventos... Ambulância... Tudo nos dias de jogos o acesso vai ser pelo túnel norte. Nós vamos ter hoje 16 elevadores e 12 escadas rolantes no, no estádio e, eh, ao todo serão 175 assentos para portadores de deficiências... tá? 175.

Arquibancada, arquibancada para quem já conheceu o Maracanã anteriormente, todo o anel inferior ele foi demolido para atender um pré-requisito da FIFA que é o que hoje o primeiro assento tem que estar afastado aproximadamente 14 metros da linha do campo, ou seja, o primeiro telespectador vai tá muito próximo da linha do campo, é, é, foram demolidos todo o anel inferior e parte da superior da leste e oeste sendo mantida do norte e sul é, vai futuramente ela vai ser uma arquibancada única, ou seja, ela vai ser desde o primeiro assento ela vai pegar concordância com o último assento lá em cima, tirando a área de camarotes, vai ter são 110 camarotes ao todo, tá? Só duas, dois andares no setor oeste e um andar no setor leste. Como vocês podem observar, hoje, as nossas arquibancadas estão sendo formadas por estruturalistas, o que seria estruturalista, é uma estrutura metálica né, já pré-fabricada né, e nós temos uma central de pré-moldados, que são anéis pré-moldado que vão ser assentados sobre a estrutura metálica. Ao todo são dois mil e set... Em torno de dois mil e setecentos e uns quebrados pré-moldados, tá, que nós já iniciamos o assentamento deles no módulo sul e, e, o anel inferior é moldado in locu, tá, e a arquibancada intermediária, digamos assim é estruturalista. Cobertura, aquela antiga marquise, que tinha aqui antes e nós tivemos que tirá-la, né, remanejá-la, demoli-la porque ela estava apresentando um processo de corrosão avançado já como a obra é de 1950 ela já estava meio deteriorada, nós tivemos que removê-la estamos substituindo por uma estrutura nova, metálica é, como vocês podem observar nós já começamos fazendo o assentamento do anel de compressão tá, como é que é esse anel, o anel de compressão eles são 60 pilares 60 desse aí em torno de 40 toneladas cada um e vão ser protendidos cabos e a nova membrana, com macacos hidráulicos, são dois macacos hidráulicos por pilar, então, assim que a gente finalizar toda a parte da arquibancada esses cabos vão ser expostos desde esse anel de compressão até o meio do campo e vão fazer a protensão simultaneamente, ou seja, vai sendo erguida toda a arquibancada, o chamado big lifting, simultaneamente... A previsão desse serviço é em torno de outubro, setembro, outubro, quando a gente vai tá finalizando toda a arquibancada e início desse, desse, desse levantamento digamos assim... Hoje no Maracanã, alguns dados, nós vamos ter hoje são 231 sanitários e 60 bares distribuídos no 1º e 2º pavimento, vocês podem observar no 1º e 2º pavimento a alvenaria sendo executada junto com as instalações que fazem parte dessas, desses bares e sanitários e, e, hoje nós estamos em torno de 5.000 funcionários, né, que a obra não para, ela se inicia às 7 da manhã e vai até às 17horas e o segundo turno entra às 18 e vai até às 5 isso de segunda a sábado, o único dia que a gente não trabalha é no domingo... Nosso prazo contratual é 2013, fevereiro de 2013 e, eu pulei aqui, o assentamento dos pré-moldados tá sendo feito por essas 4 guias metálicas, elas vieram de fora da Alemanha, tá e elas, elas tão incumbidas de fazer toda a montagem da estrutura metálica e dos assentamentos dos pré-moldados. Esse guindaste foi utilizado para remover a antiga marquise, a capacidade nominal dele é de 750 toneladas então ele deve, assim que terminar de fazer a montagem é desse anel de compressão nós vamos, ele vai ser desmobilizado e vai entrar outro guindaste de capacidade menor porque tem uma mobilidade maior esse aqui por ser esteira ele, e também para a gente começar a rebaixar a cota do campo porque hoje nós estamos com uma cota aqui de 1,50m a 2,0m mais alto do que o nível acabado então assim que a gente remanejar esse guindaste a gente começa a fazer o trabalho de limpeza do campo para posteriormente fazermos a drenagem e finalmente executarmos a parte do gramado a previsão dessa parte do gramado são de 3 meses, então, novembro por aí nós vamos estar mexendo com isso, é, não aqui

já é o primeiro assento, não, hoje nós vamos ter aqui é 78.460 lugares, 78, 79.000 lugares, assentos sentados, ou seja antigamente tinha a antiga geral, o pessoal assistia o jogo em pé, não pode mais, é uma recomendação da Fifa que ela chama de curva de visibilidade, então todos os assentos, todo mundo que tiver sentadinho lá tem que ver todo, um raio de 190m do campo todo, então ele tem que enxergar tudo até a pessoa da frente não pode tá na altura da visão da pessoa de trás, então os espelhos desses pré-moldados eles mudam eles variam com uma altura de 21, 22 cm e vai a cada 4,5 fiada aumentando 1 cm até pra fazer concordância com a antiga arquibancada, é, outro dado também é comparação estrutural, como é uma obra de reforma e a obra foi feita em 1950, então muita coisa a gente acaba descobrindo aqui na obra então a gente tá mexendo num pilar e vê que o concreto tá lá no processo de deterioração e a gente tem que mexer, escarificar, tratar armadura novamente e recompor, então isso é um processo, desde o início que a gente vem mitigando, vem trabalhando em cima disso, e obra de reforma todo mundo sabe né, é aquela dificuldade, fazendo reforma em casa já é difícil, de um estádio então, é é, os dados são esses, o panorama geral da obra e qualquer dúvida que vocês tiverem eu tô aqui...

AB: como é que é trabalhar nessa obra especificamente, difere de alguma outra, tem sentimentos diferentes?

Engenheiro 2: Olha, a dedicação é muito maior, o desafio ele é muito grande e e a gente sabe que é uma obra inadiável e a gente, as adversidades e as dificuldade que a gente encontra aqui diariamente por ser uma obra de reforma... assim tem um sentimento especial porque é é a visibilidade que você tem né, é é tanto internamente quanto externamente, ih ih ih posso dizer assim, pessoalmente né, eu como engenheiro eu sei que na minha carreira, se eu tenho mais 20 anos de profissão eu dificilmente vou participar de uma obra como essa...

AB: E a expectativa de quando tiver pronto?

Engenheiro 2: A minha... Eu quero jogar uma partida aqui junto dos colaboradores que fizeram parte desse processo... Porque eu quase fui jogador e isso envolve uma coisa antiga.

AB: E em relação ao espaço, os torcedores e esse espaço novo, tem alguma ideia do que vai acontecer, até a sua sensação mesmo quando entra?

Engenheiro 2: É, ah... Realização né, de você ter participado e vê o processo concluído dá, passa um filme na sua cabeça, das dificuldades que você teve, essa não é uma obra simples é uma obra muito complexa, entendeu? Ih ih e depois quando você vê o projeto finalizado é, é, a satisfação assim é indescritível não posso te descrever em palavras...

AB: Você não frequentava o Maracanã não, você acha que vai mudar essa relação das pessoas...

Engenheiro 2: Eu acho que vai aumentar, é essa afeição, afeição acho que aumenta, porque o estádio vai ser um estádio diferenciado, vai ser um estádio de nível europeu, então, então, você vai ter recursos e outras coisas que o estádio antigamente por ser da década de 50 não, eles não tinham tantos recursos disponíveis como se tem hoje... Você vai ter telões com tecnologia de última geração você vai ter acesso a áreas e bares muito mais do que você tinha anteriormente...

AB: Mas por outro lado tinha um senhor na visita que dizia que tirou a junção, do calor humano...

Engenheiro 2: Aí, é aí é. Outro dia eu estava com uma taxista e ele me disse a mesma coisa... O glamour do Maracanã lá daquela época de muitos Flamengos e Vasco que ele assistiu de algumas finais e tal mas é mais assim para as gerações mais novas é com certeza vai ser uma mudança significativa.

AB: Vai ter outro tipo de interação...

AGOSTO - 2012

LÍDER DO MEIO AMBIENTE

AB: Você pode falar um pouco da sua história, como veio trabalhar aqui?

LMA: Meu nome é RK, eu vim pra cá indicado... por um, saí de uma obra eu estava no PAC do alemão, estava precisando alguém da minha área aqui aí me chamaram. Eu cheguei aqui no início da obra, em... Outubro de 2010 e estou até agora... Eu podia ir para outros projetos, mas eu dei preferência para cá. Por ser uma obra do Maracanã! É, assim eu sou torcedor venho, vinha para cá, é... Constantemente e era uma... Por ser uma obra também emblemática né? Final da copa do mundo, você tá num projeto que você tem uma visibilidade mundial, é uma coisa diferente, aí a preferência foi vir para cá.

AB: Você frequentava antes o Maracanã, como torcedor?

LMA: Frequentava, frequentava... muito, muito..

AB: Como você se sente participando dessa obra? É diferente?

LMA: É diferente, é diferente, porque eu tenho relação com o estádio... quando eu cheguei aqui eles estavam começando a quebrar a arquibancada... tinha cadeira ainda na época que eu vim e a máquina estava começando a picotar as estruturas das cadeiras... com grama, com trave com tudo ainda ali, era o Maracanã ainda... aí bateu um, sabe, bateu, entrar, eu nunca tinha entrado no gramado... aí você entra ali, você vê aquilo, aí dá um baque... mas é diferente, é uma obra diferente

AB: Você sendo líder, o que é passado para você, que você repassa para os outros em relação à obra?

LMA: Olha, aqui sempre que um funcionário entra ele faz uma integração, aí algumas áreas falam, falam de meio ambiente, falam de segurança de trabalho, na minha parte eles frisaram muito o tipo de obra que a gente tá fazendo, é uma obra que você tem uma importância mundial, você tá levando o nome do país, se essa obra der errado o Brasil fica mal visto, é uma obra que você tá, é o evento mais importante do mundo, mais que a Olimpíada, a estrutura é muito maior. Então foi passado isso, a importância de fazer o estádio, com que a gente vai fazer, prezando a questão da segurança, do meio ambiente, que aqui é uma estádio que vai ser certificado, ele tem uma questão ambiental dentro, a Fifa implica, coloca isso no caderno de encargos dela, então é, é eu passo isso, o tipo de trabalho é diferente, você tá fazendo uma obra que é símbolo, você vai ser visto todo esses 4 anos de obra, nesses 3anos.

AB: Qual a sua expectativa com relação a ele pronto?

LMA: Eu acredito que vai ficar pronto no tempo certo, tá entrando numa fase agora que é mais rápida que é a parte de montagem, a parte que a gente demoliu o estádio, foi muito, muito complicado, porque a gente não demoliu, a gente desmontou o estádio, aí o processo foi muito lento e agora que é a parte de montagem é a estrutura toda pré-moldada, então você vai, é como se fosse um lego, você vai encaixando as peças, é muito mais rápido, aí você olhando há 3, 4 meses atrás você não via do jeito que tá hoje, tá muito diferente, aí falam, isso vai ficar pronto, nas visitas guiadas... e hoje você vê que vai ficar pronto, eu acredito sinceramente que vai ficar pronto.

AB: E você imagina o que?

LMA: No início eu achei que ia diminuir o número de lugares no estádio, mas aí quando eu vi agora, já com a cara de estádio, com a arquibancada pronta, uma parte, eu tenho a sensação que ele vai ficar visualmente maior, porque agora você vai conseguir enxergar, de qualquer ponto do estádio, vai enxergar todo mundo, antes não, você tava na arquibancada e não conseguia enxergar o pessoal da cadeira, agora você tá com aspecto de arena mesmo, você olha, você vê ele inteiro, então você não tem um ponto cego, você consegue enxergar tudo.

AB: E você acha que vai ficar melhor?

LMA: Vai ficar melhor, vai ficar melhor, ele muda né? Eu peguei a época que a arquibancada não tinha cadeira, ficavam 3 em pé ali no meio da torcida organizada, então depois que fizeram a cadeira, ficou pior, não, é uma mudança, é normal isso, questão de segurança.

AB: Então agora como torcedor, que frequentava, que tinha toda uma maneira de se posicionar, se comportar, você acha que isso vai mudar?

LMA: Mudando, o Maracanã ele vai ser monitorado, então briga, essas coisas a tendência é acabar, porque você vai ter uma segurança dentro, pra você acessar o estádio vai ter esquema de detecção de metais, então vai ser diferente, eu acho, porque, eu já fui em outros estádio, não é a mesma coisa que aqui, a acústica é diferente, tudo é diferente, não sei, eu já fui a uns 5, 6 estádios grandes, Mineirão que parecia o Maracanã, uma arena nova, do, do Atlético Paranaense que é um estádio moderno, não tem a mesma coisa que aqui, mas isso aqui acho que continua, você entrando, quando você entra, na rampa, você já vem no clima do jogo, é diferente aqui.

LÍDER EM IMPLANTAÇÃO E MANUTENÇÃO DE CANTEIROS

LIMC: Minha formação é segundo grau e minhas qualificações são voltadas para a área residencial, predial.

AB: Você frequentava o Maracanã enquanto torcedor?

LIMC: Já, já frequentei como torcedor e hoje como funcionário. Eu vim da Odebrecht, estava na obra do metrô e ao término fomos direcionado para cá. E é com grande satisfação que estou trabalhando aqui.

AB: Como você se sente fazendo parte desse trabalho? É diferente de outra obra?

LIMC: É diferente pelo local que é e pela história que tem. Porque quanto se trata de Maracanã volta-se todo mundo para esse lugar aqui onde nós estamos trabalhando. Então é totalmente diferente. Você sabe que tá fazendo parte de uma história que vai ficar para suas gerações, vai ficar uma coisa que você vai fazer, você vai estar ali colaborando e vai ficar eternamente. Aqui é um lugar de esportes, é um lugar de estrelas, e a gente se sente uma estrela, só que nós somos umas estrelas que tá preparando o palco para as próximas estrelas.

AB: Como líder, quais as instruções são passadas para você, que você transmite ao grupo?

LIMC: O que tem passado aqui é a oportunidade está a porta de todos nós, e essa obra aqui é uma obra diferenciada, porque o mercado de trabalho da construção civil tá bem agitado e tá se faltando muita mão de obra qualificada, então para aqueles que querem e se dedicam, a oportunidade aparece, mas a pessoa tem que se dedicar.

AB: Quais são as suas expectativas em relação ao estádio pronto?

LIMC: Isso aí é que tá, a gente imagina tudo porque a gente trabalha aqui, passa mais tempo dentro do canteiro, acaba se tornando uma família aqui, e quando a gente vê isso aqui funcionando é o sonho de todo mundo tá lá sentado e esperar para ver o que vai acontecer.

AB: Que comparação você faz de antes e como vai ficar?

LIMC: Ah, antigamente o Maracanã em si, a estrutura, o visual, em relação ao conforto vai ser praticamente um novo Maracanã, a única coisa que não mudou mesmo foi a sua estrutura principal que é a fachada, mas interno não tem nem comparação com o que era o que vai ser. Os acessos do pessoal, que antes eram duas rampas, hoje o acesso é bem melhor, essa passarela que estão fazendo, estacionamento, área lá dentro para você transitar, tudo está sendo melhor, conforto, está sendo uma obra feita com tecnologia de ponta.

AB: E em relação à emoção do torcer?

LIMC: Ah, vai ser maior ainda, porque além de você estar torcendo você sabe que tudo ali que tá acontecendo você também faz parte daquela festa que está sendo realizada. E cada um de nós que trabalhamos aqui, não parece não, mas somos peças fundamentais.

Obrigada.

LÍDER DE MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS

LME: Eu nunca trabalhei em obras, essa é a minha primeira obra, eu comecei como ajudante. Eu era vendedor, vendia bebidas, me decepcionei, meu pai sempre trabalhou em obras ele entrou em contato com uns amigos dele e eu vim para cá.

AB: Como você se sente participando?

LME: É gratificante né, porque a gente tá fazendo uma reforma, uma cirurgia no Maracanã, então você fica orgulhoso de tá participando disso tudo.

AB: O que difere de outras obras?

LME: O Maracanã é visado, no mundo todo, qualquer coisa que aconteça aqui, você vê essa coisa do protesto de vans, os cara pararam aqui dentro, porque Maracanã é o foco do Brasil e do mundo todo.

AB: Você enquanto líder, o que você passa de instruções para os outros?

LME: O que eu passo é que a gente tem que se dedicar pra entregar no tempo prometido e fazer o possível para tentar chegar onde eu cheguei, porque aqui tá se dando muita oportunidade, a gente tem muito apoio do consórcio. Hoje em dia você tem o cai na rede, pra quem nunca mexeu em computador, eles dão oportunidade, tão alfabetizando algumas pessoas aqui dentro que nunca tiveram contato com colégio.

AB: Qual a sua expectativa com a obra pronta? Você frequentava?

LME: Ah, eu já vi jogos com 100, 110 mil pessoas aqui dentro. A expectativa é de ver isso pronto, o mais rápido possível. Se você tiver a oportunidade de ir no showroom lá ver a maquete, o lugar vai ficar de primeiro mundo.

AB: Em relação à torcer, vão mudar alguma coisa?

LME: Você vai ficar mais próximo do jogador, era diferente, antigamente você ficava numa distância, acredito eu, que deva dar mais emoção. Tomara que o brasileiro se comporte como o europeu, que aí a coisa anda.

Obrigada.

LÍDER ASSESSORA DE IMPRENSA

LAI: Acho que as coisas mudam, não vai mais ter aquele calor da torcida, um em cima do outro, aquela coisa de não parar de bater palma, a torcida organizada tem aquilo que você não pode parar. Acho que isso pode dar uma diminuída, mas não se sabe, as pessoas falam sem saber. As pessoas tem que saber que é um evento, não tem como você fazer uma final da Copa do Mundo do jeito que o estádio estava, a gente ia ser ridicularizado, então tinha que ter sido reformado. Vai ser uma nova forma de torcer, mas vai continuar sendo o Maracanã. A história está aqui.

OUTUBRO - 2012

ARQUITETO CONSÓRCIO Maracanã 2014

AB: Queria que você falasse um pouco da sua história em relação ao estádio.

AC: Bem, em relação ao Maracanã, eu sou carioca, nascido na Tijuca, Maracanã está na minha vida desde sempre, sempre passei aqui na frente, vinha assistir jogo aqui, é isso, não sou nenhum torcedor apaixonado, mas frequentava esporadicamente. Mas assim, por ser o Maracanã, trabalhar na obra, dá uma emoção grande. Além da obra, tem a Copa do Mundo que vai vir, essa é uma obra emblemática, uma obra bem chamativa, bem grandiosa, com muita mídia, isso é interessante.

AB: Como foi a discussão inicial da reforma, o motivo, foi só em função da Copa?

AC: A reforma somente por conta da Copa do Mundo se pensou em reestruturar, porque o Maracanã era o estádio com maior capacidade de público do mundo, na época em que ele foi construído, mas nesses anos toda a dinâmica, a forma como o estádio se organiza mudou. Mudou porque? Porque o Maracanã como foi feito não era auto sustentável, digo economicamente. Então aquele modelo era um modelo ultrapassado, então para o Maracanã perdurar mais não sei quantos anos teria que mudar o modelo, que é o que está sendo feito agora. Então é privilegiar, não tô falando aqui de classe social, mas é privilegiar o ticket mais caro, por que? Porque é ele que banca o estádio, os outros, são importantes para o espetáculo, mas não é o que sustenta. Então você vai ver hoje a previsão de ter mais camarote do que tinha antigamente, mais assentos especiais, que tenha alguma amenidade para o espectador, vai privilegiar isso para criar renda para o estádio.

AB: Na arquibancada vai ter setor diferenciado?

AC: São 4 setores, tem relação com a proximidade do campo... eu não sei exatamente como vai ser, isso depende do operador. A gente até por uma orientação da FIFA tem áreas separadas, então a gente tem os assentos mais próximos ao campo os assentos vips, os camarotes e daí a arquibancada comum.

AB: E em relação à segurança, tão falada, como é o olhar do arquiteto?

AC: Assim, é o que eu te digo, a concepção mudou, antigamente você tinha as duas rampas monumentais e algumas rampas internas, isso estou falando de 50, as rampas e umas rampas internas que davam acesso só ao primeiro pavimento, depois fizeram as rampas externas que davam acesso só ao primeiro pavimento também. Hoje não, hoje o acesso é muito mais balanceado e a evacuação é muito mais balanceada, então além de eu ter um público menor, a capacidade do estádio vai cair para em torno de 79.000 lugares, as saídas, temos muito mais saídas, tenho basicamente 6 rampas que acessam todos os pisos e a gente tá, foi feito um estudo de fluxo dinâmico da saída dos torcedores, pra balizar a largura dessas rampas, principalmente as novas pois as monumentais são tombadas. Isso permite a gente ter uma dimensão de tempo, quanto tempo o cara leva para sair da cadeira dele até um local de segurança.

AB: Esses acessos vão levar todos os torcedores? E os túneis?

AC: Bom, túneis não são acessos de torcedores, são acessos de serviços, e quem vai para o camarote não vai subir as rampas, vai entrar por baixo e vai subir de elevador, agora, em uma emergência ele sai pela rampa.

AB: E como foi projetar e as exigências da FIFA? Tudo está relacionado às exigências?

AC: O que a gente pode falar assim, a obra foi motivada pela Copa do Mundo, mas ao iniciar, ver as necessidades do estádio, muitas outras coisas foram sendo verificadas, e o que hoje é a grande parte da obra e que não estava no escopo original é a reestruturação estrutural. Você tem uma estrutura de 1950, que não foi mantida adequadamente durante esses 60 anos, então ela tava, com é que posso falar, com problemas estruturais sérios, e isso a gente tá cuidando. Inclusive a derrubada da marquise não fazia parte do projeto, veio no meio desse processo todo, porque a gente fez um estudo bem aprofundado de patologia da estrutura e vimos que não tinha condições nem de manter nem de reconstruir ela.

AB: Como é fazer parte desse projeto?

AC: Bem, eu sou o coordenador de projeto, então eu lido com grupo de projetistas. É um projeto bastante complexo, e ainda se torna mais complexo pois todas as ações, tudo tem que ser muito bem explicadas, muito bem fundamentadas, porque gera muitos questionamentos. Escolher a cor da cadeira do Maracanã, é jornal, é o governo que é o dono da obra, tem muita influência externa, né?

AB: Qual o significado que o estádio tinha para você?

AC: O Maracanã... Acho que era o estádio do Rio de Janeiro, vou falar minha opinião, eu sou bem cético com as coisas, não sou emocional e acho que o maracanã não tinha que ser mantido, deveria ser demolido e fazer um estádio novo. Por que vai ser um estádio novo. No meu olhar de técnico, de estar trabalhando aqui dentro, é uma obra muito mais complexa você fazer uma reforma desse vulto do que você construir um novo.

AB: Qual a sua expectativa em relação à esses novo estádio?

AC: Eu acho que é um novo estádio, a cara por fora é a cara do Maracanã, mas por dentro é um novo estádio. Acho que a condição de você assistir um jogo aqui vai ser infinitamente melhor, tanto no aspecto de segurança, quanto no aspecto de conforto, por conta dessas exigências de visibilidade, de tamanho assento, de acesso facilitado, de acabamento de banheiros e bares vai ser infinitamente melhor, comparado a qualquer arena moderna do mundo.

AB: E em relação à dinâmica das torcidas?

AC: Acho que continua sendo a mesma, elas geralmente se aglomeram atrás dos gols e isso vai continuar, a arquibancada, os assentos de arquibancadas são os assentos atrás dos gols, no meio são os assentos mais caros, que foi a área onde eles se misturavam.

AB: O que continua do simbolismo do Maracanã?

AC: O Maracanã, não sei quantos você conhece, mas geralmente você entra no estádio, é grande? É, mas o Maracanã é enorme, é muito largo, e essa amplitude, essa monumentalidade dele vai continuar existindo apesar de ser um estádio novo dentro, você olha de um lado para o outro da arquibancada e é muito grande, não tem um estádio do mundo que tem uma rampa desse tamanho, geralmente é uma rampa elicoidal, grudadinha ao estádio ou por dentro do corpo do estádio, Maracanã não, é espalhado, então isso não muda, é impossível mudar. É uma diretriz do projeto tentar manter o Maracanã externamente fiel ao que ele era, até a cor final do estádio vai ser o cinza que era a cor de quando foi construído, então isso tá sendo resgatado e vai ser mantido e você vai passar em frente e vai continuar sendo o Maracanã, não é o Frankstein, é o Maracanã. Ele era uma elipse agora ele fechou, ele é paralelo nas laterais, mas continua tendo os arcos atrás dos gols, agora a arquibancada está muito mais próxima do campo, isso favorece o torcedor, tá mais próximo, tá mais dentro do espetáculo. Antigamente quem sentava na arquibancada superior tava longe, a FIFA diz que a distância máxima de um torcedor a linha do corner oposta são 190 metros e o Maracanã tem áreas onde você tá muito além desses 190 metros, fora desses 190 você começa não enxergar a bola, então hoje não, eu vejo a bola, vejo o lance com precisão. Quem melhor assistia aos jogos eram os radialistas, hoje não, é o camarote.

Obrigada.

ENGENHEIRO DA EMOP (Empresa de obras públicas do Rio de Janeiro)

EE: Os 30% que hoje faltam é a parte fina da obra, acabamento, pastilhas e a cobertura. O nosso foco é a cobertura. Hoje nosso olhar, nosso cuidado maior é em relação à cobertura, é um projeto alemão, tecnologia alemã, nós não estamos acostumados com isso no Brasil, então toda tensão é pouca, não pode acontecer nenhum tipo de problema, milimetricamente, a questão das tensões são milimetricamente calculadas, os cabos vieram da Suíça, as conexões vieram da Espanha, enfim, é um projeto e uma tecnologia internacional que estamos dando ao Maracanã. Os 30% que faltam é basicamente isso, instalações, cobertura e essa questão de alvenaria. Vamos ter apoio até de alpinista para fazer o trabalho com os cabos, teve treinamento. Obra é tudo difícil, obra o desafio é completo. O gramado do Maracanã já tá sendo plantado numa grande fazenda aqui perto... Mas é uma luta diária, são 5.550 homens, trabalhando dia e noite, é um trabalho muito suado, mas trabalhando com certeza nós vamos chegar lá em fevereiro. Vai ter em torno de 80 mil, 79 mil lugares, a capacidade diminuiu um pouco mas com qualidade, com conforto, muito mais do que tinha, tinha vários pontos que não se enxergava, dificuldade de visibilidade, visibilidade muito ruim, principalmente da arquibancada inferior, muito difícil você olhar ali no gramado, você tinha uma visibilidade comprometida, e agora com essa nova geometria da arquibancada, com certeza vai ter uma grande visibilidade.

AB: O que melhorou?

EE: É um outro Maracanã, um novo Maracanã, melhorou a cobertura, antes você tinha 30 metros de cobertura agora são 68 metros e meio, praticamente todos que estão sentados vão ser cobertos, essa cobertura evita sol, chuva e etc. A questão da proximidade entre o jogador, o evento o jogador e o torcedor, muito mais próximo do que tinha. A questão da visibilidade, a questão dos acessos, dificuldade de saída e entrada, a mobilidade era muito ruim. Quatro novas rampas mais as duas monumentais, são seis rampas ao todo funcionando no Maracanã. A questão da tecnologia da informação era muito pouco tecnologia, dificuldade de comunicação, agora você vai poder falar com setor no Maracanã independente do outro. A questão da iluminação, iluminação monumental, vamos ter 4 painéis eletrônicos, vários displays. Banheiros, quantidade de banheiros maior, quantidade de bares maior. O Maracanã, tudo nele modificou, levando, no fundo um processo levando segurança, são várias câmeras de televisão, vai ter aí 360 câmeras, sistemas de controle, com salas de comando e controle. Essas salas, desde o momento que o cara entra no Maracanã ele vai poder ser filmado, a segurança vem dessa questão da filmagem, um grande big brother, para dar segurança e conforto. As cadeiras mais confortáveis, vão ser retráteis as cadeiras, facilitando a entrada e saída das pessoas das filas, das linhas, enfim, é moderno e a questão da recuperação estrutural. Nós recuperamos todos os pilares, reforço, recuperação que dá mais 60 anos de vida útil. Já estava com a vida útil comprometida, vide a cobertura, ela ganhou mais 60 anos, a maior recuperação estrutural do mundo, o Maracanã.

AB: E o camarote?

EE: Ah sim, os camarotes eram nesse setor, eram fechados, dificuldade de visibilidade, longe, ficavam enclausurados. O camarote vai agora para uma posição

no meio da arquibancada, parte interna, parte externa com climatização, são 37 mil metros quadrados de climatização, são 37 andares de mil metros quadrados climatizados, os lounges, os camarotes, não tinha climatização no Maracanã, são 110 camarotes com visibilidade, são 80 metros quadrados em média cada camarote, com 23 lugares em cada camarote, esperamos um grande, é um novo Maracanã.

AB: E o estacionamento?

EE: O estacionamento tinha cento e poucas vagas, estamos ampliando para 350 vagas, e o objetivo é ampliar mais, mas também o nosso foco não é nem carro, mas as estações do metrô e do trem. Duas estações recuperadas, tanto a estação do Maracanã quanto à estação de São Cristóvão, integrando metrô e trem, no sentido de você ter acesso mais fácil. As passarelas também vão chegar bem próximas, bem ao lado, passarelas de entrada e saída ligadas ao metrô, incentivando a pessoa vir de trem e de metrô e não de carro, claro tem uma quantidade mínima, pequena, mas nossa proposta maior não é essa.

AB: E o aspecto da sustentabilidade?

EE: Sustentabilidade, a questão da certificação Leed, a certificação ambiental, isso nós vamos coletar toda a água de chuva, essa cobertura vai propiciar captar a água de chuva para lavagem de uma forma geral, dos banheiros e pra irrigação, essa água de irrigação vai ser reciclada também. Vamos gerar energia solar em cima do painel de compreensão, vai gerar energia solar vai cair na rede da Ligth, parceria entre o Estado e a Ligth. Todo o material, toda a parte de obra ela foi e está sendo reciclada. Todos os cuidados em relação a poeira, a caminhões no entorno, barulho, e a questão também dos materiais recicláveis. A demolição, foi todo o material aproveitado aqui na obra, aproveitamos a ferragem, reciclando, o gramado foi reaproveitado para áreas da Prefeitura. Temos todo um sistema de controle e monitoramento para termos a certificação ambiental.

AB: Todo mundo tá ganhando com essa obra? O torcedor, o Maracanã, o Estado...

EE: É, eu penso que sim, é... O Maracanã, a gente conseguiu nessa geometria dele, trazer a história dele, não demolimos como Wembley demoliu. Trazemos a história, e o passado tá aqui na geometria, não mudamos nada, mas internamente é um outro conteúdo de modernidade, acho que ganhamos, todo mundo ganha. A paixão do futebol brasileiro, o Maracanã é um ícone do futebol brasileiro, mundial, e acho que é isso aí, a gente vai deixar esse legado para a população, os trabalhadores todo, engenheiros, estamos mostrando que a gente sabe fazer, apesar do curto prazo de tempo, estamos fazendo e agora queremos que os jogadores façam também.

AB: O que essa obra difere das demais na questão da sua vida profissional?

EE: Ah, difere muito né? Uma obra com um prazo muito curto e também toda essa relação com a FIFA, com grandes equipamentos, com tecnologia internacional e também a sociedade, cobra muito, essa paixão pelo futebol, gera uma paixão pela parte física também, então nós temos que dar muita explicação, muito detalhamento, todo mundo a sociedade toda, quer saber passo a passo e isso gera, gera para gente um esforço grande, não só o engenheiro como a comunicação, a sociedade quer saber detalhes de tudo, e isso aí para mim é importante, é um aprendizado, cansa, é uma obra que tá todo mundo cansado, doido para que termine.

AB: É um marco profissionalmente?

EE: Ah, é um marco, mas se você me perguntar, assim, eu quando eu fiz o teleférico no Alemão, eu senti mais uma emoção porque, quando você faz um hospital, uma escola, sei lá, eu vejo assim mais carente, uma área da população mais carente, população pobre utilizando o hospital, que usa, a questão do teleférico, muitas pessoas não saiam de casa porque eram doentes, não conseguia sair lá do morro, do complexo, isso me emociona mais, porém, aqui é a questão que marca, carimba as pessoas, essa paixão pelo futebol, essa emoção pelo futebol, você tá gerando essa emoção aqui.

AB: Vai ser entregue para a Copa das Confederações? Vai ter jogo antes?

EE: Penso que não, vai ser entregue, deve ter jogos testes e depois os jogos da Copa das Confederações, depois dela até a Copa do Mundo aí não sei, é uma incógnita.

AB: Agora essas exigências da FIFA, tem algo a mais que é nosso?

EE: Bastante, porque você vai ter que dar garantia às transmissões, mas para garantir você vai ter que dar garantia da energia, energia que tá vindo de dois lados, que está vindo das subestações, que conduzem entradas independentes, se der problema em uma entrada tem a outra e nobreak em 15 minutos. Mas o que nós impusemos foi essa recuperação estrutural por exemplo, a reestruturação não foi a Fifa, ela quer um estádio bom, mas para termos um estádio bom nós temos que recuperar tudo isso aí. Não é só a arquibancada, cobertura, essa questão da recuperação estrutural foi fundamental.

AB: Quando se iniciou as discussões para a reforma?

EE: Parou para se fazer um estudo, aí paramos para fazer um estudo profundo já que vai ter um investimento e vimos que ela estava contaminada, tava com corrosão em estado gravíssimo, não tinha condições de dar garantia à população, então teve isso aí. Tinha que fazer mesmo se não tivesse Copa.

AB: Você frequentava o Maracanã?

EE: Eu frequentei muito, torcedor do Botafogo.

AB: O que era o Maracanã para você?

EE: Ah, sempre uma emoção grande, eu vinha com meu pai, meu tio aqui ver o Botafogo, aquele dia do Maracanã era uma emoção, principalmente na entrada, cada gol, fui um torcedor ferrenho, da torcida, Unifogo, e vinha para torcer, então estava sempre no Maracanã, depois um período eu parei de vir, muita confusão, dificuldade de entrada e saída, muita briga, muita coisa eu comecei a desistir, praticamente de uns anos para cá eu já não vinha.

AB: Me fala um pouco de seu comportamento?

EE: Memória minha foi um jogo Botafogo e Fluminense, onde Botafogo acabou perdendo, gol do Lula, Marco e Ubirajara, isso aí ficou marcado, uma bronca do Fluminense. Botafogo com Paulo César Caju, Carlos Alberto, tinha Gerson, só craque, isso me marcou muito.

AB: Como vai ficar essa relação torcedor estádio?

EE: Muito mais próximo, torcedor-estádio, certamente o torcedor vai gostar, principalmente pela proximidade, pela emoção.

AB: Para alguns o Maracanã vai acabar.

EE: Eu acho que não, o problema é que para alguns, existe uma aversão à mudança. Sua cadeira vai mudar, já reclama, eu não, eu sou um cara que gosta de modernismo. Maracanã era muito longe o jogador do torcedor, é um estádio muito importante, pela história, é um ícone, mas era muito longe, você vê que aqui em cima era o camarote, distante, fechado, você não ouvia nada, agora vai ter essa sinergia, e o cara vai ficar mais próximo, não vai ter aquele fosso que distanciava o jogador, acabou, tá coladinho, tá bem próximo, o torcedor vai poder xingar mais, mas também parabenizar mais.

AB: E as práticas das torcidas? Vão mudar?

EE: Vandalismo vai, vandalismo não cabe mais no mundo. Ele pode levantar, torce, brincar, berrar, ele não pode quebrar, quebrar banheiro. Se no futuro a torcida organizada quiser, a gente pode tirar as cadeiras, tira as cadeiras e deixa aquele espaço só para ela. Quem vai administrar o Maracanã, vai e tira as cadeiras, agora não dá para quebrar, tem que ter educação, você vai poder trazer criança, criança não vinha mais no Maracanã, criança, adolescente, senhoras, família, tem que vir família pra cá, isso é um espetáculo, agora vandalismo, pra sair era tumultuado, para entrar, era o bonde, eu mesmo deixei de vir ao Maracanã, jogavam saco de urina, isso é um absurdo, população tem que ser gente e não bicho.

AB: O que permanece de simbolismo?

EE: Tudo, o simbolismo permanece, não mudou nada, se passar na rua você nem vai ver que teve obra, o Maracanã a geometria dele é a mesma externamente, as rampas são símbolos que ficaram, externamente o símbolo é esse, essa elipse aí, internamente que mudou muito, mas levando conforto e segurança.

CONCLUSÃO

A partir dos quatro artigos apresentados em nosso estudo, que tiveram como tem central o estádio do Maracanã, observamos as transformações ocorridas nas representações sociais sobre o estádio do Maracanã estabelecidas no imaginário da sociedade carioca. Essas transformações foram observadas no decurso do tempo compreendido da inauguração, ano de 1950, até sua reforma para ser arena da copa do mundo de 2014.

Assumimos as representações sociais como saberes que emergem na realidade circunstancial e dão sentido às ações de quem as constrói, e se alteram em função do contexto de cada época. Portanto, postulamos que a partir das interações e comunicações nas relações cotidianas, as representações sobre o Maracanã foram construídas e reconstruídas.

No transcurso de suas histórias de vida, os sujeitos se defrontam com diferentes realidades/estímulos, que interferem em suas práticas e percepções. Tais percepções são respostas a estímulos do ambiente físico em que vivemos. Esse ambiente acompanha a síntese do processo histórico que, por sua vez, não é um caminho linear; pelo contrário, é produzido com avanços e recuos.

Observamos que entrelaçamento entre história e representações sociais nos permitiu refletir sobre as percepções constituídas por um grupo social acerca de determinado objeto e como elas sofreram interferências do passado e se tornam disponíveis na memória ao longo do tempo. O diálogo que se estabeleceu entre representações sociais e seu campo de produção proporcionou um entendimento diferenciado daquele estabelecido sobre o fenômeno no contexto da relação tempo-espço, que remete a uma compreensão mais radical do próprio fenômeno. Tomamos o contexto social - local de produção e circulação das representações sociais – como constituinte, pois, a representação deve ser integrante desse contexto.

A partir da perspectiva contingente, na trajetória de sua existência as pessoas construíram suas representações com base nas transformações sociais, na reapropriação de conteúdos advindos do passado, de distintos períodos cronológicos e ao lado dos gerados e vivenciados a partir das novas configurações, em que se rearticulam saberes, crenças e valores sociais.

Inferimos que as representações sociais sobre o espaço Maracanã estão relacionadas às configurações sociais apresentadas nele e por ele, em uma determinada época. Dependendo do momento histórico, um espaço pode ser concebido ou repensado para atender a determinada finalidade, que pode alterar-se de acordo com aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e ideológicos dos sujeitos pertencentes ao próprio grupo e que são hegemônicos em cada momento da história.

No nosso caso, observamos que as transformações porque passaram as representações sociais identificadas ao longo dos diferentes períodos históricos do Maracanã se justificam pela atuação de distintas configurações vivenciadas no equipamento. O estudo de uma configuração deve ser entendido como uma teia interdependente entre os sujeitos, as práticas e os fatos históricos. Logo, uma nova configuração ao alterar as práticas dos indivíduos, pode reconstruir representações. Pretendemos em estudos futuros verificar se as alterações estruturais promovidas no estádio do Maracanã no período de 2010 a 2013 implicarão em novas práticas reconstruindo representações, incompatíveis com as verificadas nesse estudo.